



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) - CAMPUS X**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)**



**AMILSON SANTOS SOARES**

**A POÉTICA DO DESASSOSSEGO DE JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA:  
UM OLHAR SOBRE AS VOZES QUILOMBOLAS**

**TEIXEIRA DE FREITAS - BA**

**2025**

**AMILSON SANTOS SOARES**

**A POÉTICA DO DESASSOSSEGO DE JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA:  
UM OLHAR SOBRE AS VOZES QUILOMBOLAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da Universidade do Estado da Bahia - UNEB – Campus X, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana.

TEIXEIRA DE FREITAS - BA

2025

### FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.

Dados fornecidos pelo próprio autor.

S676p

Soares, Amilson Santos

A POÉTICA DO DESASSOSSEGO DE JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA: UM OLHAR SOBRE AS VOZES QUILOMBOLAS / Amilson Santos Soares.

Orientador(a): Gean Paulo Gonçalves Santana. Santana. Teixeira de Freitas, 2025.

127 p : il.


Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL, Teixeira de Freitas. 2025.

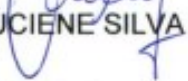
1. Estudos Literários. 2. Estudos Linguísticos. 3. Literatura Negro Brasileira. 4. Literatura Brasileira. I. Santana, Gean Paulo Gonçalves. II. Universidade do Estado da Bahia. Teixeira de Freitas. III. Título.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**  
**"A POÉTICA DO DESASSOSSEGO DE JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA: UM OLHAR**  
**SOBRE AS VOZES QUILOMBOLAS"**

**AMILSON SANTOS SOARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 17 de junho de 2025, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

  
Professor(a) Dr.(a) **GEAN PAULO GONÇALVES SANTANA**  
**UNEB**  
Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

  
Professor(a) Dr.(a) **JUCIENE SILVA DE SOUSA NASCIMENTO**  
**UNEB**  
Doutorado em Curso de Doutorado em Educação  
Universidade Federal do Espírito Santo

 Documento assinado digitalmente  
**ANDRÉ DOMINGUES DOS SANTOS**  
Data: 18/06/2025 11:49:38-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **ANDRÉ DOMINGUES DOS SANTOS**  
**Ufsb - UFSB**  
Doutorado em História Social  
Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho aos meus ancestrais, origem primária da minha existência temporal, faço menção a Maria Rosa de Jesus (em memória), minha bisavó, mulher negra, mineira, de traços ligeiros e faceiros, habitou as faces da Bahia por longos anos.

Dedico à Manoel Moreira de Jesus (em memória), meu avô, homem negro de pele retinta, soube como nenhum outro assumir seu papel na sociedade, sendo respeitado, ainda que em tempos de opressão; ganhara o apelido de “Neca Preto”, fazendo referência à sua negritude. Este foi sempre uma referência de preto que ganhou prestígio, respeito e admiração.

Dedico também aos quilombolas da região Extremo Sul da Bahia, sendo: Helvécia, Mutum, Cândido Mariano, Naiá, Rio do Sul, Volta Miúda e Mota, remanescentes de um povo esquecido, sofrido. Após séculos de esquecimento, somente nas últimas décadas foram reconhecidos como povos tradicionais afrodescendentes.

Dedico também a cada preto e preta que movimentou a sociedade brasileira em prol da liberdade, dos escritos, da história e da ressurgência. A todos os territórios brasileiros na constituição dos seus quilombos urbanos ou rurais.

Dedico a essa terra, que dentro da obra criadora, destaca-se como a mãe que acolhe, que abraça, alimenta, que é de todos, sem distinção de cor, crédulo, grupos étnicos ou quaisquer outras formas de segregação.

Dedico à Universidade do Estado da Bahia, como descentralizadora do saber, sendo esta uma porta aberta aos desdobramentos de todos os conhecimentos, ciências e crescimento próprio do seu propósito de existência.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão ao autor da minha fé, pois aquilo que fui não sou mais, nem sou tudo que deveria ser visto que já sou pela graça o que sou. Minha alma gozando riquezas, tesouros que este mundo não dá. Nascido asiático, refugiou-se em África para da morte prematura se livrar e caminhou no doce favo e na esperança da vida e em eterna bonança, nesta glória de Jesus Cristo quero estar, que se fez homem para o meu Deus revelar, não me deixando órfão, deixando o Espírito Santo a me consolar.

À esposa que conforta e acalma meu coração, verdadeiro amor encontrei em ti, este amor que é tão forte que nem mesmo a própria morte apagará. Maiany Cerqueira Fonseca Soares demonstra amor incomparável. Como agradecer esse tão belo amor? E como expressar agradecimentos com palavras? Não se pode medir, nem se pode comparar esse amor que aquece minha alma.

À filha, Ester Fonseca Soares, com sua voz mansa e suave, pronta a dizer: pai, eis-me aqui, não por palavras, por presença. Escutar sua voz hoje, me faz abrir portas sem hesitar; não é apenas um nome para se lembrar, mas uma estrela, que brilha tão intensamente que ofusca minha mente, cega meus olhos e não me canso de agradecer.

À família que, muitas vezes distante, e sem compreender o porquê de estudar, abraçou-me. Um dia, Anelísia Moreira dos Santos (Nely), disse: - [...] quero que você seja um doutor! Minha doce mãe, um dia, quem sabe, chegarei. Do gozo de lhe dar esse prazer lhe darei, sois negra, foste pobre e analfabeta, mas da sua matripotência, me pariu. Certa vez, o Sr. Lourival Soares de Oliveira (Louro), disse: - [...] quero que você seja um homem honrado! Ah, meu pai, se honrar é obedecer, sou. Se já sou, então, vou e em seu caloroso abraço de pai aqui estou. Aos doces e chamegados irmãos Andréia S. Soares (pedagoga), Catiane S. Soares (empresária), Luciene S. Soares (corretora) e ao meu amado irmão Atenildo M. dos Santos, homem da enfermagem, que não enferma no amor, acolhe quem for. Como forma de agradecer, ofereço o meu amor.

A ele que, em um momento de desassossego, me orientou; revelou-se mestre que doutrina, alinha, direciona. Das muitas bibliografias apresentadas, assertivas, e em tantas outras leituras; na apresentação do Jônatas Conceição, nas incertezas de uma escrita, mas na certeza de um resultado esperado, Prof. Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana, doutor das vozes poéticas, o que falar? Sem falas, sem gestos, sem ruídos. Só penhorar...

Aos múltiplos olhares daqueles/as que sempre tiveram a paciência do tempo para moldar, lapidar, desincrustar, assim como a água e sua sabedoria mãe faz com a pedra ao rolar e desenrolar no seu curso maior. Os meus mais nobres agradecimentos pelas tardes de momentos tão enriquecedores, prazerosos e amorosos, agradeço: Prof. Dr. Luiz Henrique Ernesto Coelho, Profa. Dra. Karina Lima Sales, Profa. Dra. Juciene Silva de Sousa Nascimento, Profa. Dra. Ivana Teixeira Figueiredo Gund, Prof. Dr. Valci Vieira dos Santos, Profa. Dra. Aline Santos de Brito Nascimento. Se aprendo e ensino, então prossigo...

Dos contatos não possíveis ou impossíveis, simplesmente circunstanciais, a estes que fazem parte do Programa de Pós-graduação em Letras, que não estiveram conosco, certamente não fisicamente, mas contribuíram com seus pareceres, indagações invisíveis, porém, palpáveis. Gratidão Profa. Dra. Crysna Bomjardim da Silva Carmo, Profa. Dra. Cristhiane Ferreguett, Prof. Dr. Bougleux Bonjardim da Silva Carmo, Prof. Dr. Celso Kallarrari de Souza Silva, Prof. Dr. Décio Bessa da Costa, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Profa. Dra. Vivian Meira de Oliveira, Prof. Dr. Leandro Soares da Silva, Profa. Dra. Lilian Lima Gonçalves dos Prazeres e Prof. Dr. Volker Karl Lothar Jaeckel.

Aos colegas, de forma muito especial, agradeço a Profa. Mestra Jânie Carla Martins Almeida Cabral, que brilhantemente apertou minhas mãos, guiando-as às descobertas, correções, dicas e conselhos. Também agradeço aos demais colegas de curso, no impulso do aprender, socializamos coisas, mas não coisificamos pessoas.

Aos professores participantes da banca de qualificação, Prof. Dr. André Domingues dos Santos (UFSB), compondo como membro externo; Profa. Dra. Juciene Silva de Sousa Nascimento, na composição como membro interno e ao Prof. Dr. Gean Paulo Gonçalves Santana, compondo a banca como orientador. Momento de grande tensão, tornou-se lembrança de um tempo de compreensão pelo tamanho respeito e acréscimo ao meu trabalho.

Aos pesquisadores que visam ampliar o diálogo acadêmico e político sobre questões raciais, valorizando narrativas e conhecimentos que resistem à opressão histórica. Que este seja um veículo para discutir temas como educação antirracista, quilombismo, religiosidades afro-brasileiras e africanas, literatura negra, corpo e gênero, reafirmando o compromisso com a construção de saberes críticos e transformadores.

## **ESPERANÇAR**

*Apenas me deixe ser  
A voz que não cala e não consente  
A dor que sangra, mas não se entende  
A que é pisada, humilhada e... sem ar  
Afinal, pode um subalterno falar?  
(Eliza Metzker, 2022, p. 37).*

## **NÃO TEM FIM**

*As tais  
três raças tristes  
são duas:  
1) a que inventa  
(e depois desinventa)  
o “conceito de raça”  
2) as que ainda não  
entraram direito  
na história...  
(Ricardo Aleixo, 2022, p.77).*

## RESUMO

A presente dissertação se propôs a construir traços da literatura negra no Brasil, a partir da escrita do poeta baiano Jônatas Conceição da Silva, através da análise de um *corpus* composto por textos críticos, literários e fotográficos, observando, portanto, inferências e interpretações entre essas distintas textualidades. Brandino (2024) diz que literatura negra é a produção artística cujo sujeito da escrita é o próprio negro. Para dialogar com o *corpus* da pesquisa foram analisados os poemas de Jônatas Conceição, disponíveis nas *Obras Reunidas Jônatas Conceição*, do Programa Rumos 2019-2020, oportunizado pelo Itaú Cultural e organizado por Ana Célia da Silva; e, ainda, os movimentos construídos a partir dos periódicos dos *Cadernos Negros* (Volumes: 9, 10, 19, 23, 29 e Três Décadas) e da fundamentação construída pelo grupo Quilombhoje. Os objetivos propostos buscam construir um caminho possível às perguntas de partida: Como entender, a partir dos poemas do literato, o desassossego e a resistência negra? Como o aquilombamento tornou-se um campo epistêmico para se fazer ouvir as múltiplas vozes e olhares de luta e resistência impressos na poética de Jônatas Conceição? Justifica-se o construto desse trabalho dada a relevância da obra do citado autor, do ponto de vista da sua contribuição literária, acadêmica, política e social que, certamente, influenciará leitores e leitoras interessados/as na criação de um olhar holístico das múltiplas identidades culturais que formam a sociedade brasileira. Não arbitrário, apropriando das reflexões de Augel (1988, p. 150-151), mesmo noutro contexto, é possível dizer que, na poética de Jônatas Conceição, o “eu poético ressalta o sofrimento estampado tanto no rosto como na alma dos indivíduos”. Desse modo, observou-se os recônditos da mente humana que nos conduz a exploração dos labirintos do âmago. Compostos por fragmentos, pensamentos e reflexões, os textos nos transportam para um universo de introspecção e desassossego, desvendando a melancolia e a solidão que permeiam a existência humana.

**Palavras-Chave:** Jônatas Conceição da Silva. Poemas. Literatura negro-brasileira. Desassossego. Escombro.

## ABSTRACT

This dissertation proposed to construct traces of black literature in Brazil, based on the writing of the Bahian poet, Jônatas Conceição da Silva, through the analysis of a corpus composed of critical, literary and photographic texts, observing, therefore, inferences and interpretations between these different textualities. Brandino (2024) says that black literature is literary production whose subject of writing is the black person himself. To dialogue with the research corpus, Jônatas Conceição's poems were analyzed, available at collected works Jônatas Conceição in the Rumos 2019-2020 Program, provided by Itaú Cultural and organized by Ana Célia da Silva; and also, the movements built from the editions of black notebooks (Volumes: 9, 10, 19, 23, 29 and Three Decades) and the foundation built by the Quilombhoje group. The proposed objectives seek to build a possible path to the starting questions: How to understand, from the literary man's poems, unrest and black resistance? How did quilombamento become an epistemic field to make the multiple voices and multiple perspectives of struggle and resistance heard in the poetics of Jônatas Conceição? The construct of this work is justified, given the relevance of the work of Jônatas Conceição da Silva, from the point of view of its literary, academic, political and social contribution, which will certainly influence interested readers with the creation of a holistic look at the multiple cultural identities that form Brazilian society. Not arbitrary, appropriating the reflections of Augel (1988, p. 150-151), even in another context, it is possible to say that in the poetics of Jônatas Conceição, the “poetic self-highlights the suffering stamped both on the face and in the soul of individuals”. In this way, we observed the recesses of the human mind that lead us to explore the labyrinths of the core. Composed of fragments, thoughts and reflections, the texts transport us to a universe of introspection and restlessness, revealing the melancholy and loneliness that permeate human existence.

**Key-words:** Jônatas Conceição da Silva. Poems. Black-Brazilian literature. Restlessness. Rubble.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Márcio, Esmeralda e Cuti fotografados em 2018 por Fábio Seixas para o Suplemento Pernambucano. ....	28
Figura 2 - A trindade .....	30
Figura 3 - Grupo Quilombhoje, 1983. ....	31
Figura 4 - Quilombhoje em 1985. Da esq. p/dir.: Márcio, Esmeralda, Oubi, Cuti e Miriam. Embaixo: Sônia, Abílio e Jamu. ....	32
Figura 5 - Grupo Quilombhoje, 1990. ....	35
Figura 6 - Quilombhoje e parceiros na Virada Cultural de 2016. ....	36
Figura 7 - Capa do jornal do MNU de 1991 – “beije sua preta em praça pública”.....	42
Figura 8 - Exemplar do jornal <i>O Progresso</i> , recuperado pela Biblioteca Nacional.....	44
Figura 9 - 190 anos de imprensa negra: história, luta e legado. ....	45
Figura 10 - Logotipo do MNU. ....	46
Figura 11 - MNU 42 anos de luta contra o racismo. ....	47
Figura 12 - Boletim do MNU Bahia nº 1.....	48
Figura 13 - Manifestação do Movimento Negro Unificado contra a Lei Afonso Arinos, considerada pouco efetiva contra o racismo e Caminhada por Zumbi nas ruas do centro de São Paulo. ....	50
Figura 14 - Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado (1993).....	52
Figura 15 - MNU aprova novo estatuto e uma agenda de luta no congresso extraordinário em Brasília – 2024.....	53
Figura 16 - Participação da mulher negra no MNU-BA. ....	56
Figura 17 - Jônatas Conceição – foto. ....	67

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>BA</b>	Bahia
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CEAO</b>	Centro de Estudos Afro-Orientais
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>FECONEZU</b>	Festival Comunitário Negro Zumbi
<b>GENS</b>	Grupo de Escritores Negros de Salvador
<b>GO</b>	Goiás
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IPEAFRO</b>	Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros
<b>IRDEB</b>	Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia
<b>MAN</b>	Museu da Arte Negra
<b>MNU</b>	Movimento Negro Unificado
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>RS</b>	Rio Grande do Sul
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>SP</b>	São Paulo
<b>tem</b>	Teatro Experimental do Negro
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia
<b>UNICAMP</b>	Universidade de Campinas
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1 UMA PERSPECTIVA DA LITERATURA NEGRA.....	13
2 PRESCIÊNCIA CULTURAL, LITERÁRIA E POÉTICA NEGRO-BRASILEIRA .....	24
2.1 CADERNOS NEGROS: A VOZ DO NEGRO ESTÁ NO LIVRO .....	25
2.1.1 A importância da série literária na apresentação do negro .....	26
2.2 QUILOMBOJE LITERATURA: ESPÍRITO DE QUILOMBO ONTEM E HOJE.....	28
2.3 VOZARIA AFRODIASPÓRICA .....	37
3 O DESASSOSSEGO DE SI MESMO: IMPRENSA NEGRA NACIONAL .....	42
3.1 PRÁTICAS INSURGENTES NO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DO BRASIL: LUTAS, CONQUISTAS E INFOGRAFIAS .....	46
3.2 INSURGÊNCIA E DESCENTRALIZAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO NA BAHIA.....	53
3.3 DESAFIOS DO PRESENTE NA FRENTE NEGRA BAIANA .....	56
4 AQUILOMBAR: VISÃO EPISTÊMICA .....	59
4.1 AFROPERSPECTISMO: CONCEITO DO PENSAMENTO PLURIVERSO .....	60
4.2 QUILOMBISMO: CONCEITO DE UM PODER QUILOMBISTA.....	64
5 JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA: O ARAUTO DO DESASSOSSEGO POÉTICO... 67	
5.1 VOZ-MENSAGEM DO INTERMUNDOS .....	72
5.2 UMA VOZ NOS ESCOMBROS .....	75
5.3 EMISSÁRIO QUILOMBISTA .....	79
5.4 AVOZ DO AQUILOMBADO .....	82
5.5 UM PORTA-VOZ DO QUILOMBO .....	84
6 TOPÔNIMO DO DESTERRADO: PARA ALÉM DE UMA CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS .....	96
APÊNDICE 01 – Cronologia Literária de Jônatas C. da Silva (1952-2009) .....	104
APÊNDICE 02 – Publicações Antológicas de J. C. da Silva (1952-2009).....	105
APÊNDICE 03 – Profissiografia de J. C. da Silva (1952-2009).....	106
APÊNDICE 04 – Periódico: <i>Cadernos Negros</i> .....	107
APÊNDICE 05 – Quadro Analítico Ficcional: Miragem de engenho (1984).....	108
APÊNDICE 06 – Quadro Analítico Ficcional: Outras miragens: miragem de engenho (1989).....	109
ANEXO 01 – Capa da coletânea <i>Obras Reunidas</i> : breve apresentação.....	110
ANEXO 02 – Capa: <i>Reflexões sobre o ensino de Português para a escola comunitária</i> .....	111

ANEXO 03 – Apresentação da capa do livro <i>Miragem de engenho</i> .....	112
ANEXO 04 – Apresentação da capa do livro <i>Outra miragens: miragens de engenho</i> .....	113
ANEXO 05 – Apresentação da capa do livro <i>Quilombo de palavras: a literatura dos afro- descendentes</i> .....	114
ANEXO 06 – Ilustração da capa do livro <i>Vozes quilombolas: uma poética brasileira</i> .....	115
ANEXO 07 – Ilustração da capa do livro <i>A crase não foi feita para humilhar ninguém: o livro de português</i> .....	116
ANEXO 08 – Poemas Publicados nos <i>Cadernos Negros: Três Décadas – Ensaios, poemas, contos</i> .....	117
ANEXO 09 – Publicação nos <i>Cadernos Negros – Vol. 09: Poemas</i> .....	118
ANEXO 10 – Publicação nos <i>Cadernos Negros – Vol. 10: Contos</i> .....	119
ANEXO 11 – Publicação nos <i>Cadernos Negros – Vol. 19: Poemas afro-brasileiros</i> .....	120
ANEXO 12 – Publicação nos <i>Cadernos Negros – Vol. 23: Poemas afro-brasileiros</i> .....	121
ANEXO 13 – Publicação nos <i>Cadernos Negros – Vol. 29: Poemas afro-brasileiros</i> .....	122
ANEXO 14 – Publicação na Coletânea <i>Schwarze Poesie – Poesia Negra</i> .....	123
ANEXO 15 - Carta de princípios do MNU .....	124

## 1 UMA PERSPECTIVA DA LITERATURA NEGRA

[...] Quando eu morrer,  
me enterrem num caixão todo-verde  
e nas manhãs de sol me molhem...  
(Verdejante, Jônatas Conceição da Silva, 1989).

Imbuído de descobertas, não apenas de um trabalho de pesquisa acadêmica, mas de um transbordamento mais conspícuos, aproprio-me da inquietação de refletir sobre outras identidades textuais, que não somente as impressas por algumas ideologias definidas em literatura, revelando certa comodidade.

A motivação em continuar os estudos pautados na questão do negro brasileiro iniciou-se na graduação, no campus XVIII da UNEB, em Eunápolis, quando dediquei-me ao estudo sobre a influência da língua bantu no extremo sul da Bahia, seguida de outras inquietações no *lato sensu*, em Literatura Africana, Indígena e Latina, com trabalhos no campo das memórias literárias em zonas quilombolas. Pouco a pouco, essas provocações acadêmicas foram delineando meus desassossegos em relação à literatura negra, lutas e resistências de vozes subalternizadas, negritudes vocalizadas nas texturas e tessituras poéticas.

Foi muito significativo vivenciar de perto aquela manifestação negra por excelência que me motivou a estudar e pesquisar, dali por diante, a cultura popular brasileira (Silva, 2004, p. 9). O professor Jônatas Conceição da Silva nos relata, em sua dissertação de mestrado, a experiência vivida nos ambientes acadêmicos ao participar do curso de Cultura Popular, no Instituto de Artes da UNICAMP, de igual forma, tornando-o uma referência para os meus feitos acadêmicos.

Naquela contemporaneidade, ele escreve um poema-retrato desse momento, intitulado “Poema da maioria”, de cunho histórico, paisagístico e fotográfico, revelando o instante que vivera intensamente. São esses os versos:

Cheguei em São Paulo às 15 horas./ Era noite. /Mas um sol ardia em meu  
peito/Anunciando auroras incandescentes./Pela manhã, ainda dia/A estrada/Me exhibia  
época distantes/Da construção/Da condução humana:/Via a serra/Via o vale, o rio/A  
estrada de ferro e a rodagem/Em mim presentia o final da viagem/A viagem se dando  
como anos atrás:/Foi de susto e de medo que forjei a tua imagem/Cidade grande e  
pequena/Indesejada e querida/Que peregrinei qual aventureiro/À procura do saber,  
querer/E esquecer passadas noites./Te quero toda Cidade/Da maioria./Da minha e  
de tantas maioridades./Trago comigo tuas marcas/Teus rastros campineiros/- algumas  
cicatrizes -/Herança maior/Que permanecem/Traçando/Indicando rumos que você me  
legou./Cidade de ruas dos meus descaminhos:/Na Carolina Florence te encontrei/Do  
Barão de Itapura escapei/Mas foi na Sales de Oliveira que amei. /Olá, meus  
Congadeiros/Adeus que vou partir/Eu vivo de déu em déu/Quando estava com  
vocês/Parecia que estava no céu. /Vou. Quero ficar e ficando. /Meu sexo esmado

deixem/Com a Carolina Florence/Meu amor inebriado esqueçam/ Com o Sales de Oliveira, /Meu coração deixem com Freitas, /O Conceição, que fique com a dona da pensão, /E a todos que não me entenderam, /Saúdo pela última vez, /Perfeito, nem Deus. /Adeus (Silva, 1989, p.21)

Esse poema foi publicado em *Outras miragens: miragem de engenho* (1989) e retrata sua experiência como estudante que sai da região nordeste do país e enfrenta o sudeste e seus desafios, trazendo um relato claro das dificuldades enfrentadas, desde o desembarque em São Paulo e, depois, sua viagem, certamente de ônibus, para Campinas, revelando uma cidade grande e ao mesmo tempo pequena. A sua maioridade está em deixar o nordeste e descobrir um campo de grandes descobertas intelectuais, sociais e místicas.

Para Luiza Brandino (2024), entende-se por literatura negra a produção literária cujo sujeito da escrita é o próprio negro. É a partir da subjetividade de negras e negros, de suas vivências e de seu ponto de vista que se tecem prosas e versos, vozes reprodutoras dos gritos, dos manifestos, dos aceites, e que vão, aos poucos, pondo fim ao histórico de silenciamentos sociais, políticos, culturais e literários. É importante ressaltar que a literatura negra surgiu como uma expressão direta da subjetividade negra em países culturalmente dominados pelo poder branco colonialista e tem se forjado como processo de resistência e afirmação de potencialidades.

Embora o mercado editorial brasileiro não tenha contribuído efetivamente para a publicação de escritores negros, o grupo Quilombhoje (1980), à revelia do sistema, representado por nomes como Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues, criou a coletânea *Cadernos Negros*, visibilizando as produções literárias negras, em uma publicação anual, oportunizando a discussão sobre a produção literária negro-brasileira (Garcia, 2017). Muitos desses autores têm se destacado na literatura brasileira, conquistando prêmios e reconhecimento nacional e internacional. É importante salientar que a luta pela representatividade e visibilidade da literatura negra no Brasil ainda enfrenta muitos desafios (Vieira, 2024).

Ao pensar nestes desafios, podemos relacionar o termo desassossego a algo que inquieta, incomoda; este conceito está presente na obra da pesquisadora Moema Parente Augel (2007), intitulada *O desafio do escomburo: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau*. No prefácio, a Profa. Dra. Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco (UFRJ, 2007), traz a seguinte definição:

Escomburo, simbolicamente, também pode representar os anos de exploração do colonizador português, que agenciou o tráfico negreiro e dominou rotas comerciais

dentro do próprio continente africano. Aponta, ainda, para outros significados, como o de destruição, cenário provocado pelas lutas civis internas em prol da independência.

O termo escombros, entretanto, pode também enfatizar um outro sentido bem diferente: o de oferecer a probabilidade de sair do que está destruído, fragmentado, em demolição, indo para o pólo oposto: para a pertinência da construção, da imaginação e, por conseguinte, para um universo de sonhos que se podem tornar possíveis (Secco, 2007, p. 16).

O comparativo proposto faz sentido ao pensarmos os dias em que o Brasil, assim como fora Guiné-Bissau, quando colônia portuguesa, também lutou em guerras civis para conquistar espaço, ter voz e crescer com o próprio sentimento de nação. Tais dias que, fantasmagoricamente, assombram nosso tempo e nossas pátrias, confrontam o senso de progresso com o desafio do escombros (Bhabha, 2002, p. 78-79).

Implicando em todo um pensamento - a teoria da literatura e dos gêneros literários e artísticos - e uma teoria da linguagem e política social, este construto, portanto, não propõe sentidos e estudos comparados à obra de Fernando Pessoa, intitulada o *Livro do desassossego* (1982), onde se vê a vida cotidiana como erro, engano, como um pacto de mentira compartilhado por todos, ou seja, o sujeito como ilusão e a identidade como engodo. Certamente Fernando Pessoa seja, dentre os poetas modernos, aquele que mais insistiu no caráter irreal da realidade social, coletiva, comum. Refletimos por um outro viés, em um estado de espírito pautado na inquietação de uma população negra que ressignificou certos conceitos no sentido do resgate de sua própria identidade. Segundo Bhabha (2001, p. 22), toda a problemática identitária e as quase obrigatórias exclusões que dela decorrem, precisam ser repensadas.

A professora Aline Nascimento (2022), na mesma linha das ideias formuladas por Bhabha, afirma que identificar-se não é, por exemplo, enquadrar-se nessa ou naquela definição, como se houvesse sempre a obrigatoriedade de encontrar-se entre duas posições opostas (Nascimento, 2022, p. 30). Há, portanto, um certo desassossego identitário, cultural e social. Nós, os escombros, buscamos a reconstrução desse lugar, onde as vozes precisam reverberar pelos cantos e não nos vemos como sujeitos de uma ilusão ou uma vida de erros. Devemos nos identificar como escombros desassossegados por começar de novo, estando no mesmo lugar.

O termo escombros também tem seu conceito em Homi K. Bhabha (2002), aceito de forma formidável, quando ele define:

[...] Nem construção, nem desconstrução, o escombros é a criação de uma forma cuja ausência virtual levanta a questão do que quer dizer começar de novo, no mesmo lugar, como se fosse noutra lugar, sítio adjacente ao desastre histórico ou trauma pessoal. O resto da ruína que acaso sobrevive carrega a memória das torres caídas.  
[...] Não temos opções, exceto a de nos interessarmos por construir edifícios; ao

mesmo tempo, não temos alternativa, senão situar, em visão panorâmica a partir de nossos edifícios, a visão do Escombros – a fundação de possíveis edifícios, outras fundações, outras palavras outras (Bhabha, 2002, p. 78-79).

Foi com essa intenção que dissertamos acerca da poética do desassossego. Há um desassossego? Certamente sim, quando atribuímos a esse termo o sinônimo de ruína, algo que precisa de recomeço, de reconstrução, sem que seu lugar possa ser abalado, afastado. Deve-se partir do mesmo lugar de ressignificar. Moema Augel reflete sobre os desafios do escombros, dizendo que:

Pelo viés da estética e da representação simbólica, através do discurso literário, as obras surgidas na década de noventa como que profetizavam as consequências da crise que já se pronunciava. Os autores guineenses buscam possíveis saídas, desconstruindo a história hegemônica, dando voz a personagens muitas vezes fantásticas, porém maravilhosamente verdadeiras, representantes da realidade local e não só. Os autores tentam, cada um a seu modo, com a criatividade específica de cada um, numa perspectiva de futuro, sustentar a bandeira das mudanças substantivas, sem as quais não será possível reformular o Estado ou criar a nação guineense, sempre apostando no capital esperança (Augel, 2007, p. 24).

O discurso que constitui a nação é constituído pela articulação de símbolos os mais diversos, não podendo se restringir ao discurso ideológico desenvolvido e difundido pelo poder autoritário (Augel, 2007, p. 25). Apesar de ter sido uma experiência vivenciada na reconstrução da Guiné-Bissau, a semelhança com o Brasil torna a comparação um lugar possível. Dialogando com Homi Bhabha, o estudo da nação através de seu discurso narrativo não significa apenas chamar a atenção para sua língua e sua retórica, mas é uma tentativa de alterar o próprio objeto conceitual (Bhabha, 1997, p. 53 *apud* Augel, 2007, p. 25).

De acordo com Antonio Candido (2008), a literatura negra desenvolve uma quota de humanidade à medida que pode tornar os leitores mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade, ao semelhante; quiçá, um desassossego, uma vez que provoca um estado de experiência, uma apropriação epistêmica, conforme Helena Teresinha Rech (1998), ou seja, revela um conhecimento, saber-*scientia* que o ser humano adquire quando sai de si – *ex*, e se confronta com o mundo, com as pessoas, as coisas e a realidade – *peri*, como sendo o processo de construção de uma consciência histórica.

Importante salientar que, com o declínio da escravidão estruturada na mordada e no pelourinho, e apesar da alforria estabelecida, pode-se concordar que o povo negro não teve direito ao conhecimento das letras. Contudo, por meio dos **cantos-poemas**<sup>1</sup> (Santana, 2020) e

---

<sup>1</sup> Nomenclatura usada por Gean Paulo Gonçalves Santana em sua tese de doutorado *Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia em 2014*, que ele afirma ser “uma expressão poética oral do quilombo de Helvécia, no Extremo Sul da Bahia” (Santana, 2014, p. 13).

de tantas outras manifestações culturais e religiosas, os negros, ao longo da história, nunca cessaram de contrapor aos processos de inculcação eurocêntrica. Como explicita Abdias do Nascimento<sup>2</sup> (1980, p. 21): “forçados a esquecer nossa história e nossa condição por tempo demasiadamente longo”. Assim, o percurso discursivo dessa escrita corrobora com a ideia de que a literatura desenvolve uma inquietude de humanidade, pulsante e aberta ao entendimento da causa do outro como sendo uma causa de todos, um direito de todos, um grito de todos.

Nesse sentido, em diálogo com Santana (2020), ao se apropriar das reflexões de Walter Benjamin, e o desejo de agregar outros desenhos sobre os fios narrativos da literatura negra, é possível dizer que estes opõem-se à informação, pois quando transmitem, “integra-a à vida do narrador, para passá-la aos ouvintes como experiência”, de modo que as marcas do narrador ficam impressas “como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila”, assim, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros [...] e incorpora as coisas narradas às experiências dos seus ouvintes” (Benjamin, 2011, p. 107).

Isso posto, é importante dizer como se deu o encontro com o poeta Jônatas Conceição da Silva. Havia batido em mim um desespero acadêmico e transbordante de preocupações: o meu tempo para problematização do tema-pesquisa no mestrado tinha esvaído. Procurava um motivo para pesquisar, escrever, infografar, abraçar academicamente os fios narrativos da poética que cartografasse a força da ancestralidade negra, pois como descreve Santana (2020), apropriando-se de Padilha (2007, p. 37), ao mencionar que “[...] praticá-la foi mais que uma arte: foi um grito de resistência e uma forma de autopreservação dos referenciais autóctones, ante a esmagadora força do colonialismo”.

Assim, em uma roda de escuta de orientação, sobressai a provocação de se pensar, problematizar, sobre a poética das vozes negras, tessituras do quilombismo em Jônatas Conceição da Silva. Sem sobressalto, a motivação em escrever sobre “vozes quilombolas” têm razões não apenas de agitação científica, mas de convicções pessoais, pois sou gerido de uma bisavó com o nome de Rosa, de pele preta, e das necessidades intelectuais capazes de perturbar uma mente silenciada, violada e confundida. Para mim, como estudante das letras e amante dos poemas, foi instigante conhecer o poeta Jônatas Conceição, pois a sua poética configura-se como vozes de insurgências literárias, uma poética do desassossego.

---

<sup>2</sup> Abdias do Nascimento também foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz de 2010, um ano antes da sua morte. O intelectual é considerado professor emérito da Universidade do Estado de Nova York. Ele também fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Museu de Arte Negra (MAN) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro, 2024).

Jônatas Conceição da Silva sempre foi um entusiasta das questões políticas e sociais, focalizando parte do seu tempo e trabalho às escolas comunitárias, como podemos notar na obra *Reflexões sobre o ensino de português para a escola comunitária* (1991), em que ele reflete sobre muitos indícios e vestígios da língua originária, ou seja, a africana. Ao trabalhar o subtítulo “A variação linguística na sala de aula”, trouxe a seguinte reminiscência:

Na minha vida escolar, tenho uma experiência inesquecível. Devia estar cursando o 4º ano primário (naquele tempo dizíamos assim) e na sede de sempre querer aprender mais, disse a professora que ensina exercícios sobre verbo: “A senhora passa que nós faz”. A professora corrigiu-me. A censura dos colegas, através de risadas e zombarias, foi mais terrível. Muitos anos depois devia estar cursando a pós-graduação em Campinas, São Paulo, surgiu-me estes versos:

**Na escola**

A professora tinha sangue azul  
 Na palma e na alma  
 Nós não sabíamos nada do verbo  
 Mas também não obedecíamos ao seu sangue azul:  
 Cláudio mijava na sala  
 Ari expiava as coxas-meninas e  
 Eu ouvia a professora de sangue azul explicar  
 “Que nós faz”  
 Não é direito  
 Nem perfeito  
 (Silva, 1991, p. 30).

Há, aqui, traços da linha do tempo, mostrando o engajamento da sua vida com as inquietudes expressas nos seus depoimentos literários. Ele identifica escombros nas suas próprias experiências vivenciadas. Numa pesquisa que fiz sobre livros didáticos e ensino de português, algumas frases de exercícios gramaticais nos fornecem uma ideia do tratamento preconceituoso que é dado à questão não norma culta da língua portuguesa (Silva, 1991, p. 31).

Pensando em algumas dessas questões, os objetivos propostos por essa pesquisa buscam construir um caminho possível às perguntas de partida: Como entender, a partir dos poemas do literato, o desassossego e a resistência negra? Como o aquilombamento tornou-se um campo epistêmico para se fazer ouvir as múltiplas vozes e olhares de luta e resistência impressos na poética de Jonatas Conceição da Silva?

Justifica-se o construto desse trabalho dada à relevância da obra do referido autor, do ponto de vista da sua contribuição literária, acadêmica, política e social, que, certamente, influenciará leitores e leitoras interessados/as com a criação de um olhar holístico das múltiplas identidades culturais que formam a sociedade brasileira. Não arbitrário, observando as reflexões de Augel (2007, p. 224), mesmo noutro contexto, é possível dizer que na poética de Jônatas

Conceição da Silva, o “eu poético ressalta o sofrimento estampado tanto no rosto como na alma dos indivíduos”.

Há um complexo entendimento a respeito do desassossego, contudo, é possível afirmar que, talvez, este se dá no reconhecimento da cultura como “a reunião de todas as manifestações, ações, símbolos e características que fazem parte do cotidiano dos indivíduos” (Nascimento, 2022, p. 13). Assim, “afirmações, resistências, mas também dores, traçam um mosaico das histórias e memórias ancestrais dos negros em versos e em prosa [...]” (Santana, 2014, p. 181).

Profetizando talvez a sua própria partida, o intelectual Jônatas Conceição, ao saber do passamento do poeta Oliveira Silveira, que ocorrera em janeiro 2009, escreveu com firmeza um texto em homenagem póstuma:

Não chorem por Oliveira. Os escritores não morrem. Os poetas são para serem lidos, relidos e divulgados a mão cheia. Principalmente um escritor que nos deu Palmares de volta. É recomendação: leiam os seus textos em salas de aulas, os reproduzam para a garotada, dê os matizes étnicos. A memória literária/histórica, assim, sempre estará sendo alimentada<sup>3</sup> (Silva, 2009).

Apresentando-se como um intelectual insurgente, esteve sempre atento a todos os movimentos do seu tempo e de tempos vindouros. Quando fez essa recomendação em homenagem póstuma ao seu admirado poeta, ainda que inconscientemente, falava sobre “si”, fazia escritas de “si”. Para Conceição Evaristo (2006), a nossa escrevivência não pode ser lida “como história de ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos”. Ainda afirma que o importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos.

Há entre os poetas Oliveira Silveira e Jônatas Conceição uma sintonia tanto poética quanto de causa político-social. Essa harmonia entre os escritores traz as histórias, narrativas, obras, insurgências e ressurgências, cantadas pelo Ilê, poetizadas pelas palavras, enriquecidas pelas múltiplas leituras. Carrega-se, portanto, recomendações de ler como aquele que não morre, uma vez que é imortal.

“Quando eu morrer/me enterrem num caixão todo-verde/e nas manhãs de sol me molhem” (Silva, 1989, p. 44), nestes versos vemos a presente vivacidade do querer ressurgir-se a cada novo raiar do sol, a cada novo dia. Há sempre um dilema a ser tratado, um desassossego a ser assossegado. Como nos versos do poema acima (“Verdejante”), em “Odôia!” o eu-lírico diz: Quando eu morrer/me enrolem em tábuas putrefatas/ De uma canoa qualquer

---

<sup>3</sup> Irohin. V. 13. N. 24 (2009), p. 35.

(Silva, 1989, p. 23), dialogando o mesmo sentimento de continuidade e ressignificação. Fazendo uma análise da arte do amigo, Oliveira Silveira (1988), escreve:

E por falar em dilema, como atender aos pedidos do poeta se ele expressa duas vontades diferentes para quando morrer: caixão verde (Verdejante) ou canoa (Odôia)? Ainda bem, para nós, que ele trabalha com a arte, uma das formas de não morrer inteiramente. Jeito de ir ficando por aí entre os vivos neste mundo único (Oliveira Silveira, 1988, p.11-12).

É possível dizer que na poética negro-brasileira há uma voz que grita, que geme, que manifesta. Nos fios narrativos, podem-se perceber os desassossegos dos processos que, através dos epistemicídios<sup>4</sup> ocasionados ao povo negro, foram (des)territORIZANDO sua cultura. Considero um desassossego penetrar e procurar entender a trajetória desse mosaico étnico e sua implicante multiplicidade cultural que “[...] descreve aquelas formações de identidade que atravessaram e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (Hall, 2000, p. 96).

O processo discursivo metodológico desse estudo pauta-se na dimensão bibliográfica e documental. Bibliográfica no referenciamento de autores estudiosos dos temas levantados; e documental, tomando posse do acervo organizado e disponibilizado em *sites* e mídias produzidas como memorial de Jônatas Conceição da Silva.

Para dialogar com o *corpus* da pesquisa, serão utilizados/analizados os poemas de Jônatas Conceição da Silva, disponíveis no livro eletrônico *Obras Reunidas Jônatas Conceição*, sob a realização e edição da Ereginga Educação e apoiado por Rumos Itaú Cultural, em reconhecimento ao grandioso legado deixado pelo intelectual. Esta produção contou também com a organização de Ana Célia da Silva (sua irmã).

Para contextualizar a discussão, será importante trazer vozes como as de Luiz Silva (Cuti, 2010), Gean Paulo G. Santana (2014), Abdias do Nascimento (2019), Moema Parente Augel (2007), Esmeralda Ribeiro (2024) e Márcio Barbosa (2024) (coordenadores do grupo Quilombhoje). São estudiosos, escritores e poetas da literatura negro-brasileira, em que o quilombano faz parte da vida e obra desses sujeitos que provocam, insurgem e apresentam negros e negras em diáspora.

O desenvolvimento da pesquisa apresenta introdução, quatro capítulos, conclusão, referências e um repositório dos poemas de Jônatas Conceição da Silva. Após isto, faço uma breve descrição do conteúdo de cada bloco ou capítulo a ser explorado nas discussões.

---

<sup>4</sup> Termo usado por Boaventura de Souza Santos em sua obra *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (1994), que significa o aniquilamento de saberes, conhecimentos e culturas não assimiladas à cultura branca/ocidental.

Ao determinar o tema desse início, muitos foram os olhares e reproduções de vozes indagativas sobre as trilhas a seguir. Na escolha das epistemologias, pressupostos metodológicos e, até mesmo, teóricos, que fossem embasar minha inquietação, percebi-me desafiado com a necessidade de enunciar um complexo alinhavado cultural. Deparei-me, então, com a questão da literatura negra no Brasil, não obstante a tudo isso, teorias embrenhadas nos mais diversos discursos e análises acadêmicas. Tem também, comprovadamente, que levar em consideração o contexto atual, em que se discute a aplicação da Lei 10.639/2003, que versa sobre o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, completando 22 anos de existência, abrindo margem para várias discussões e grandes avanços socioculturais no nosso país.

A partir daí, veio-me a ideia de discorrer de forma menos conveniente, mas contundente, sem nos prender à moda intelectual do momento, fazendo, contudo, uma abordagem histórica, porém, poética, contida na literatura produzida por um negro ou por negros pertencentes a essa demografia pouco contabilizada em outras épocas. Sem perspectivas quantitativas que esboçassem interesses econômicos, sociais ou mesmo intelectuais, séculos depois, a mão de obra escravizada, ver-se vozeada, não por moção de congratulação de trabalhos realizados, antes por gritos e gemidos expressados. Em busca da visibilidade intelectual da crítica política, apresenta-se a importância de um campo editorial que reproduzisse a expressão do negro na literatura brasileira.

Em outro bloco da discussão, há uma completude, trazendo uma discussão acerca das considerações sociais e políticas como vozes que se fazem necessárias no contexto nacional. As correntes não seriam quebradas se um certo rebuliço não acontecesse nos movimentos sociais; se os gritos ensurdecedores não acontecessem nos cadernos, boletins e jornais da época. Se não houvesse revoltas nas cidades, nas universidades; se negras não repudiassem seus feitores e algozes.

A partir desse olhar, despertou-me a necessidade de investigar sobre os movimentos políticos que trouxeram aos dias atuais as conquistas legislativas e as liberdades que se depreendem das falas hipócritas de hegemonias falidas, dessa forma, vê-se a necessidade de analisar a literatura, a partir das resistências e resiliências negras.

Poucas são as décadas que nos separam das frentes e dos movimentos ocorridos no Brasil e na Bahia, mas que nos trazem lembranças de um grupo ou de grupos de homens e mulheres que forjavam suas identidades na escravidão, sendo esta pautada nas correntes, senzalas e pelourinhos. Agora, há toda uma construção simbólica e prática que organiza um

povo em sua necessidade de liberdade, ainda que condicionada, oprimida, mas que não se calará jamais.

No decurso da inquietude, houve uma preocupação em ter uma visão epistêmica, buscando, assim, o conhecimento dos conceitos. Nesse entendimento, abordo a necessidade do quilombamento, na proposta do “afroperspectismo” e do “quilombismo”. Dando lugar a esse enfoque, há, portanto, uma inquirição na abordagem da literatura negra e das questões étnico-raciais, discutindo, contudo, propostas quilombistas para os estados brasileiros onde formam grandes aldeias e quilombos, gentes e povos; onde se pode falar no desbancamento elitista de uma cultura hegemonicamente branca e vozear sobre a inclusão de subalternos, das culturas marginais e das minorias, observando os traços da periferia, suas trilhas, seus caminhos e suas contribuições intelectuais, desterrando valores.

No bloco de discussões das análises, leituras e presciência, desenrola-se uma série de fontes desse *corpus*, bem como a sua importância intelectual, tendo em vista o grandioso papel no desenvolvimento das reflexões teóricas e analíticas dos resultados em torno de questões de cunho literário, poético e exercendo um efeito multiplicador de explosões fora de nós.

Proclamá-lo como arauto do desassossego é prestigiar o trabalho negro literário. Neste passo, encontra-se um estudo pormenorizado de Jônatas Conceição da Silva, especialmente neste bloco, com subtemas, no formato metodológico, mas que considero como momentos de estudo. Faremos, contudo, várias avaliações analíticas de poemas e falas que sussurram e reverberam seus desassossegos.

Ressaltamos que há, aqui, uma reflexão daquilo que está fora de nós, representando a resistência e militância contra a elite racista. Desse modo, tem-se neste último momento, a apresentação de resultados de uma memória coletiva registrada pelo autor como símbolo de um povo que sobre(viveu) às mais inóspitas situações e condições a este imposta. Será necessário, portanto, de elementos biográficos e infográficos para qualificar as falas e endossar os estudos e análises.

Que soem os tambores da liberdade, que ecoem as vozes negras. Resistência e militância contra a elite racista. Desse modo, tem-se, à guisa da conclusão, um parecer final trazendo à tona a importância de se tratar de um escritor baiano e suas contribuições para essa produção intelectual. Como bosquejo, almejo, neste estudo, engendrar questionamentos e procuro elucidá-los por vias estudadas e sua observância a partir dos poemas, da literatura bibliográfica analisada, trazendo provocações e elucidações refletivas. Apurei que há um universo faccioso interessado em minar as produções intelectuais, sobretudo no que tange à literatura negra. No entanto, será muito importante evidenciar a produção e reprodução de vozes negras.

Não se trata, portanto, de um intelectual que teve em seu tempo de vida uma obra reconhecida nacionalmente ou mesmo internacionalmente, mas que, dentro de suas limitações e impossibilidades, fundou entidades, lecionou, produziu e preocupou-se com o negro, seu contemporâneo, nos inquietando para não fazer calar essa voz negra, mas reverberar seus dizeres e reconhecer suas lutas. Não há, aqui, o intuito de esvaziamento do estudo, pelo contrário, quero provocar a discussão para que outros pesquisadores possam, em outras análises, fomentar pensamentos, críticas e perspectivas que os levem a múltiplos olhares, formando um elo de mentes transformadoras de si e dos outros.

## 2 PRESCIÊNCIA CULTURAL, LITERÁRIA E POÉTICA NEGRO-BRASILEIRA

### Ferro

Primeiro o ferro marca a violência nas costas  
 Depois o ferro alisa a vergonha nos cabelos  
 Na verdade o que se precisa é jogar o ferro fora  
 e quebrar todos os elos dessa corrente de desesperos.  
 (Cuti, 2005).

Esse pressago, presente no poema de Cuti<sup>5</sup>, rememora a exploração crescente e intensiva e o controle extensivo dos negros escravizados marcados pelas “cadeias de ferro” e as argolas largas com que eram presos. Lembrar dessas correntes, é rememorar a história de um povo que sofre com um passado ainda presente, contudo, os grilhões não impediram os movimentos, a continuidade das epistemologias pautadas na ancestralidade, na religiosidade, no coletivo artístico cultural, que se tornaram vivências, resistências, ante aos genocídios e epistemicídios eurocentrados.

Para refletir essa realidade negro-brasileira, evocamos o termo presciência, cuja definição se trata de uma ciência, saber ou conhecimento do futuro, de eventos futuros. E, nestas trilhas, importante traduzir os pressentimentos e incursões expressos nas vozes poéticas, nas ações sentidas nos fios narrativos da cultura, na suspeição e/ou no sentimento antecipado e sustentável da luta e resistência impressas, que cartografo as análises no campo epistêmico do entendimento de que:

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “CULTURA”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (Thompson, 1998, p. 17 *apud* Nascimento, 2022, p. 27-28).

Por isso, a defesa de uma presciência cultural nos leva ao entendimento de que não devemos cruzar os braços, mas prever um futuro cheio de créditos e proteção. Não há esperança de um cruzar de braços e esperar, pois, segundo Freire (1997), esperança significa algo enquanto luta e se existe luta com esperança, esperar, não é pausar, mas acreditar que há crença nas batalhas ancestrais e na presciência dos saberes herdados da gente preta.

---

<sup>5</sup> Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo em 1980, obteve os títulos de Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp. Em 1978, foi um dos criadores do jornal literário *Jornegro* e da série de antologias *Cadernos Negros*.

No campo da cultura, a literatura, juntamente com as outras artes, atua no sentido de tornar o imaginário coletivo e individual, dinâmico, permitindo-lhe não se esclerosar. A vida é movimento, descoberta constante. Imaginário cristalizado significa sofrimento, violência e morte (Cuti, 2024). Nesse entendimento, percebemos que a previsão dada por meio da literatura, influencia o resultado dos estudos que se movimentam em torno do grupo Quilombhoje, por exemplo, ocasionado pela poética negro-brasileira. Para refletirmos como a literatura contribui com a previsão futura de um comportamento histórico, social e cultural, podemos nos apossar da seguinte fala:

Produzir literatura a partir de uma perspectiva antirracista é contribuir para a libertação das pessoas, é incentivá-las a sair da vala comum da obediência aos ditames da crueldade milenar que torna o “*homo sapiens*” em “*homo stultus*”, colocando a estupidez como parâmetro a ser seguido, inclusive com toda a tecnologia que se vai inventando (Cuti, 2024, p. 6).

Lê-se, nessa fala, que a presciência de Cuti (2024) aponta para um passado não esquecido, mas em superação, com uma visão holística de um futuro promissor, tendo a produção de literaturas libertadoras, na construção de sujeitos fortes e capazes de desatar amarras. Pais fortes, filhos fortes! Pais fracos, filhos fracos! A perspectiva antirracista, além de promover a libertação, certamente nos incentivará a sair dos buracos sulcados pelos interesses “branquialistas” e desumanos.

## 2.1 *CADERNOS NEGROS: A VOZ DO NEGRO ESTÁ NO LIVRO*

A produção dos *Cadernos Negros*, assim como de todo saber cultural, social e econômico, impresso no Brasil, desmente a ideia de que os negros e negras seriam inferiores e desqualificados/as, e que só conseguem executar trabalhos subalternos, sendo incapazes de produzir quaisquer outras epistemes que fossem interessantes à sociedade e que tivessem algum valor. Por muitos anos, talvez séculos, essa mentalidade tenha ficado arraigada nos homens e mulheres construtores desse imenso país-continente.

Para Jônatas Conceição da Silva (2006) a poesia é expressa pela delicadeza e é a mais plena humanização do planeta. Os poetas da oralidade, os que compõem para a música no Brasil, são os nossos educadores maiores. O autor escreveu esse texto na apresentação das suas produções publicadas no livro *Cadernos Negros*, n. 29, em 2006.

A voz que ecoa nos livros mostra uma intelectualidade implacável, destemida, e capaz de vozeir os sentimentos do âmago. Para “ser” negro é preciso muito mais que apresentar um

órgão que banha músculos e reluz a cor. É necessário viver como negro, escrever como negro; é preciso aquilombar-se e ser insurgente em uma voz que se coloca na defesa da literatura negro-brasileira. Desse modo:

O nome *Cadernos Negros* foi uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus, autora da célebre obra *Quarto de despejo*, diário de uma favelada, dentre outras, que escrevia seus poemas, letras de música e a história de sua vida em cadernos. O objetivo inicial era formar um coletivo de escritores e escritoras negras e publicar suas poesias e seus contos, assim como formar um público-leitor de suas obras. O primeiro volume foi lançado um ano após da morte de Carolina (Oliveira, 2020, p. 140).

Na visão de Oliveira (2020), a homenagem foi um marco de suma importância para um coletivo de pessoas sedentas por uma escrita livre e um descontentamento de expressão revolucionária.

Os *Cadernos Negros* surgem como mais um sinal desse tempo de África – consciência e ação para uma vida melhor, e neste sentido, fazemos da negritude, aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos os mais atingidos (Silva, 1978, p. 3).

Fazendo uma análise da obra *Quarto de despejo*, escrita por Carolina Maria de Jesus, conforme Oliveira (2020), acredita-se que a narração é de vivências típicas, reais, verossímeis às do leitor, que está cansado de ler a história forjada e contada a partir daqueles que não viveram o grito do chicote, a fome da favela, o gotejar do telhado coberto por trapos em uma periferia distante.

### 2.1.1 A importância da série literária na apresentação do negro

*Cadernos Negros* é uma série literária independente, que veicula textos afro-brasileiros. Concebida por jovens estudantes que acreditavam no poder de conscientização, sensibilização e acolhimento da literatura, a série veicula até hoje, na poesia e na prosa, a possibilidade de expressar e promover a produção cultural e intelectual contemporânea, concebida e escrita por literatas pretos brasileiros.

O intelectual, contista e pesquisador Jônatas Conceição da Silva, ao escrever a abertura do 10º volume dos cadernos negros, nos traz uma elucidação do que seja, talvez, a perspectiva dos autores desse periódico na conjuntura político-social da qual fizeram e fazem parte, visto que há uma exemplificação do método de escrita negro e forma de ver a literatura brasileira. A seguir: [...] independentemente de qualquer valorização qualitativa da produção veiculada, o que fica para a história da literatura brasileira é uma obra que dá testemunho incomparável do

modo negro brasileiro de ler/perceber/escrever o mundo (CN, 1987, p. 09).

Os movimentos sociais e as estratégias de reconhecimento sócio-político nos trazem a ideia da relação história *versus* literatura. Há um período histórico no Brasil, compreendido entre os anos de 1964 e 1985, conhecido pelos populares como Ditadura Militar, em que se abriu uma cicatriz sócio-política, talvez a maior. Compreender a importância desses movimentos no Brasil é também reconhecer que os levantes socioculturais neste período fortaleceram e ressignificaram a atitude do negro na sociedade brasileira.

Os *Cadernos* foram concebidos durante os anos 1970, contexto no qual efervesciam movimentos de autoafirmação da população negra. Neste período, junto às emancipações de Angola e Moçambique da condição de colônias europeias, havia movimentos como o *Black Panthers*, *Black is beautiful* e a Imprensa Negra Paulista, além do ecoar do ativismo de Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Rosa Parks e Nelson Mandela. Como diversas marés confluindo para um mesmo sentido, uma onda de luta pela equidade de direitos se espalhava pelo globo, difundindo consciência, complexificando o debate e incentivando o combate à discriminação racial (Nogueira, 2024).

No Brasil, esse fator combativo foi intensificado pelo acesso da população negra às universidades. O furor do surgimento de novas entidades de ensino superior viabilizou o ingresso, mesmo que tímido, das pessoas pretas em espaços de formação cultural e de ensino. Entre esses estudantes estava o escritor Cuti, então aluno do curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP) (Nogueira, 2024).

Defensor e militante da causa negra, Cuti é um dos fundadores e mantenedores da série *Cadernos Negros*, a qual dirigiu entre 1978 e 1993. É, também, um dos fundadores da “ONG Quilombohoje Literatura”, além de membro atuante entre os anos de 1980 e 1994. Desde então, faz questão de estar sempre nas edições anuais dos *Cadernos*, tanto em prosa como em poesia, apenas com uma exceção no número 17, publicado em 1994, do qual não participa. Teve, também, atuação relevante no *Jornegro*, órgão da extinta Federação das Entidades Afro-brasileiras do Estado de São Paulo. A partir de 1978, esteve entre os organizadores de várias edições do Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU) realizadas no interior do estado (Nogueira, 2024). Concordando com Cuti (2010), a seguir, um trecho do pensamento que ecoa nos quatro cantos das universidades, como luta para a exclusão racista:

Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos de exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação (Cuti, 2010, p. 12).

Na defesa de um país étnico e racialmente plural, a iniciativa de um grupo destemido e corajoso desenvolve um importante papel histórico-social que, através da literatura, abriu um mundo de oportunidades para jovens e pessoas com poucas ou quase nenhuma oportunidade de direitos. Podemos retomar o trecho da poesia de Cuti (*In: Negroesia*, 2007, p. 53-54), onde diz: “às vezes sou o porteiro/ não me deixando entrar em mim mesmo/ a não ser/ pela porta de serviço”. E, sem receio, para enfrentar esse apagamento da autoestima expressa nestas palavras, se faz necessário produzir literatura negra para negros brasileiros.

A seguir exponho uma foto (Figura 1) retirada do *site* Quilombhoje, mostrando que as conquistas podem atravessar o tempo e unir forças/combates ao pensamento racista.

Figura 1 - Márcio, Esmeralda e Cuti fotografados em 2018 por Fábio Seixas para o Suplemento Pernambucano.



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br>.

Precusores da literatura negro-brasileira, esses três grandes nomes, Márcio, Esmeralda e Cuti, já profissiografados anteriormente, trazem nesta foto, a clara expressão de persistência e de resiliência frente ao tempo, pois abriram caminhos e expedições para as produções literárias de vozes subalternizadas. As ferramentas utilizadas foram palavras forjadas em penas de ouro contracoloniais e de enfrentamento ao racismo.

## 2.2 QUILOMBHOJE LITERATURA: ESPÍRITO DE QUILOMBO ONTEM E HOJE

O grupo Quilombhoje é um coletivo que nasceu em 1980, com o objetivo de “discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura”<sup>6</sup>, segundo é informado em seu *site*. O

<sup>6</sup> Disponível em: <https://ims.com.br/convida/cadernos-negros-quilombhoje>. Acesso em: 03 ago. 2024.

pensamento é, especificamente, incentivar a leitura de autores negros, bem como a produção literária desses autores, difundir conhecimentos e informações, e estimular e desenvolver estudos sobre literatura e cultura negra. Para falar do Quilombhoje, é importante contar a história dos *Cadernos Negros*.

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática (Brasil, 2004, p. 17).

Os estudos e obras produzidos pelos grupos e movimentos sociais, traz essa responsabilidade pluriétnica, como citado acima, bem como a relevância das obras, sejam por meio de poemas, contos, folhetins, artigos, livros ou orais, no que diz respeito a todo brasileiro nato ou naturalizado.

O grupo Quilombhoje, formado em 1980 e inicialmente composto por Abelardo Rodrigues, Cuti, Mário Jorge Lescano, Paulo Colina e Oswaldo de Camargo, surgiu a partir da necessidade de se discutir o papel do negro na literatura brasileira. Em 1982, passaram a fazer parte do grupo, Esmeralda Ribeiro, Jamu Minka, José Alberto (até 1984), Márcio Barbosa, Miriam Alves, Oubi Inaê Kibuko, Sônia Fátima e Vera Lúcia Alves, com o objetivo de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura.

Este coletivo tem como proposta incentivar o hábito da leitura e promover a difusão de conhecimentos e informações, bem como desenvolver e incentivar estudos, pesquisas e diagnósticos sobre literatura e cultura negra (Quilombhoje, 2024). O símbolo ou logotipo utilizado pelo grupo é o da Figura 2, intitulada “A trindade”. Dentre as várias propostas do Quilombhoje estão as de incentivar a leitura e dar visibilidade a textos e autores afrodescendentes.

Domingues (2017) esclarece que a história das cores em comum entre os países africanos tem origem na Etiópia após a vitória contra a tentativa de domínio colonial dos europeus. Dos mais de 50 países africanos, pelo menos 13 têm bandeiras em verde, amarelo e vermelho. Neste quesito há certa semelhança com o Brasil.

Podemos observar que as cores das bandeiras africanas têm simbologia parecida em todos os casos, inclusive com a bandeira do Brasil: o verde remete a mata e a esperança dos povos africanos; amarelo representa as riquezas e o ouro que pertence ao continente; enquanto o vermelho homenageia os guerreiros que derramaram sangue e os que perderam a vida durante as batalhas de enfrentamento ao regime colonialista (Marchi, 2016, p. 30).

Vemos abaixo, na Figura 2, representada por três cores simbólicas, nas cores africanas, três máscaras, além dos desenhos afro geométricos, há ainda dois braços e mãos pretas segurando um livro. O desenho geométrico parece apontar uma seta saindo do livro e elevando-se às alturas, mostrando, a partir daí, uma fonte do conhecimento e da sabedoria humana. Muitos desses elementos da cultura africana representam símbolos de força, resistência e espiritualidade, características presentes no cotidiano de muitas comunidades brasileiras.

Figura 2 - A trindade



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br>.

Joelza Ester Domingues (2018) pontua que:

Quando uma pessoa usa a máscara africana ela assume a entidade que a máscara representa, transformando-se no espírito evocado pela própria máscara que passa a residir dentro do corpo da pessoa. A máscara africana procura captar a essência do espírito, e não os seus traços físicos reais; por isso, ela faz uso de distorções e abstrações. As máscaras africanas do povo Bwa, de Burkina Faso, por exemplo, representam espíritos invisíveis da floresta e, por isso, têm formas abstratas, puramente geométricas. Já as máscaras africanas do povo Fang, do Gabão, Guiné e República dos Camarões, tem a forma do rosto bastante afunilada e reduzida a poucos elementos: os olhos são pontos, a boca é pequeno círculo, sobrancelhas e nariz unidos (Domingues, 2018, p. 1).

Fazendo uma abordagem ainda histórica, podemos ver o quanto as cores, as máscaras, os símbolos são importantes para ressignificar as coisas e não coisificar pessoas.

Muitas culturas africanas imprimem em suas máscaras elementos morais. As máscaras africanas dos Senefu, povo da Costa do Marfim, por exemplo, têm os olhos meio fechados, simbolizando uma atitude pacífica, autocontrole e paciência. Já as máscaras africanas dos Grebo, também da Costa do Marfim, têm olhos redondos representando estado de alerta e raiva, e o nariz reto que significa determinação e decisão. Em Serra Leoa, boca e olhos pequenos representam humildade, e uma testa grande e saliente representa sabedoria. No Gabão, queixo e boca grandes representam autoridade e força (Domingues, 2018, p.).

Podemos observar que as figuras ou desenhos afro geométricos apresentados no logotipo do Quilombhoje trazem essa forma identitária não meramente figurativa, mas rica em espiritualidade e ancestralidade.

As palavras de Cuti, ao escrever a poesia “Quebranto”, que se encontra na antologia poética do livro *Negroesia* (2007), realçam bem esse papel na sociedade constituída a partir das lutas.

### Quebranto

às vezes sou o policial que me suspeito  
me peço documentos  
e mesmo de posse deles  
me prendo  
e me dou porrada

às vezes sou o porteiro  
não me deixando entrar em mim mesmo  
a não ser  
pela porta de serviço.  
(Cuti, 2007, p. 53-54).

Percebe-se na escrita do poeta que o eu-lírico encontra-se sujeitando-se na posição de autoridade e, ao mesmo tempo, na suspeição de investigado por uma culpa que não é sua, prendendo-se nas questões sociais e culturais da cor da pele e das insurgentes abordagens feitas pelos policiais (primeira estrofe). Na segunda estrofe do poema, verifica-se o papel de alguém que, mesmo sendo a autoridade, não se permite sê-la.

Entendo que o negro precisa se permitir, libertar-se dos medos históricos e se projetar como aquele que constrói, fomenta, provoca e inquieta, desassossega em si a vontade de criar, de fazer, de se colocar como protagonista das cenas impostas pela sociedade brasileira. Daí a importância do surgimento dos grupos, movimentos e iniciativas, como se observa na Figura 3.

Figura 3 - Grupo Quilombhoje, 1983.



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br>.

Era início da década de 1980 e o movimento do grupo criava força e expressão. Registra-

se que os primeiros encontros do grupo Quilombhoje eram informais e ocorriam no extinto bar “Mutamba”<sup>7</sup>, reduto de boêmios<sup>8</sup> e intelectuais no centro da cidade de São Paulo (Figura 4).

Figura 4 - Quilombhoje em 1985. Da esq. p/dir.: Márcio, Esmeralda, Oubi, Cuti e Miriam. Embaixo: Sônia, Abílio e Jamu.



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br>.

Com forte participação em movimentos negros brasileiros, não podemos deixar de apresentar uma breve profissiografia dos integrantes desta foto. Márcio José Barbosa (sentado, acima, à esquerda), um dos expoentes da primeira geração Quilombhoje, nasceu em São Paulo, capital, em 14 de dezembro de 1959. É escritor, pesquisador e militante do movimento negro desde 1976. Formado em Filosofia pela USP, atua profissionalmente na indústria editorial (Quilombhoje, 2024).

O *site* do Quilombhoje (2024) traz a foto de Esmeralda Ribeiro (em pé, à esquerda), jornalista, nascida em São Paulo, em 1958, que também faz parte da primeira geração Quilombhoje, com atuação nos movimentos de combate ao racismo e na construção da literatura afro-brasileira a partir do resgate da memória e das tradições africanas presentes no arquipélago cultural vigente ao Sul do Equador, sobretudo no Brasil. A autora participa

<sup>7</sup> A mutamba é uma planta muito popular no mundo da medicina alternativa. Seus poderes de cura estão presentes em suas cascas e frutos. Ocorre em várias formações florestais da América Central e do Sul, aparecendo preferencialmente nas florestas semidecíduais do Brasil (Reis, 2024, In: <https://www.tuasaude.com>).

<sup>8</sup> Lugares inaugurados há 30, 40, 50 anos. Casas que começaram como quitandas ou pequenas mercearias, que foram passando de geração para geração até se tornarem símbolo de uma cena que envolve coisas bem simples: uma mesa, cadeira, amigos, chope e petiscos. São ambientes assim que as pessoas correm quando querem fugir do caos do trânsito, dos ônibus lotados, da sujeira das ruas, da chuva instável, do calor insuportável, de crateras no meio da rua e etc. São os refúgios das adversidades apresentadas pela metrópole (Rarano, 2024. In: <https://www.guiadasemana.com.br/noite/noticia/redutos-da-boemia>).

regularmente de seminários e de congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Uma voz feminina que grita ao escrever o poema “Ressurgir das cinzas” citando referências muito importantes de mulheres negras que contribuíram para a luta de resistência contra o patriarcado e o racismo, conforme excerto:

Sou forte, sou guerreira,  
 Tenho nas veias sangue de ancestrais.  
 Levo a vida num ritmo de poema canção,  
 Mesmo que haja versos assimétricos,  
 Mesmo que rabisquem, às vezes,  
 A poesia do meu ser,  
 Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:  
 “Nunca me verás caída ao chão”.  
 (...)  
 Sou guerreira como Luiza Mahin,  
 Sou inteligente como Lélia Gonzalez,  
 Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,  
 Sou contemporânea como Firmina dos Reis  
 Sou herança de tantas outras ancestrais.  
 E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,  
 mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,  
 mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça  
 mesmo assim tenho este mantra em meu coração:  
 Nunca me verás caída ao chão (Ribeiro, 2004, p. 63).

Aparecido Tadeu dos Santos (sentado, no meio, acima), pseudônimo Oubi Inaê Kibuko, nasceu em São Paulo, em 26 de outubro de 1955, no bairro de Tucuruvi. É funcionário público, militante do movimento negro, e tem sua participação em várias edições dos *Cadernos Negros*, a maioria nos anos 1980 e 1990 (Quilombhoje, 2024).

Luiz Silva, pseudônimo Cuti (à direita, em pé, acima), é um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneos – poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta -, nasceu na cidade de Ourinhos, São Paulo, em 31 de outubro de 1951. Graduiu-se em Letras pela USP em 1980. É Mestre e Doutor em Letras pela UNICAMP, tendo defendido sua dissertação sobre a obra de Cruz e Sousa, em 1999, e escreveu sua tese sobre Cruz e Sousa e Lima Barreto, em 2005. Até o momento, publicou vinte e três livros de sua autoria e quatro em coautoria, além de marcar presença com textos seus em dezenas de antologias e demais publicações coletivas, no país e no exterior (Quilombhoje, 2024).

Miriam Aparecida Alves (sentada, à direita, acima) nasceu em São Paulo, em 1952. É assistente social e professora. Começou a escrever aos onze anos, conforme relatou para a revista estadunidense *Callaloo* (Alves, 1995). Na década de 1980, passou a integrar o coletivo Quilombhoje Literatura, e foi responsável pela produção dos *Cadernos Negros* na publicação

do número 5, de 1982.

O *site* Quilombohoje (2024) apresenta a professora como uma grande ativista na incessante luta pela visibilização da literatura negro-brasileira, sempre com falas afirmativas e escreve sobre a importância da mulher negra neste universo, em que diz:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropriasse de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (Alves, 2010–2011, p. 185).

Nesses trilhos, o grupo, além de ter seus escritos presentes em diversas antologias brasileiras e estrangeiras, vem participando de inúmeros debates, palestras e eventos acadêmicos, criando cenários de afirmação negra para estudantes e pesquisadores, fazendo importantes exposições e encorajando outros grupos a se fortalecerem nas lutas raciais.

Para Barbosa (1982), a literatura como universalidade se forja na própria literatura branca, isto é, literatura e literatura branca sempre significaram a mesma coisa. A esta universalidade corresponde a hegemonia da cultura branca que impõe sua episteme através da dominação pela força. Essa posição privilegiada garante à cultura branca o seu lugar de exclusividade no fazer histórico. Basta que tomemos os livros de História da Literatura para certificarmos disso. Os autores e atores principais são brancos. Vemos, então, como a história é feita a partir, e somente, das ações de brancos que escrevem.

Miriam Alves (1982, p. 44), publicando nos *Cadernos Negros* na edição de nº 5, faz uma apresentação, dizendo: “[...] comecei chorando, agora grito palavras e lágrimas, os soluços e as agulhas da opressão que ferem fundo minha pele negra”. Palavras profundas que atingem o âmago do leitor e nos faz imergir nestes rios de lágrimas escritas em suas palavras.

Mulher negra de papel indissociável às questões dos movimentos quilombistas (Figura 5), suas palavras costuram fios alinhavados aos furos deixados por outros pretos largados, fazendo-se voz e escrita. As agulhas feriram a pele negra, mas as palavras clareiam as mentes necessitadas de luz insurgente e abrilhantam coletâneas e antologias na literatura negro-brasileira.

Figura 5 - Grupo Quilombhoje, 1990.



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br>.

Nesta foto, pode-se perceber que o grupo permanece ativo com o passar das décadas, promovendo, na década de 1990, diversas rodas de poemas e, em 2002, criou o “Sarau Afro Mix”. Esse movimento se dedicou também à organização de palestras, livros de biografias, cursos, que fortaleceram os debates sobre a literatura negro-brasileira (Quilombhoje, 2002). No decorrer dos anos, seus componentes foram saindo para se dedicarem a trabalhos individuais, enquanto outros colaboradores foram chegando.

Este trabalho de pesquisa cumpre seu papel de arrazoar questões da literatura negro-brasileira, disseminando-a e apresentando a outros estudantes, bem como o contexto sócio-histórico e cultural, além de visibilizar intelectuais que contribuíram e contribuem com a produção da literatura negra em todo o território brasileiro. A produção dessa literatura libertadora buscou profissionalizar o escritor negro para que o mesmo possa viver de sua arte, apresentando conceitos ideológicos, na liberdade de expressão e na valoração da arte poética como um grito de esperança e soltura.

A foto a seguir (Figura 6), na década passada, mostra uma outra força jovem que se aquilombou para fortalecer o movimento, fazendo, assim, circular a produção da literatura negro-brasileira, inspirando outros negros e negras, tendo como referência uma literatura própria, nascida das dores sentidas e dos estudos auferidos.

Figura 6 - Quilombhoje e parceiros na Virada Cultural de 2016.



Fonte: <https://www.quilombhoje.com.br>.

O trabalho desenvolvido pelo Quilombhoje tem colaborado para provocar o surgimento de outras atividades. Cursos, seminários e debates sobre a literatura afro têm sido organizados por faculdades de Letras e entidades interessadas nas questões literárias e raciais em vários lugares do Brasil. Editoras pretas foram surgindo e outros negros publicaram cada vez mais. É a herança de escritores como Luís Gama, Cruz e Souza, Auta de Souza, Lima Barreto, Solano Trindade e Carolina Maria de Jesus que se atualiza.

As nossas relações com os textos poéticos nos permitem construções, reafirmando questões profundas e prescientes acerca de nós e do mundo, pois colocam em movimento uma série de sentimentos e significados que medeiam o nosso estar emocional, histórico e social. Cuti (2024) faz essa denúncia presciente por meio do seu poema “Persistência”. No trecho abaixo, percebemos que dependemos da ação política, mas também de um empoderamento como povo.

pode qualquer poder  
decretar o fim da linguagem  
negra  
que persiste impressa  
no lado oposto  
da farsa

o poema esgarça  
norma, decreto, lei  
e teoria de supremacia de raça  
de povo escolhido  
ou qualquer outra desgraça  
(Cuti, 2024, p. 2).

Ao usar o verbo “esgarçar”, aplica-se o sentido de desfiar, revelando um profundo sentimento de necessidade de junção dos elos perdidos, dos fios desfeitos em uma sociedade em pedaços, divididos por conceitos raciais e de raça. A poética tem esse poder de trazer à tona essa identidade, esse parecer, essa denúncia prévia.

### 2.3 VOZARIA AFRODIASPÓRICA

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (Jesus, 1963, p. 41).

Ao dissertar sobre o termo “vozeria” neste subcapítulo, quero expressar a necessidade que se tem de repercutir uma voz unida a outras vozes, provocando uma ressonância de múltiplas vozes, na luta por lugares, espaços e políticas afirmativas nos mais variados cenários, sejam estes nacionais ou internacionais. Entendo, contudo, que esse vocábulo seja apropriado para expressar a “gritaria” silenciada por séculos no Brasil e no mundo.

À luz da Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, posteriormente alterada pela Lei nº 11.645, em 2008, incluiu na LDB, a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, do Ensino Fundamental e Médio. Este advento criou a imperiosa necessidade de produção de material didático específico, adaptado aos vários graus e às diversas faixas etárias da população escolar brasileira (Souza; Lima, 2006).

As vozes afrodiaspóricas, a partir das garantias consolidadas pelas leis constituídas, são oriundas de conquistas de uma coletividade e de muitos movimentos que se manifestaram e manifestam por todo o país. Sendo assim, considera-se o atendimento à demanda de projetos educacionais empreendidos pelas associações culturais e pelos grupos organizados.

Nesse cenário específico, ressaltando a emergência dos saberes afrodiaspóricos, enfatizamos a produção de um conhecimento realizado por sujeitos que extrapolam os modelos hegemônicos de saber/poder, pois criam outras estratégias de interpretação para além da elaboração do Norte global (Sales, 2022).

O ensino e aprendizagem da literatura no contexto do negro no Brasil ganhou força e repercussão nacional, principalmente ao se tornar Lei, ou seja, matéria obrigatória de discussões escolares. No vozear de discussões, encontramos muitas vozes falando sobre temas diversos, envolvendo a questão da negritude, branquitude, branqueamento, palmitagem, entre tantos

outros termos e terminologias. Porém, oriundo ao subtema abordado por nós neste trabalho, precisamos entender como classificar a literatura com abordagens sobre o negro. Seria literatura negro-brasileira, afro-brasileira ou literatura negra? Nas palavras de Cuti (2010, p. 12), vemos que:

A criação conceitual pelos oprimidos é o que mais irrita os opressores. Nomear é privilégio de quem detém o poder. Quando conceituamos, estamos redirecionando o pensamento para que considere aspectos que foram negligenciados ao longo do tempo histórico e cultural. A Humanidade surgiu na África. Todos os humanos são “afros”. Não só os negros.

Refletindo nas palavras de Cuti (2010), ao dizer que a humanidade surgiu na África, nos faz percorrer trilhas históricas e ver o quanto esse povo espalhado pelo mundo contribuiu com a construção de sociedades, povos, países e influenciou culturas, criou meninos e meninas de famílias aristocráticas, burguesas. Nesse sentido, pode se concordar que todos os humanos são “afros”. A seguir, Cuti (2010) continua o pensamento reforçando a força de expressão na defesa de uma democracia racial justa e não forçada e forjada por uma sociedade, muitas vezes, hipócrita, ao mencionar que:

Precisamos assumir essa evidência genética e civilizatória. A expressão “negro-brasileiro” traz o sentido de evitar o culturalismo que, desde Gilberto Freyre, tenta domesticar mentalmente a intelectualidade negra, tomando a África como referência obrigatória que anula a brasilidade negra e seu propósito transformador que nos remete aos quilombos e que, no pós-abolição e no início do século XX, foi encontrando na palavra “negro” o seu mote identitário (Frente Negra Brasileira, Teatro Experimental do Negro, Movimento Negro, Dia Nacional da Consciência Negra etc.) (Cuti, 2010, p. 11-12).

Concordando com Cuti (2010), há uma necessidade de se evidenciar o processo civilizatório do negro no Brasil, deixando a África como referencial histórico e original e não como referência obrigatória. Ao fazermos isso, de fato, vamos extinguir o propósito avassalador dos grupos e movimentos criados no país. Daí a defesa de que temos, sim, uma literatura negro-brasileira, como se observa no excerto:

Além do meu livro *Literatura negro-brasileira*, o ensaio que escrevi e intitulei quem *tem medo da palavra negro* trata dessa questão de a elite brasileira historicamente empurrar o debate sobre a violência racial para debaixo do tapete. É a forma de perpetuá-la. Em pleno século XXI, há governantes que dizem não haver racismo no Brasil. A hipocrisia dessa gente já virou uma calosidade escandalosamente vergonhosa (Cuti, 2010).

Assim, faz-se essencial pensar o conceito de literatura negro-brasileira como parte do processo identitário do negro, a partir das suas produções literárias, legitimando um processo civilizatório, construído neste lugar, neste país, trazendo suas influências do continente

africano, mas também sendo influenciados pelos povos originários, entre outros arranjos adquiridos a partir das vivências locais, outras terminologias ou nomenclaturas que advêm, por exemplo, da ideia de literatura afrodescendente e saberes afrodiaspóricos.

Por essa perspectiva, nota-se que a discussão está em ascensão desde a década de 1970, mas ainda não foi completamente institucionalizada e permanece em tensão, reflexos dos próprios debates étnico-raciais dentro e fora da academia. Tornam-se tensas ou mesmo polêmicas certas definições, que denotam uma multiplicidade de nomenclaturas, pois sabemos que estão estabelecidas no campo da literatura brasileira.

Nas palavras de Fonseca (2005), ao fazer discorrer sobre os processos narrativos e recriações languageiras na obra de Boaventura Cardoso, nos faz recorrer às incitações de muitos estudiosos ao utilizar como epígrafe: “literatura é linguagem. Se você não cria linguagem não consegue discutir a realidade” (Ruffato, 2003 *apud* Fonseca, 2005).

A partir dessa discussão, precisamos reafirmar e concordar com Luiz Cuti (2010) ao tratar da literatura negro-brasileira, em que o próprio negro apresenta sua linguagem, seus costumes, sua cultura. No sacudir do berço ancestral, concordamos ainda que:

No cenário da literatura, as mudanças ganham força e alicerçam um trabalho de linguagem que distende os referentes sugeridos, pois estes são apenas fomento para um trabalho de linguagem que se expande em experimentações para fortalecer o compromisso da literatura com o seu próprio fazer (Fonseca, 2005, p. 105).

É, no entanto, nesse mar de reflexões que queremos mergulhar, dizer que por dezenas de anos a imprensa e o mercado editorial não abriram as portas para a expressão dessa linguagem do “negro”, concordando que a memória ancestral e as vivências são e serão sempre referentes, mas que distende e, numa presciência natural, surge o seu “próprio fazer”.

A seguir, um poema de Jônatas C. da Silva, publicado no livro *Outras miragens: miragem do engenho* (1989) e republicado na série *Cadernos Negros - Três décadas: ensaios, poemas, contos*, (2008, p. 140-141), fazendo uma linda dedicatória à Carolina Maria de Jesus, no poema “A pequena ceia”.

#### **A pequena ceia**

Para Carolina de Jesus (*In memoriam*)

Dona Magnólia de Araújo,  
 Conheço este teu sorriso de vitória  
 Que o jornal estampou para dizer  
 Que você e teus companheiros badameiros  
 Tinham, por momentos, superado a fome crônica dos sobreviventes  
 De Canabrava.

Sei, Dona Magnólia  
 Que a fartura e a limpeza  
 Foram palavras, há muito, retiradas do teu vocabulário alimentar.  
 Mas não é que agora,  
 talvez por divina obra,  
 chega a ti, num primeiro de abril  
 a fartura da merluza salgada  
 que águas distantes produziram  
 e que aqui aportou  
 para a ceia dos teus miseráveis?

Dona Magnólia,  
 Cristãmente alegro-me  
 Que a tua santa ceia tenha sido  
 Farta de merluza argentina.  
 Faltaram os pães ázimos  
 Mas o Filho do Homem  
 Compreenderá que a História  
 Apenas se repete como farsa  
 (e estávamos num primeiro de abril).

Também creio que o Filho do Homem  
 Que tantos milagres aqui operou  
 Não deixará que a bactéria halófito,  
 Abrigada nas merluzas,  
 Segundo notícias ensandecidas,  
 Devore as vísceras dos teus sete famintos filhos  
 Pois a eles não foi dada  
 A condição da limpeza  
 Mas, sim, da fome.

Dona Magnólia de Araújo,  
 Sinto-me solidário com o teu ofício de badameira.  
 A tua arte e sabedoria  
 De sobreviver à custa do lixo  
 Dão-me força para continuar,  
 Solidário,  
 À cata de palavras que  
 Quisera fartas, purificadoras e anunciadoras  
 Dum porvir de  
 Mel  
 Luzes  
 Boas merluzas e dignidade para todos.  
 (Uma farta e perene Ceia, Dona Magnólia).

Este é um poema de memórias; os versos: “/A tua arte e sabedoria/ De sobreviver à custa do lixo/ Dão-me força para continuar/”, presentes na última estrofe do poema, trazem à memória a vida e obra dessa ilustre escritora brasileira.

Uma das primeiras escritoras negras reconhecidas no Brasil, Carolina Maria de Jesus é considerada uma das mais importantes personalidades do país. A autora viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na zona central da cidade de São Paulo, sustentando a si mesma e a seus três filhos como catadora de papéis. Sua obra e vida permanecem objetos de diversos estudos, tanto no Brasil quanto no exterior.

Com a ressonância de múltiplas vozes, o poema acima, atribuído à memória de uma mulher negra, combativa e em movimento, trouxe para essa discussão um exemplo de uma voz brasileira na obra de uma mulher preta e em diáspora. Percebe-se claramente que na sua vozaria há a liberdade de ser. Em um primeiro momento diaspórico, compreender o ser mulher preta e se reconhecer como tal, assim foi o reconhecimento de Carolina de Jesus, representante de uma minoria, uma vez discriminada, é uma grande conquista e projeto de ascensão. O poeta não morre, imortaliza sua memória que não se apaga, perpetua ressignificações, produzindo novos sentidos, descortinando visões empoeiradas.

Importante pensar a voz diaspórica como sendo um acontecimento que deve provocar em nós um desassossego que conjuga “natureza” e “cultura” e assim vai nos conectando com o continente africano e nos biointeragindo pouco a pouco nas encruzilhadas. Nesse anúncio, provoco, no entanto, o segundo momento, em que a autora evidencia a liberdade de falar livremente, expressar suas dores, apresentando a liberdade de expressão. Não se trata aqui de uma territorialidade, mas de uma apropriação de lugar, lugar de fala, lugar de mulher, lugar de preta, lugar de mãe e de protetora de sua cria.

No sentido de diáspora, nos faz reconectar à África, mostrando que dentro de cada preto e preta existe uma necessidade de refazimento, de construção e de aceitação. A ancestralidade que há em cada um de nós nos reconecta às origens de África. O poema vai finalizando com um clamar de séculos: “/À cata de palavras que/Quisera fartas, purificadoras e anunciadoras/Dum porvir de/Mel/Luzes/”, em um eu lírico do autor que nos conduz por fios condutores, nos reconectando ao saber de que “luzes” nos fazem lembrar do conhecimento e que a “merluza” nos leva ao entendimento do “alimento”, a palavra nos alimenta, nos liberta.

Em condição de diáspora, afirma-se que a própria vida é desafiada, visto que o corpo negro, como se fosse uma espécie fungível, desconfia que ali exista humanidade e heranças africanas. Em suma, lembro que vozear deve ser compromisso, sendo, portanto, minha intenção descrever uma literatura que possa ouvir as vozes da diáspora para apreciar uma coletividade de afetos inundados na previsão dos sentimentos envoltos, soltos. A questão racial no Brasil é um adoçante, que às vezes se apresenta como artificial, mas que traz esperança de ser doce, amenizando o amargo histórico acometido pela elite opressora.

### 3 O DESASSOSSEGO DE SI MESMO: IMPRENSA NEGRA NACIONAL

Reaja à violência racial:  
 “beije sua preta  
 em praça pública”.  
 (MNU, Lande Onawale, 1991).

O apelo jornalístico e figurativo abaixo traz à discussão a importância de uma reação à violência racial existente no país. Ao expressar “beije sua preta em praça pública” (Figura 7), percebe-se uma explosão de provocações para uma sociedade predominantemente branca com preceitos hegemônicos e europeus.

Figura 7 - Capa do jornal do MNU de 1991 – “beije sua preta em praça pública”.



Fonte: Rafael Falcão - <https://www.blogconte.com.br/c/cultura/beije%3A-reaja-%C3%A0-viol%C3%A0ncia-racial>.

O percurso histórico e literário é de suma importância para os estudos literários, sendo um fio condutor que interrelaciona as ciências filosóficas, antropológicas, sociológicas, dentre outras, que biointeragem e provocam uma ambiência de estudos provocativos, insurgentes e, sobretudo, epistemológicos.

A partir daqui, traçaremos uma pequena reminiscência histórico-jornalística para entendermos como as personagens chegaram até a contemporaneidade, compreendendo a ancestralidade, as influências, lutas e sucessos, a partir das ações diaspóricas de sujeitos pretos e pretas no contexto brasileiro.

Há, portanto, uma inquietude, a qual aqui chamamos de desassossego, que provoca em cada um de nós um certo desejo de superar. A liberdade de expressão vem como um grito de socorro para se fazer ouvir.

A comunicação negra, nesse desassossego de si, mostra que podemos ir além do conhecido jornalismo brasileiro, da imprensa escrita e que inclui uma rede ampla de

profissionais que produziram e produzem conteúdos de interesses da população afro-brasileira. Não se pode negar, tentaram em algum momento, silenciar, mas desde o século XIX, em termos de imprensa, os/as negros/as nunca se calaram e pautaram de múltiplas formas, e incisivamente, a questão do racismo. Ressalto que essa memória precisa de registros, escritos e pesquisas, no intuito de um caminhar de lutas e conquistas diaspóricas com profundo reconhecimento. (MNU-BA, 2014).

Há, portanto, marcos históricos. Sabe-se que no início do século XIX, o Rio de Janeiro respondia pela maior população negra livre das Américas. O primeiro periódico negro, *O Mulato*, de 1833, nasceu no estado com o foco no reconhecimento da cidadania da população afro-brasileira em tempos de escravização (MNU-BA, 2014).

Segundo Pinto (2014), as experiências de liberdade brasileira foram impactantes para os outros países que passavam pelo mesmo processo, pois em 1872, de cada dez pessoas negras no país, seis já eram livres.

Em 1833, o jornal *Homem de Cor* já denunciava que uma resposta contra o aumento da população negra livre no Rio de Janeiro era a criação de mecanismos para que os negros não chegassem aos altos postos sociais. Aconteceu, ainda, que existiu uma tentativa de realce no Brasil, um princípio de nação, partindo das bases da Revolução Francesa de igualdade, liberdade e fraternidade, a fim de provocar uma união entre os indivíduos, mas isso acabou garantindo a exclusão da população negra (MNU-BA, 2014).

O periódico *O Homem*, com presença marcada na segunda metade do século XIX, trazia em seus artigos que os negros acreditavam e se dedicaram à proposta de nação, mas que logo viram que estavam sendo preteridos dos espaços públicos e discriminados racialmente; a crise no sistema escravista estava estabelecida do Rio de Janeiro até Recife; era notório, vivia-se intensamente a crise.

A vozaria em São Paulo, relata Pinto (2014), em *A Pátria*, jornal publicado por um grupo de pensadores que colocaram o desafio da abolição e apostaram na República como resolução final do que era proposto pelos abolicionistas, combatia qualquer tentativa de apoio ao regime monárquico, dando visibilidade aos processos que a história apagou como o “Clube Republicano dos Homens de Cor”.

Certamente essas ações revelam o protagonismo dos homens negros na trama social do Brasil do início do século XIX. Nota-se que tais práticas foram retiradas das páginas da historiografia. Nos resta, agora, recuperar o legado dessas experiências negras para a abolição e o enfrentamento do racismo no país.

Partindo para o Rio Grande do Sul, a experiência gaúcha se deu com o jornal *Exemplo* (1982 – 1930), que germinou da reunião de um grupo de amigos numa barbearia, na Avenida dos Andrades, em Porto Alegre, para discutir estratégias de inserção do povo negro e de enfrentamento ao racismo. De volta a São Paulo, podemos fazer uma reminiscência do periódico *O Progresso* (Figura 8), que trazia em suas páginas, críticas à República, às estratégias de imigração europeia e a desqualificação do trabalhador negro (MNU-BA, 2014).

Figura 8 - Exemplar do jornal *O Progresso*, recuperado pela Biblioteca Nacional.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63746502>.

A figura de um dos exemplares do jornal, o poeta e advogado Luiz Gama, nos mostra o quanto foi importante o registro dessa literatura negro-brasileira com sua influência afrobrasileira e diaspórica. Ter uma sociedade menos racista e livre não pode ser um desejo, apenas, precisa ser realidade ascendente na sustentabilidade dessa imprensa que pensa e age dentro dos parâmetros da negritude brasileira.

O trabalho jornalístico à época trouxe visibilidade e acessibilidade à comunidade negra do país. Afinal de contas, como seriam vistos, se não existirem noticiários, literatura, defensores de uma imprensa livre, de uma literatura presente? Certamente passariam pelas décadas desapercibidos como fantasmas sociais que, nesse caso, não são pálidos e sem cor. São homens de “cor”. O Homem de Cor foi um jornal publicado no Rio de Janeiro entre setembro e novembro de 1833. Foi o primeiro periódico brasileiro a tratar dos problemas da população negra. Primeira página da edição 01 de O Homem de Côr (1833).

Precisamos entender que naquele contexto do século XIX, a forma mais latente de ser

ouvido era por meio da imprensa escrita, ou seja, dos jornais impressos. A exposição de poemas e outras manifestações artísticas que retratem o negro como gente e não como reles animal, fazia-se e ainda se faz necessária. Porém, nos séculos vindouros, com o advento das múltiplas leituras midiáticas, afluíram-se as possibilidades autônomas de se publicar e republicar. Ressalta-se que muitas outras formas de expressão literária existiram no país, algumas com poucos ou quase nenhum registro histórico, mas que contribuíram para quantificar, reforçar e realçar a literatura negro-brasileira tal como é nos dias de hoje, como se pode ver na Figura 9.

Figura 9 - 190 anos de imprensa negra: história, luta e legado.



Foto: Imagem - Nathi de Souza e Dora Lia (MNU-BA, 2014, p. 7).

No recorte do jornal acima vemos um destaque especial, em que somente a mão que segura o manual e o *Manual de Redação* apresenta-se em cores, mas na cor negra. O restante do anúncio encontra-se em preto e branco. Fazendo uma leitura ao destaque, podemos perceber que há a necessidade de se fazer perceber. De fato, esses valiosos veículos de comunicação protagonizaram a historiografia brasileira, nos proporcionando aporte teórico, histórico e jornalístico para deliberar sobre questões tão emergentes nos dias atuais.

O negro, por muitos séculos, não era percebido neste imenso país construído por mãos, na sua grande maioria, negras. Ser percebido seria uma conquista; ser ouvido, uma grande vitória; ser lido, seria o auge do *glamour*. É isso! Aqui estou, quero expressar que sou fruto da “conquista”, da “vitória” e do “*glamour*”. Graças aos desassossegos dos nossos ancestrais. Os poucos e remanescentes documentos adquiridos, ainda que em pesquisas bibliográficas através dos recursos da informática, nos trazem a condição de resgate dessa afrodescendência poética, cultural e presciente.

### 3.1 PRÁTICAS INSURGENTES NO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO DO BRASIL: LUTAS, CONQUISTAS E INFOGRAFIAS

No dia 18 de junho de 1978 foi fundado o Movimento Negro Unificado (MNU) e lançado publicamente em 07 de julho de 1978, em um ato realizado nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, assim começando a luta na prática. Este ato de protesto foi, sobretudo, uma resposta ao assassinato do negro, operário, pai de família, Robson Silveira da Luz, preso e torturado selvagemmente, até à morte, em uma delegacia de polícia em São Paulo. Mais de 3.000 negros se reuniram contra o racismo, o desemprego, a violência policial e a falta de moradia que se abatia sobre os negros de forma massacrante. O dia 07 de julho, então, foi transformado no Dia Nacional de Luta Contra o Racismo, em que criaram um logotipo, registrado na Figura 10 (MNU-BA, 2014).

Figura 10 - Logotipo do MNU.



A criação do MNU como espaço de debates sobre o racismo, a discriminação e o preconceito racial trouxe de volta o protesto negro. Estava então lançada a luta contra o maior vilão dos séculos, o racismo. A militante fundadora do MNU, Lélia Gonzalez (MNU-BA, 2014, p. 6) afirmava: “[...] A questão da militância tem que ter esse sentido e aí nós temos que aprender com os nossos antigos, os africanos, esse sentido da sabedoria, esse sentido de saber a hora em que você vai interferir e como você vai interferir, fora desse lance individualista”.

No Movimento Negro Unificado, o poeta do desassossego, Jônatas Conceição, militou de forma incansável, atuando em várias frentes, participando desde a fundação, também como responsável pela edição do *Jornal Nêgo*. Ao publicar sua obra *Vozes quilombolas: uma poética brasileira (2004)*, fez a seguinte apresentação:

Quando voltei a morar em Salvador, a partir de outubro de 1979, comecei a fazer a

opção, a coisa mais certa, que as mesmas forças ocultas que me levaram para o ato do MNU queriam que fizesse. Dedicar-me, completamente, para o processo de reconstrução e consolidação do Movimento Social Negro (Jônatas Conceição, 2004, p. 67).

A criação e a participação de Jônatas nos movimentos sociais negros, pesquisas e lutas travadas, foram registradas nas palavras a seguir da Professora Florentina Souza:

[...] o que fez, aliando suas pesquisas e sua escrita à militância. Investigou tanto a história do Movimento Negro quanto a produção de artistas, intelectuais, e escritores negros/as. Eram poucos os livros e jornais sobre o tema que ele não possuía, ou não soubesse onde encontrar, e os que tinha, generosamente, compartilhava. Tive a oportunidade de desfrutar da sua bondade, tanto por ocasião do meu doutorado quanto durante o período em que ele participou, como pesquisador, do projeto EtnoCidades, que coordeno no Instituto de Letras/UFBA (Souza, 2010, p. 235).

O sujeito descrito acima nos mostra a importância da contribuição desse intelectual desassossegado na inquietude de reconstruir conceitos, novas histórias e se informar dos outros futuros acontecimentos sócio-históricos do nosso país. É com essa mesma faina que nos comprometemos em ler e reler suas produções e preservar seu legado a futuros leitores e leitoras.

Entendemos que para se ter uma sólida formação de militância no MNU é preciso conhecer o que é, como surgiu e quais são os objetivos; como se organiza o movimento; quais as contribuições deste à luta do povo negro no Brasil e no mundo; como se dá a atuação nos estados; onde encontrar este coletivo no país, entre outras questões. Isso implica saber como o racismo é perverso e como combatê-lo, conforme registrado na Figura 11.

Figura 11 - MNU 42 anos de luta contra o racismo.



Fonte: <https://mnu.org.br>

Muitas publicações acompanham o surgimento do MNU. Uma delas, *O Genocídio do negro brasileiro* (1978), de Abdias do Nascimento, um dos fundadores do MNU, é uma das

obras que passa a ser lida por militantes. Também Frantz Fanon, com *Pele negra, máscaras brancas* (2008) é uma sugestão de leitura bem interessante. O MNU sempre procurou veicular um jornal de circulação nacional, a exemplo do *Jornal Nêgo*, editado pelo MNU da Bahia, na década de 1980, seguido de outras iniciativas da militância (Figura 12).

Figura 12 - Boletim do MNU Bahia nº 1.



Fonte: Fundo Milton Barbosa, Afro-CEBRAP / AEL, Unicamp (2022).

Este jornal foi um importante informativo para as comunidades e movimentos em todo o país, pois tinha o objetivo de noticiar os variados acontecimentos do Brasil e do mundo. Ter a possibilidade e oportunidade de publicação dos trabalhos e notícias da comunidade negra do Brasil e do mundo foi, sem dúvida, uma das maiores conquistas nos espaços midiáticos para os intelectuais, estudantes e interessados em pesquisas voltadas às questões socioculturais e minoritárias.

Em 1937 fecharam a “Frente Negra Brasileira”<sup>9</sup>. Depois disso, uns e outros valorosos irmãos tentaram mobilizar os negros para a luta contra o racismo. Protestaram isolados. Sem falar das comunidades negras que, a partir da organização da cultura negra resistiram e mantiveram acesa a chama libertária. Depois de 40 anos, surge o Movimento Negro Unificado, rompendo o silêncio político na luta contra o racismo e pela dignidade do nosso povo. Esta luta

<sup>9</sup> No bojo dessa movimentação ideológica da comunidade negra paulista, através dos seus jornais, surge a ideia da formação da **Frente Negra Brasileira**. Ela irá constituir-se em um movimento de caráter nacional, com repercussão internacional. Surgiu da obstinação de negros abnegados, como Francisco Lucrécio, Raul Joviano do Amaral, José Correia Leite (que, depois, dela se afastará por motivos ideológicos) e mais alguns. Fundada em 16 de setembro de 1931, sua sede social central localizava-se na rua Liberdade, na capital paulista. Sua estrutura organizacional já era bastante complexa, muito mais do que a quase inexistente dos jornais. Era dirigida por um Grande Conselho, constituído de 20 membros, selecionando-se, dentre eles, o Chefe e o Secretário. Havia, ainda, um Conselho Auxiliar, formado pelos Cabos Distritais da Capital. Criou-se, ainda, uma milícia frente-negrina, organização paramilitar (Moura, 1992).

tem de ser nossa e é coletiva (MNU-BA, 2014).

O terceiro mundo dos pobres, dos explorados pelos países ricos e industrializados, desde 1960, está em revolta permanente, tanto contra as multi e transnacionais, quanto contra os opressores internos. Todos os negros dos Estados Unidos, Jamaica, Haiti, da África (Angola, Moçambique, Argélia, África do Sul etc.), os vietnamitas, palestinos, latino-americanos estavam mobilizados para a luta (MNU-BA, 2014).

Aqui no Brasil, após o período 1968/1975, o país foi sacudido por amplas manifestações. Os trabalhadores do campo e da cidade fizeram milhares de greves, reivindicando melhores condições de trabalho, salários justos, terra para plantar e colher. Políticos, parlamentares, estudantes, intelectuais, artistas, exigiram liberdade de manifestação, associação e expressão.

As mulheres organizaram vários movimentos por seus legítimos direitos. As nações indígenas passaram a exigir seus direitos, especialmente no que concerne à vida e à demarcação de terras. A comunidade LGBTQIA+ se organizou em favor da livre manifestação de sua sexualidade (MNU-BA, 2014). Nós, negros, não ficamos para trás. Oprimidos racial e socialmente, juntamos esforços para lutar contra a violenta exploração socioeconômica, contra o racismo e pela valorização da cultura negra.

Nesses 46 anos de existência, o MNU cresceu e se organizou em vários estados do país (SP, MG, ES, BA, RJ, DF, GO, PE, RS etc.). Foram realizados vários Congressos e Encontros Nacionais. Durante esse tempo, expandiu-se o Movimento Negro no Brasil. Surgiram inúmeros grupos e associações que lutam em defesa dos direitos do negro e pela promoção da consciência negra. O movimento esteve presente nas várias lutas populares deste país: anistias, diretas, greves. Organizou o Encontro Nacional do Negro e a Constituinte, participação ativa nos Encontros Regionais do Negro (Norte/Nordeste, Sul/Sudeste, Centro-Oeste). Tudo com vistas a fortalecer a politização das entidades negras e fazer o movimento mais forte (MNU-BA, 2014).

A questão da discriminação racial e do racismo foi colocada em cada canto deste país. Partidos políticos, universidades e até igrejas, de vários credos, foram obrigados a discutir a questão na perspectiva do Movimento Negro. E não houve isolamento. Com as propostas, particularidades, houve a atuação junto a todos os setores que lutam por uma sociedade sem explorados e sem exploradores.

O MNU pode ser encarado como um instrumento de organização e luta pela libertação do negro de toda e qualquer forma de opressão e contra a dominação de raça e de classe. Por

tudo isso, o MNU está aí, continuando a trajetória guerreira do negro em todo tempo e lugar. Nós temos esperança. O grito ecoa muito forte: “Negros/ a luta continua, a vitória é certa; viva o MNU!” (*Nêgo*, nº 14, abril/1988).

A literatura jornalística naquele momento de combate às ameaças e opressão oportunizou aos intelectuais da época estabelecerem um combate ao racismo e a tudo que pudesse aniquilar o pensamento negro-brasileiro. Muitos negros saíam às ruas em protesto pela causa negra, como ocorreu em São Paulo, com a Manifestação do Movimento Negro Unificado contra a Lei Afonso Arinos, considerada pouco efetiva contra o racismo (Figura 13).

Figura 13 - Manifestação do Movimento Negro Unificado contra a Lei Afonso Arinos, considerada pouco efetiva contra o racismo e Caminhada por Zumbi nas ruas do centro de São Paulo.



Fonte: <https://mnu.org.br> – Foto: Jesus Carlos.

Literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. No curso dessa fase, um grande número de homens e mulheres que até então jamais haviam pensado em fazer obra literária, agora que se veem colocados em situações excepcionais, na prisão, nas matas ou aguardando a execução, sentem a necessidade de falar de sua nação, de compor a frase que exprime o povo, de se fazer porta voz de uma nova realidade em atos (Fanon, 1968, p. 185).

Nesse contexto, um povo se reúne, concentrando homens e mulheres com sólidos propósitos. Vê-se, claramente, que movimentos nacionalistas em prol da causa começaram décadas e/ou séculos antes dos movimentos paulistas e depois regionais.

Nessa perspectiva, foi possível disseminar, a partir da imprensa negra, informativos acerca da situação dos negros no Brasil e trazer personagens históricos da cultura negra para o conhecimento da população a fim de fazer com que a comunidade negra se manifestasse na esfera político-social e passassem a lutar em prol do reconhecimento sociocultural e identitário da sua etnia (Souza, 2006 *apud* Oliveira Jr, 2017, p. 112).

Nestes termos, o prefácio dos *Cadernos Negros*, volume 7, expressa o que certamente está contido na memória individual e coletiva, trazendo a seguinte reflexão:

Escrever não é só registrar, é também refletir sobre este ato. A nossa intenção é tornar pública a maneira de cada escritor pensar o ato da escrita no que diz respeito à representatividade literária, ao significado social e contribuição à literatura negra (CN, 1984, p. 05).

A reflexão acerca da responsabilidade social do povo negro está expressa nos contos do volume 7, de 1984, período da ditadura militar, visto que a partir da diáspora africana os negros tiveram que lutar cotidianamente para manter a memória viva nos diversos continentes, seja através dos/as contadores/as de histórias ou da forma escrita em poemas, contos, romances e artigos de jornais publicados em periódicos negros e transmitidos ao longo das gerações (Oliveira Jr., 2017, p.112).

O MNU traz a liberdade temática propiciada pelo jornalismo literário, que até os dias atuais continua a atrair jornalistas e leitores para esta modalidade, principalmente em momentos nos quais as pessoas procuram compreender mais profundamente os fatos ocorridos, ansiosas por vislumbrar as causas dos eventos que as afligem. Assim, em meio a um jornalismo cada vez mais sensacionalista e superficial, ainda viceja esta modalidade jornalística, principalmente na forma de livros, como os publicados pela editora Companhia das Letras, em uma coleção focada justamente no jornalismo literário nacional e internacional.

Segundo Cuti (1984, p. 06), por exemplo: “[...] escrever dentro da sociedade de hoje significa: sofrer as intempéries do nosso tempo, estabelecer uma resistência humana diante de todos os processos de desumanização que a exploração sobre o homem tem trazido para humanidade”. Da mesma forma, a contista Esmeralda Ribeiro (1984, p. 08) entende que: “[...] no ato de escrever, estamos questionando o que pensamos e passamos dentro da sociedade, não só porque somos negros, não só porque escrevemos, mas também o que escrevemos”. Se no plano poético esse esforço atinge alturas insólitas, verifica-se que, no plano da existência, o intelectual termina frequentemente num impasse (Fanon, 1968).

Mais de quatro décadas se passaram e continuamos com os mesmos problemas sociais e existenciais, mas uma coisa mudou, a forma como se diz, a tratativa dos fatos, a valoração das pessoas pretas, visto que a voz está sendo ouvida. Seja na faculdade, na política, nas igrejas e em muitos outros lugares de pouco ou quase nenhuma habitação.

A contribuição da literatura produzida pelo Movimento Negro Unificado deixou e deixará um legado imensurável para a atual população e para as futuras gerações que certamente terão uma sociedade acadêmica mais justa e distribuída entre as gentes outrora

renegadas. Observa-se, aqui, o Jornal Nacional do MNU (1993), Figura 14.

Figura 14 - Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado (1993).



Fonte: Fundo Milton Barbosa, Afro-CEBRAP / AEL Unicamp.

Vê-se, portanto, os frutos dessa sustentabilidade. Na foto citada, há um *mix* que nos provoca uma explosão de sentimentos. Infografar, historiografar, fotografar, inscrever-se nestas imagens, faz renascer uma juventude de grandes perspectivas e de anúncio de uma vitória proclamada.

A história deu conta de si, as lutas foram e estão em constantes batalhas, os espaços estão sendo oportunizados. Desse modo:

Para as lideranças das organizações negras que surgem nos anos setenta, nas brechas abertas na ditadura militar, a história de resistência do quilombo representava exemplo a ser seguido e atualizado. Para o movimento negro, a resistência quilombola representaria o desmascaramento da ideologia da democracia racial brasileira, a explicitação e o combate sistemático ao racismo que exclui a maioria da população brasileira do conhecimento da sua história de luta por autonomia e libertação (Conceição, 2004, p. 11).

O professor Jonatas Conceição (2004) expressa claramente a importância da luta por autonomia e libertação. Muitos dos jovens na foto a seguir (Figura 15) talvez não conheçam os protagonistas dessa história, mas são herdeiros dos frutos plantados em décadas antecessoras à nossa.

Figura 15 - MNU aprova novo estatuto e uma agenda de luta no congresso extraordinário em Brasília – 2024.



Fonte: <https://mnu.org.br>

Os negros oriundos de Angola e do Congo, no Brasil, assumiram por muitos séculos a mão-de-obra escrava no cultivo de diversas culturas, em áreas geográficas distintas (Santana, 2014). Com o despertar dos movimentos em todo o cenário brasileiro, valorizou-se a ancestralidade dos povos de África, criando-se, portanto, uma cultura nacional afrocentrada. Nota-se, que:

O intelectual colonizado que retorna a seu povo através das obras culturais comporta-se de fato como um estrangeiro: por vezes não hesitará em valer-se dos dialetos para manifestar sua vontade de estar o mais perto possível do povo, mas as ideias que exprime, as preocupações que o habitam não têm nada em comum com a situação concreta que conhecem os homens e as mulheres de seu país. A cultura para a qual se inclina o intelectual não passa na maior parte das vezes de um estoque de particularismos. Querendo ajustar-se ao povo, ajusta-se ao revestimento visível (Fanon, 1968, p. 185).

Massifica-se, destarte, na literatura jornalística retratada aqui, via fotos e imagens, a importância da inserção e das manifestações intelectuais dos negros na imprensa nacional e, até mesmo, na imprensa internacional, espaços onde muitos negros-brasileiros se apresentam como fortes defensores de pensamentos e preocupações presentes também na literatura negro-brasileira.

### 3.2 INSURGÊNCIA E DESCENTRALIZAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO NA BAHIA

Manuel Rui Monteiro, poeta, compositor e músico angolano, em uma comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra, em São Paulo, no Centro Cultural, proferiu as seguintes palavras: “Eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade”. (Monteiro, 1985, p. 39). Valer-se da sua identidade foi o que muitos baianos fizeram ao longo

da história, não a contada, mas a vivida.

Reconhecidamente, a contação da história da comunidade é um evento significativo – é sagrado, por assim dizer –, consagrada àqueles que recebem da comunidade tal legitimidade para fazê-lo: geralmente anciãos. A palavra na voz de um ancião e a devoção a ela tributada pelo grupo social explicita como toda tradição se inscreve nela, sendo esta resistência e essencial para a continuação desse legado.

Jônatas Conceição (2004) apresenta-se entre as décadas de 1960 e 1970 como um importante intelectual da Bahia, protagonizando um fato realmente original na cidade de Salvador, capital da Bahia, sendo esta cidade um dos principais redutos da negritude brasileira. Nesse contexto:

Este “fato realmente original” pode ser lido como a coragem de negros e negras começarem a se reunir, publicamente, para pensarem propostas políticas de combate sistemático ao racismo, num contexto histórico onde a sociedade brasileira se organizava para combater a ditadura militar instalada em 1964. Nesse contexto, o movimento negro brasileiro, também, volta a se organizar, nas brechas abertas na ditadura militar, através de entidades de cunho político, sendo o Movimento Negro Unificado a mais importante daquele momento (Silva, 2024, p. 45).

Já na Bahia, o professor Jônatas Conceição defendia ações socioculturais a partir de movimentos carnavalescos, possibilitando manifestações de lutas travadas contra as posições da ditadura militar constituída em 1964. Silva (2004, p. 48) informa que:

Foram as informações da luta negra nos Estados Unidos e nos países africanos, especialmente os de língua portuguesa, que lutavam pela libertação do domínio português, que mais motivaram os militantes negros da década de setenta, no Brasil. Eram muitas as lutas por direitos civis e por libertação que precisavam ser contadas, pelos “ritmos irreprimíveis do tambor”, aqui em Salvador, para despertar a população sobre o conflito racial e a história de seus antepassados. É por esta perspectiva que se justifica no programa político-cultural do Ilê Aiyê, já a partir do segundo carnaval, em 1976, a narração da história dos países africanos e da história da diáspora negra dos americanos do Norte e do Brasil.

O cenário nacional e até mesmo internacional gritava por ações insurgentes na Bahia. E, assim foi. O programa político-cultural do Ilê Aiyê foi uma porta que se abriu para jovens negros e negras apresentarem suas insatisfações e manifestaram seu apoio ao Movimento Negro Unificado que surgira no Brasil.

Em pleno século XXI, a Bahia participa de um importante movimento brasileiro. O momento era propício à organização de um espaço que pudesse dar voz e pensar a questão do negro no cenário baiano e brasileiro. Esta organização se concretizaria com a fundação da seção do MNU - Bahia, que aglutinou militantes de diversos grupos culturais e políticos que existiam

em Salvador (Conceição, 2004).

Jônatas Conceição (2004) faz uma importante observação às falas de Lélia Gonzalez, em 1991, em entrevista ao Jornal do MNU, n. 19, em que analisou a contribuição do movimento social negro para a cidadania do afrodescendente brasileiro:

Eu acho que a contribuição foi muito positiva, no sentido de que nós conseguimos sensibilizar a sociedade como um todo, levamos a questão negra para o conjunto da sociedade brasileira, especialmente na área do poder político e nas áreas relativas à questão cultural. E aí a nossa contribuição é muito mais nossa, digamos assim, produto dessa criatividade que marca a comunidade negra. Estou pensando em termos de Bahia, fundamentalmente, porque eu acho que a Bahia é um grande fulcro nesse sentido da emergência da identidade a partir do cultural. [...] E estou pensando, especificamente, nos afoxés e blocos afros pelo papel que eles têm tido de levar essa conscientização para dentro da comunidade negra, embora levem também para fora. Eu vejo como meus alunos brancos estão atentos para a questão da Bahia, dos blocos afros, do reggae. Eles vêm aqui aprender alguma coisa (Gonzalez, p. 8 *apud* Silva, 2004, p. 50).

Lélia Gonzalez sempre foi militante do movimento e contribuiu ativamente para a sustentabilidade das políticas afirmativas da população negra em todo o território brasileiro. Em suas palavras, reafirma o compromisso que a Unidade Federativa, a Bahia, teve no cenário nacional em luta contra a desigualdade racial, firmando ações, atitudes e compromissos vigorantes até os dias atuais.

Nethio Benguela escreveu a letra do hino ao Movimento Negro Unificado. Afinal de contas, o que é ser unificado?

A certeza de ser Movimento,  
Negro Unificado,  
A malícia de ter no pensamento,  
Toda luta do passado.

Na praça, palanque,  
Ecoa pelos ares,  
O grito da negrada,  
Zumbi não morreu,  
Ora viva Palmares!  
Nossa luta unificada.

Há! que sabor deve ter,  
Um pedaço, espaço no poder.

E se poder é bom,  
Negro também quer o poder,  
Cantando em alto tom,  
Negro também quer o poder  
(Benguela, Hino ao MNU, 1978)

Em resposta à pergunta, o texto traz: “nossa luta unificada”, e diz respeito, especialmente, aos propósitos do movimento, quais sejam: realizar o plano de lutas do MNU e construir ações de defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais (conforme a carta de princípios, em anexo a este trabalho).

Em evidência ao que fora dito sobre a participação da Bahia no Movimento Negro Unificado, apresento essa foto (Figura 16), onde nos mostra que o espaço reserva a luta de libertação sendo dirigida por mulheres negras, querendo uma nova sociedade onde todos realmente participem.

Figura 16 - Participação da mulher negra no MNU-BA.



Fonte: MNU (2024).

Esses movimentos na Bahia e em outros estados brasileiros vêm trazendo importantes conquistas para o contexto negro-brasileiro. Em 2023, uma nova diretoria do Movimento foi eleita e assumiu o compromisso de lutar contra todas as opressões de raça e gênero que envolve a população negra (MNU-BA, 2014).

### 3.3 DESAFIOS DO PRESENTE NA FRENTE NEGRA BAIANA

Trazendo informações do impacto social do movimento no Brasil, na Bahia, e em outros estados brasileiros, sabemos que as conquistas e avanços obtidos na história recente do Brasil são inegáveis à maior visibilidade da questão racial e os marcos importantes quanto à representatividade e à luta pelo fim da discriminação. Os desafios e conquistas não são apenas para a Bahia, mas para o Brasil como um território de conquistas. No entanto, para além do reconhecimento do avanço que já foi feito, é sempre importante conhecermos – ou relembrarmos – os movimentos e organizações que estão na linha de frente desse combate cotidiano. O Movimento Negro Unificado é um deles. Essa efetiva luta das classes, tem garantido:

A demarcação de terras indígenas, a lei de cotas, o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, o Dia Nacional da Consciência Negra. Nada disso foi dado de mãos beijadas pela tradicional elite política brasileira. São todas vitórias importantes que não foram obtidas sem manifestações, pressão direta, apoio popular e muita luta política das organizações que sempre tiveram o combate ao racismo como prioridade e razão de existência (MNU-BA, 2014, p. 4 a 7).

Não se pode negar as inúmeras implicações do racismo e dos resquícios da mentalidade escravocrata para a população negra, que hoje é maioria (pretos e pardos compõem 56% do total, segundo o IBGE, 2022). Dentre elas, estão o maior número de assassinatos, violência policial, oportunidades reduzidas de educação e emprego, encarceramento em massa, trabalho precarizado como mão de obra barata da classe média. Isso sem falar, é claro, da deterioração identitária e do dano moral cotidiano que resultam dos episódios constantes de discriminação racial. Mesmo com tudo isso, porém, na história do senso-comum e do pensamento acadêmico brasileiro, muito se falou na “democracia racial”.

Apesar dos numerosos esforços realizados há muito tempo para a inclusão da cultura afro-brasileira no currículo escolar, somente em 2003 seria promulgada a Lei 10.639, como resultado de mobilizações do MNU e do movimento negro como um todo (MNU-BA, 2014). Essa lei institui a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas disciplinas do ensino fundamental e médio. Assim, é estabelecida formalmente a importância de se levar em conta a contribuição das matrizes indígenas e africanas para a formação do povo brasileiro.

Outra conquista significativa do movimento dentro dessa mesma lei é o reconhecimento do dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar. Em 1695, nesta data, morria Zumbi dos Palmares, grande símbolo de resistência contra o sistema escravista (MNU-BA, 2014).

A Lei de Cotas do Ensino Superior (Lei 12.711/12), um dos maiores avanços na luta pela igualdade racial nos últimos anos, também deve muito ao MNU. A partir de 2012, passaram a ser levados em conta os critérios sociorraciais para a definição de 50% das vagas nas universidades federais. Em 2018, pela primeira vez, a população negra se tornou maioria no ambiente universitário.

Para ademais, deve ser ressaltada a contribuição do pensamento do Movimento Negro Unificado em incluir os povos marginalizados na Constituição de 1988, sobretudo os quilombolas. Pode-se refletir, ainda, que existem muitos avanços por conquistar nessa pauta, visto que uma parte majoritária dos territórios remanescentes dos quilombos ainda precisam

ser demarcados pelo governo. Podemos citar três dos enfrentamentos propostos no plano de lutas do MNU - BA (2014, p. 6-7).

1. Propor mecanismos institucionais que contribuam para a organização e fortalecimento das entidades da sociedade civil que atuam na promoção da igualdade racial.
2. Discutir a implantação de programas específicos de atenção e promoção da cidadania e da igualdade racial, a partir da participação e formulação de propostas e políticas públicas aprovadas em conferências, encontros e congressos.
3. Participar de Conselhos, Conferências, Fóruns, Seminários relacionados à questão Racial.

Diferentes perspectivas podem ser assumidas para se discutir a promoção da cidadania e da igualdade racial. No livro *Traços da periferia: políticas e performance em produções literárias marginais-periféricas contemporâneas*, Sales (2022, p. 12) diz:

Na última edição do Fórum Social Mundial, em 2018, em Salvador, a Fundação Perseu Abramo organizou uma discussão sobre a cultura da periferia, com o título “Lutas das periferias frente ao conservadorismo e austeridade”, em que se debateu a força do hip-hop, a importância das políticas públicas de incentivo a projetos culturais periféricos e a politização da juventude na atualidade.

A professora Karina Lima Sales (2022a), a partir da publicação dessa obra, dentre outros trabalhos publicados, apresenta um estudo sobre a articulação entre políticas da escrita e performance em produções literárias. Afirma que “[...] as obras periféricas possuem força política, são denunciadoras e performáticas, e que suas práticas literárias são calcadas na (re)construção da coletividade” (Sales, 2022a, p. 11).

É a partir desse ângulo que a temática dessa dissertação se vislumbra, apoiada no Movimento Negro Unificado, que desde seu início tem sido uma porta de oportunidades para pesquisadores, intelectuais, acadêmicos e toda a sociedade civil organizada que pensa e age em prol da liberdade de expressão e de igualdade em todos os sentidos do direito.

#### 4 AQUILOMBAR: VISÃO EPISTÊMICA

O conhecimento científico que os negros necessitam é aquele que os ajude a formular teoricamente – de forma sistemática e consistente – sua experiência de quase quinhentos anos de opressão (Nascimento, 1980, p. 287).

Podemos pensar a produção do conhecimento, seja por uma perspectiva pós-moderna, pós-colonial, decolonial ou ainda anticolonial<sup>10</sup>, a partir do entendimento político brasileiro. Daí, buscar as relações de poder epistêmico. Mas, afinal de contas, como produzir “ciência”? O que é a ciência, a partir do conhecimento de uma comunidade negra, fugitiva, amedrontada, negada?

Para Nascimento (1980, p. 287), “tanto o Estado colonial português quanto o Brasil Colônia, Império e República, aliado a mentores europeus e norte-americanos, fabricaram uma “ciência” histórica ou humana que, na verdade, ajudou na desumanização dos africanos e de seus descendentes”. Desse modo, o autor questiona:

Como poderiam as ciências humanas, históricas – etnologia, economia, história, antropologia, sociologia, psicologia, e outras -, nascidas, cultivadas e definidas para povos e contextos socioeconômicos diferentes, prestar útil e eficaz colaboração ao conhecimento do negro acerca de sua realidade existencial, de seus problemas, aspirações e projetos? Seria a ciência social elaborada na Europa ou nos Estados Unidos tão universal em sua aplicação? Os povos negros conhecem na própria carne a facciosidade do universalismo e da isenção dessa “ciência” (Nascimento, 1980 p. 287).

Mas, nada está perdido, o universo gira, e enquanto o sistema se reorganiza, podemos refletir a reelaboração das epistemes nesse processo de desassossego que impulsiona negros e negras a serem “libertos/as”. Portanto:

Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na liberdade, na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo; uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e deserdados deste país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas caducas de instituições políticas, sociais, e econômicas as quais serviriam unicamente para procrastinar o advento de nossa emancipação total e definitiva, que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes (Nascimento, 2019, p. 288).

---

<sup>10</sup> O emprego frequente de terminologias como pós-colonial, decolonial, anticolonial ou ainda descolonização pode remeter erroneamente ao entendimento de que se tratam de diferentes termos para uma mesma definição. No entanto, ainda que todos façam referência direta à questão colonial partindo do ponto de vista do sujeito colonizado/subalternizado, tais terminologias são conceitualmente diferentes. Enquanto a anticolonialidade pode ser designada como uma tomada de posição crítica frente aos processos de colonização e efeitos da colonialidade, o conceito de decolonialidade está relacionado à teoria crítica latino-americana desenvolvida pelo movimento Modernidade/Colonialidade, que tem como objetivo evidenciar os mecanismos através dos quais a colonialidade se perpetua na atualidade e promover a descolonização – no sentido de libertação – do poder, do saber e do ser (Nascimento, 1980, p. 287).

Vale ressaltar que não interessa a essa comunidade negra a produção de um conhecimento moldado no capitalismo orquestrado por hegemonias históricas e eurocêntricas e, muito menos, para os derivados de classes. Precisa-se desmentir o conceito de que “quilombo” significa dizer “escravo fugido”. Concordamos que “quilombo” é sim uma reunião fraterna, onde o encontro de homens e mulheres livres proporciona uma convivência solidária com o compartilhamento de saberes ancestrais.

A valoração da intelectualidade negra deve existir como um instrumento de posição social e insurgente, que não se faz com falsas impressões subjetivas e vazias, mas que traz à tona a contação de histórias de lutas e vitórias. A linguagem poética, com suas licenças e figuras de linguagem, serve como instrumento de maquinação cerebral existente em diferentes contextos e realidades. Assim sendo:

A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra, deve incorporar nossa integridade de ser total em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta (Nascimento, 1980, p. 289).

Essa cristalização<sup>11</sup> deve ser urgente e mobilizadora das insurgentes ideias apresentadas na literatura negro-brasileira. Vislumbra-se, então, o endossamento de um conceito que se pode fixar, a exemplo do “quilombismo”, exprimindo, assim, a necessidade de revelações culturais e dessa *práxis* da coletividade negra.

Importa aqui dizer que o “aquilombar” precisa ser vivido, juntar-se uns aos outros, ler e ser lido, conhecer e ser conhecido pelo outro, isso faz parte dessa cristalização, com a necessidade de ser preciso e de se fazer concreto, o abstrato eurocêntrico, que precisa ficar numa dinâmica histórica de superação.

#### 4.1 AFROPERSPECTISMO: CONCEITO DO PENSAMENTO PLURIVERSO

Outra discussão que se deve abrir é a da conexão e comunicação envolta na multiplicidade de culturas do mundo, sobretudo de origem africana, objetivando formar uma rede de conhecimentos e inter-relacionamento, de modo que se possa garantir a participação e a liberdade de autonomia de todos. Para tanto, precisamos utilizar a literatura como ponto culminante para o desenvolvimento desse pensamento conectado.

---

<sup>11</sup> Em sentido figurado, a **cristalização** implica que algo se torne preciso ou concreto: “Preciso de tempo para a cristalização da ideia”, “Este programa representa a cristalização da vontade de diferentes agrupamentos políticos” (Nascimento, 1980, p. 289, grifo nosso).

No dizer de Cuti (2010, p. 12):

Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos de exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação.

Pensar a afroperspectiva é talvez cogitar um modelo epistêmico, observando a literatura, que pode, por sua vez, ser fundamentada na afrocentricidade e que nos propõe ter uma visão voltada à experiência afro-brasileira a partir dessa árvore epistemológica. A partir dessa perspectiva, a diáspora africana é um conhecido nome dado a esse fenômeno que caracteriza o êxodo forçado de africanos, que ocorreu no período do tráfico transatlântico de negros e negras levados aos trabalhos forçados.

Segundo Marques (2019), esses seres humanos, contidos em fluxos forçados, eram presos em **tumbeiros** (embarcações destinadas ao transporte de pessoas escravizadas), mas não só seus corpos, também todo um sistema de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que influenciaram na identidade e construção das sociedades às quais os negros tiveram como destino. Registros apontam que durante todo o período do tráfico negreiro, aproximadamente 11 milhões de pessoas negras foram transportadas para as Américas, das quais cerca de 5 milhões tiveram como desembarque terras brasileiras e que mais de 50% ficaram na região nordeste.

Marques (2019) compreende que a diáspora africana foi um processo que envolveu migração forçada, mas também redefinição identitária, uma vez que estes povos (balantas, manjacos, bijagós, mandingas, jejes, haussás, iorubas), provenientes do que hoje são Angola, Benin, Senegal, Nigéria, Moçambique, entre outros, apesar do contexto de escravidão, reinventaram práticas e constituíram novas formas de viver, possibilitando a existência de sociedades afro-diaspóricas como Brasil, Estados Unidos, Cuba, Colômbia, Equador, Jamaica, Haiti, Honduras, Porto Rico, República Dominicana, Bahamas, entre outras.

A obra *Negritude*<sup>12</sup>: uso e sentidos, de 1988, de autoria do escritor, professor e pesquisador congolês Kabengele Munanga, objetiva introduzir a temática da negritude em face de sua complexidade interpretativa, ora favorecida pela história cultural da colonização de

---

<sup>12</sup> Em 26 de junho de 1913 nasceu Aimé Césaire, uma das mais importantes figuras do movimento negro e anticolonialista. Poeta, dramaturgo, orador e político, Césaire foi o responsável por cunhar o conceito de “negritude”, descrito pela primeira vez em seu jornal *L'Étudiant noir* (O estudante negro), em 1934 (Serpa, 2024).

África, ora pelo desconhecimento das premissas epistemológicas do movimento de resistência que constitui.

Munanga (1988) discute a negritude como um caminho por meio do qual negros e negras regressam às suas origens socioculturais em um movimento de recusa à imposição da cultura colonizadora que lhes fora imposta. No entanto, ao definir assim a negritude, torna-se imprescindível a discussão do ponto condutor à necessidade de rompimento em busca do regresso, isto é, a relação antecedente de racismo justificado pela lógica eurocêntrica norteadora de ações imperialistas do homem branco.

Debate as condições históricas que perpassam a trajetória da negritude como movimento de resistência e autoafirmação cultural, elencando aspectos relativos à sociedade colonial, à sociedade colonizada, aos discursos pseudojustificativos e aos mitos e estereótipos criados para categorização inferior dos colonizados. Nesse sentido, deve-se tratar de negritude compreendendo efetivamente que ela surgiu em vias das condições coloniais e das legitimações veiculadas discursivamente, a fim de se contrapor à concepção de missão civilizadora do Ocidente difundida em tom messiânico por nações europeias, que pressupunha uma distinção entre colonizador e colonizado pautada em superioridade e inferioridade.

Então, o que seria a negritude propriamente dita? Segundo Munanga, a negritude é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los a preservar uma identidade comum. A negritude é tudo aquilo que diz respeito à raça negra; é a consciência de pertencer a ela e de se entender como um ser que está devidamente relacionado a ela, uma vez que traços físicos e até mesmo mentais indicam uma herança negra ou negroide (habitantes fora de África que compartilham traços físicos com os habitantes desse continente) (Nascimento *et. al.*, 2019, p. 19).

Esse contexto é contemplado na escrita literária, entendendo que as palavras podem suscitar variados efeitos de sentido. Sendo assim, a escrita poética, ao meu ver, apresenta um modo narrativo dos “intermundos<sup>13</sup>”, onde há certa referencialidade à realidade que cada indivíduo negro ou negra constrói internamente. E, há certo fenômeno que confere uma complexidade significativa à compreensão no reconhecimento do sujeito por trás de seu próprio mundo, esse se faz por desafio existencial.

Nesse âmbito, digo que a palavra aplicada na poética da literatura negro-brasileira é o fio de escarlate na narração do mundo atual. Não se trata de uma simples e eurocêntrica descrição, mas uma narração, na ânsia de uma revelação da utópica aspiração do construto de

---

<sup>13</sup> Intermundos: assemelhado a intermúndio: espaço que separa os mundos ou os corpos celestes, [...] espaço entre os mundos (Houaiss; Villar, 2009, p. 1098). No sentido figurativo, foi usada no texto para formar a ideia de lacuna entre o sistema e os atores. Palavra que pode ser considerada um neologismo.

um outro mundo. Pelo desassossego poético, faz-se constatar, então, o que o mundo poderia ser. Presciente de um novo mundo, o escritor/poeta revela, pelos ligantes da palavra, o seu desagrado com os preceitos estabelecidos. Em meio às ações dos intermundos eurocentrados, identificamos no mundo atual e externo uma certa sujeição aqui explicitada:

Por essa razão, postas as demandas para suprir um imperialismo tanto de mercado quanto histórico/ideológico, Munanga aponta a recorrência ao discurso como maneira de justificar o genocídio cultural e racista que marca a história da África Colonial. Dentre essas legitimações redutoras da figura do negro em níveis ontológico, epistemológico e teológico, destacam-se o discurso cristão (como o mito camítico e a missão civilizadora), o discurso científico racista (por exemplo, a teoria da degeneração fundamentada no clima, proposta inicialmente por Heródoto) e os estereótipos do negro como um ser naturalmente perverso, preguiçoso e retardado intelectualmente. Além disso, mesmo o discurso cientificista e a vertente filosófica iluminista do século XVIII contribuíram para o fortalecimento dessas estigmatizações ao fortalecer uma generalização do negro com base em falácias e características físicas consideradas comuns por eles. Diante disso, promulga-se a ideia de que o homem branco é o protótipo e, ao fazê-lo, busca-se uma explicação científica – e já racista, diga-se de passagem – para o negro, considerando-o um exemplo atípico e, portanto, inferior (Nascimento *et. al.*, 2019, v. 19).

Frantz Fanon, em sua obra *Os condenados da terra* (1968), argumenta que em uma pessoa negra ou em um grupo de povos africanos chegados ao Brasil e em outras partes das colônias havia sempre a possibilidade de transformação, a partir da resistência e da resiliência, mas Fanon vai dizer que não basta nascer novos homens.

O problema teórico importante é que é preciso a todo instante e em todo lugar explicitar, desmistificar, enxotar o insulto ao homem que é senhor de si. Não basta esperar que a nação produza novos homens. Não basta esperar que em perpétua renovação revolucionária os homens insensivelmente se transformem. É bem verdade que esses dois processos importam, mas é necessário auxiliar a consciência. A prática revolucionária, se quer ser globalmente libertadora e excepcionalmente fecunda, exige que nada de insólito subsista. Cada qual experimenta com particular vigor a necessidade de totalizar o acontecimento, de conduzir tudo consigo, de tudo dirigir, de ser responsável por tudo (Fanon, 1968, p. 262).

Assim, podemos notar que os quilombos eram e continuam sendo forças revolucionárias que lutam no Brasil, até os dias de hoje, por reconhecimento, dignidade, direitos e reservas. Stuart Hall (2003), em seu conceito de diáspora, se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Para ele, está fundada a ideia de que exista uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora para se percorrer esse entrelugar.

## 4.2 QUILOMBISMO: CONCEITO DE UM PODER QUILOMBISTA

Em uma composição inaugurada por Abdias do Nascimento (1980), o neologismo “quilombismo”<sup>14</sup> se dá a partir da junção da palavra “quilombo + ismo”, em que o sufixo “ismo” geralmente é usado para descrever filosofias, teorias, religiões, movimentos artísticos, comportamentos e movimentos sociais, nestes moldes, formando nomes que designam conceitos de ordem geral. Por essa analogia, podemos pensar o quilombismo como sendo um movimento social e que quilombo não significa apenas o território de acolhimento de pessoas escravizadas fugidas do regime de escravização.

Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico. Os precedentes históricos conhecidos confirmam esta colocação. Como sistema econômico, o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis da vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano (Nascimento, 2019, p. 289-290).

Em uma afroperspectiva mais restrita, o conceito de quilombismo, na visão de Abdias do Nascimento (2002, p. 245), “é um conceito científico emergente do processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras”. Ousaria dizer que esse importante trabalho, o livro intitulado *O quilombismo* (1980) é, para o cenário atual, uma encruzilhada de ensaios, de caminhos, em que o autor teve em sua essência diferentes intenções e destinos, em tempo e espaço.

Nascimento (1980, p. 17) compreende que os homens e as mulheres de África, e de descendência africana, têm tido uma coisa em comum – uma experiência de discriminação e humilhação imposta sobre eles por causa de sua origem africana/ancestralidade. Ainda faz referência à pele negra ao dizer que a cor da pele foi transformada tanto na marca como na causa de sua pobreza, humilhação e opressão. A libertação humana reflete sobre o uso coletivo dos recursos disponíveis, compreendendo que:

Nem propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza. Todos os fatores e elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana que o

---

<sup>14</sup> O quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo de República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país.

cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social. Liberto da exploração e do jugo embrutecedor da produção tecno-capitalista, a desgraça do trabalhador deixará de ser o sustentáculo de uma sociedade burguesa parasitária que se regozija no ócio de seus jogos e futilidades (Nascimento, 2019, p. 290).

O intelectual defende que, em uma sociedade inovadora, criativa, o trabalho, sobretudo forçado, não pode ser ou definir-se como uma forma de castigo. Defende ainda que quilombismo é um processo histórico-cultural das massas afro-brasileiras e, nessa reciprocidade de conhecimento, observa que:

A luta comum dos povos negros e africanos requer o conhecimento mútuo e uma compreensão recíproca que nos têm sido negados, além de outros motivos, pelas diferentes línguas que o opressor branco-europeu impôs sobre nós, através do monopólio dos meios de comunicação, do seu controle exclusivo dos recursos econômicos, das instituições educativas e culturais (Nascimento, 1980, p. 16-17).

O autor entra em defesa de um poder quilombista, compreendendo que os descendentes de africanos somam a maioria da nossa população. Portanto, o poder negro será sempre democrático. Nesse entendimento, a teoria, baseando-se nesse conceito, vem inspirando pesquisadores e estudiosos a impulsionar epistemologias, descobertas e/ou evidenciar saberes de comunidades, povos e grupos. Temos como exemplo o trabalho do Prof. Gean Paulo Gonçalves Santana, que apresentou em sua tese de doutorado intitulada *Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia* (2014), os cantos-poemas negros, expressando, portanto, a poética oral desse quilombo.

Santana (2014) diz que, a exemplo de muitas comunidades rurais que reivindicam o direito ou o poder quilombista – de serem reconhecidas como remanescentes de quilombo, sobretudo a existência cultural diferenciada, transformações sociais e o desfazer-se da invisibilidade cultural –, a luta de reconhecimento identitário em Helvécia ocorreu a partir do processo de (auto)descoberta e recriação identitária. O que também ocorre com as comunidades que saem da invisibilidade e passam a ser objetos de pesquisas científicas e de importantes discussões acadêmicas.

Reverberando um desassossego emergente do espaço e do tempo dos acontecimentos, pode-se dizer que o quilombismo, com o passar do tempo, deixou de ser apenas um movimento social, passando a ser um discurso filosófico e, até mesmo, científico; não se trata mais de um simples conceito atribuído a negros fugidos, mas da constituição de lugares onde as pessoas vivem em comuna. No calor dessa discussão, Abdias do Nascimento afirma que:

A mistura biológica e de culturas, da África e da Europa, aconteceu em todos os países do novo mundo onde houve escravidão. Assim, a tenaz persistência da cultura africana

no Brasil e em outras partes da América do Sul não pode razoavelmente ser atribuída a uma suposta benevolência dos ário-latinos, nem ao caráter e cultura dos mesmos. Não foram menos saxônicas. Da mesma forma que nos Estados Unidos, também na América Latina ou do Sul, e no Brasil, não permitiam aos africanos a prática livre de seus costumes e tradições (Nascimento, 1980, p. 16).

Na obra *O quilombismo* vemos exatamente essa encruzilhada, traçando os caminhos histórico-culturais, fazendo um retrato sócio-histórico dos negros trazidos para o continente americano, de forma especial para o Brasil, onde, segundo estudiosos, mais de cinco milhões foram forçados aos trabalhos sob regime de escravização ou análogos e ela.

No fechamento desse entendimento, afroperspectismo e quilombismo são vertentes/conceitos ou correntes filosóficas a partir de movimentos sociais? Neste contexto, a filosofia aqui é aquilo que é compreendido, pensado e reestruturado, levando em consideração cada contexto. Portanto, as correntes filosóficas podem nos ajudar na imersão desses pensamentos, dessas visões. Como prática, é a pesquisa de questões relacionadas ao sujeito e aquilo que o cerca, como ética, moral, linguagem, existência, verdade e conhecimento.

Todavia, após apresentação dos dois tópicos, entendo que se caracteriza, nos dias de hoje, como correntes filosóficas. Certamente, Abdias do Nascimento, ao organizar o livro referenciado acima, já pensava no neologismo como vertente filosófica, entendendo ser um estudo científico. Ser amigo da sabedoria é reconhecer que todo conhecimento produzido a partir do outro é válido e deve ser notório.

## 5 JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA: O ARAUTO DO DESASSOSSEGO POÉTICO

Figura 17 - Jônatas Conceição – foto.



Fonte: Silva, 1987, *In*: CN, n.10, p.81

Sou um homem e um escritor preocupado basicamente com a memória. Nada para mim é mais importante. Meus textos procuram refletir a tensão entre a história e a memória. Creio firmemente que o povo brasileiro possui um sistema filosófico de vida fortemente estruturado e que nesses quase 500 anos de Brasil a mentalidade colonialista, imperialista e burguesa tenta destruir através de diversos agentes, este sistema. Ser escritor no Brasil é entender este sistema e se aliar a ele. Sou baiano, de Salvador. Do Engenho Velho de Brotas. De 1952. Professor de Língua Portuguesa e Produtor de programas radiofônicos. Sou Militante do Movimento Negro Unificado, Seção da Bahia. Associado do Bloco Ilê Aiyê e torço pelo Ypiranga Esporte Clube. (Silva, 1987, p.81).

Esta autobiografia do autor, com registro da sua foto, Figura 17, encontra-se na abertura dos *Cadernos Negros*, volume 10, publicado em 1987. Nesta série, fora publicado o conto “Margens mortas”, único conto apresentado ao público dentre seus célebres trabalhos. Na apresentação do livro *Obras Reunidas* (2021), organizado por Ana Célia da Silva e Angélica Maria da Silva, temos um resumo da vida e obra do autor:

A obra literária do poeta e escritor Jônatas Conceição, inicia-se com uma forte tendência ao estilo romântico, desenhada no seu primeiro livro de poemas, *Miragem de Engenho*, no qual um dos mais lindos e marcantes textos é o poema “Amparo o mágico”, que assim se finaliza: As nossas risadas, os nossos assovios, também não os escuto mais. Estão todos dormindo nas matinês da memória talvez para não ver, a tristeza, a lágrima, o pranto da tua última sessão. A sua integração ao Movimento Negro Unificado o levou a pesquisar e escrever sobre a história do povo negro, suas reações à política de exclusão em todo processo político e social, levando-o a modificar a sua produção literária. O texto “História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia”, p. 07-19, publicado no livro *Movimento Negro Unificado 1978-1988: 10 anos de luta contra o racismo* (São Paulo: Confraria do livro, 1988), retrata essa nova direção da sua literatura. Jônatas contribuiu com os seus contos, crônicas e poemas, fornecendo elementos da história e cultura africana e afro-brasileira, para que os compositores de blocos afros, tais como Badauê, Okanbi, Olodum e Ilê Aiyê, com as suas letras e músicas formassem jovens e adultos, no sentido da elevação da sua autoestima e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira (Conceição, 2021, p.13).

Jônatas Conceição da Silva nasceu em Salvador, Bahia, em 8 de dezembro de 1952. Filho de Tertulino Sales da Silva e de Maria Isabel da Silva. Trabalhou em jornais de Salvador como revisor, também foi radialista, criando o programa “Fala Crioulo”, instalado no projeto TV Pirata do IRDEB; criou o programa do Ilê Aiyé “Tambores da Liberdade”, que foi ao ar, inicialmente, em parceria com Olodum e Malêde Balê na Rádio Metrópole; atuou na Rádio Educadora, na direção de Pola Ribeiro.

Em homenagens póstumas, Neuracy Maria de Azevedo Moreira delineia um breve histórico da vida e obra disponível na biblioteca virtual Consuelo Pondé, intitulado *Dicionário biográfico-histórico da Bahia* (2024).

Realizou seus estudos de Ensino Fundamental na Escola Sete de Setembro, na Avenida Vasco da Gama, no bairro do Engenho Velho de Brotas, defronte ao ponto de saveiros do dique do Tororó. cursou o ginásio no Instituto Central de Educação Isaías Alves, situado no bairro do Barbalho e o segundo grau (colegial) no Colégio Estadual Góes Calmon, em Brotas, e, todos em Salvador. De formação católica, desde os 15 anos, participou do grupo de jovens da Igreja de Deus Menino, no qual organizou um jornal mural, onde começou a publicar suas primeiras poesias de 1967 até 1969. Graduiu-se em Letras Vernáculas com Francês no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, em 1975. cursou Especialização em Linguística na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, de 1977 a 1979. Em 2003, concluiu o Mestrado em Linguística, no Instituto de Letras da UFBA, cujo objeto de pesquisa resultou na publicação do livro *Vozes quilombolas – uma poética brasileira* publicada pela EDUFBA, em 2004. Em 2005 iniciou o Doutorado em Linguística, pela mesma Universidade, que abandonou, por razões do agravamento da enfermidade antes de realizar o exame de qualificação. Jônatas faleceu em 3 de abril de 2009 (Moreira, 2024, p.01).

Era um poeta profundamente ligado às suas raízes. Adotou Saubara-BA como sua segunda cidade, onde nasceu seu pai e toda a família paterna. Ele escreveu em seus poemas a Saubara-BA material e imaterial. Foi um dos militantes pioneiros do Movimento Negro Unificado (MNU), participando da sua fundação em São Paulo e, ao lado de sua irmã, Ana Célia Silva, e outros militantes, fundou o Movimento Negro Unificado – MNU na Bahia, assim como esteve presente no primeiro ato público do MNU em São Paulo, nas escadarias do Teatro Municipal, em 7 de julho de 1978 (Moreira, 2024, p. 01).

Fundou em 1980, com outros companheiros, o Grupo de Educação Robson Silveira da Luz, iniciando um trabalho de formação de alunos/as e professores/as das escolas públicas de educação pluricultural, ensinando história e cultura dos africanos e afro-brasileiros. O autor também possui poemas e contos publicados nos *Cadernos Negros*, além de participações como coautor em outras publicações.

Na década de 80, prestou concurso público e foi aprovado como professor do estado da Bahia, sendo lotado no Colégio Estadual Cidade de Curitiba, no governo de Waldir Pires (1987/1988), seguido da transição para o governador Nilo Coelho 1988/1990, época em que

houve uma greve de professores de quase dois meses. Esse movimento aborreceu muito Jônatas, que considerou um desrespeito aos alunos o longo período em que os mesmos ficaram sem aula, o que o levou a pedir a exoneração do cargo.

Na década de 2000, prestou novo concurso e, em 2001, iniciou seus trabalhos no ICEIA, onde estudara o curso ginásial, exercendo a docência na disciplina Língua Portuguesa. Em 2004, foi aprovado em outro concurso para professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Campus de Euclides da Cunha.

Suas obras autorais são: *Vozes quilombolas: uma poética brasileira* (2004); *Quilombo de palavras: a literatura dos afro-descendentes* (2000); *Reflexões sobre o ensino de português para a escola comunitária* (1991), *Miragem de engenho* (1984); *A crase não quer humilhar ninguém: o livro de português* (1986); *Outras miragens: miragem de engenho* (1989). Os quadros apresentados nos apêndices mostram de forma mais evidenciadora tais publicações.

O poema “Tipos de vida”, diz: “As primeiras letras do alfabeto/ Me foram ensinadas pelo patrão/ Tipograficamente.../ As caixas altas e baixas/ Nada diziam do relevo/ Da nossa vida [...]”. Nesta primeira estrofe, vemos claramente o contato do poeta com as letras, iniciado ainda bem cedo e por meio de um ofício, certamente relacionado à gráfica, onde a tipografia era a forma mais clássica de projetar as letras e gravuras.

Na segunda estrofe, temos: “Na penumbra da casa/ Ensimesmado/ Aprendi com tipos variados a compor a vida. / Aquele alfabeto foi amargo e difícil/ Mas seu aprendizado/ Ensinou-me o amor e o ódio/ O pão e o patrão/ Tudo tipograficamente [...]”. Aqui vemos que a tipografia é o estudo, criação e aplicação dos caracteres, estilos, formatos e arranjos visuais das palavras com as quais ele trabalhou até os seus últimos dias. Os tipos, conhecidos como fontes ou estilos de letras, indicam a composição visual de um texto, o que hoje torna-se facilitado com o auxílio dos computadores e variados meios tecnológicos. Esse poema também foi publicado em *Cadernos Negros* nº 09.

Além das já mencionadas obras acima, Jônatas publicou também o texto “Minha missão”, na revista *O SACO*, aos 23 anos, em Fortaleza, resultado de um concurso de contos e crônicas da Biblioteca do SESC, no qual ficou classificado em terceiro lugar; “A traição da tradição oral”, material publicado no I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros (1987); *Quilombo de palavras: a literatura dos afro descendentes* (2000), em colaboração com Lindinalva Barbosa; *Cadernos de educação do Ilê* (1995 a 2007), em colaboração com outros/as autores/as; “História de lutas negras: memórias do surgimento do Movimento Negro Unificado”, em *Movimento Negro Unificado na Bahia: 10 anos de luta contra o racismo* (1988); entre outras.

Em 2001 criou o programa “Tambores da Liberdade”, em uma parceria entre o Ilê Aiyê e a Rádio Salvador FM. Em 2002 o programa foi transferido para a Rádio Metrópole e, finalmente, em 24 de novembro de 2007, volta às suas origens com o programa indo ao ar na Rádio Educadora.

Sua presença também foi marcada nos *Cadernos Negros*, com os poemas: “Força de Orun” - *Cadernos Negros* - Poemas n. 9 (1986); “Margens mortas” - *Cadernos Negros* Contos n. 10 (1987); “No nordeste existem palmares” - *Cadernos Negros* Poemas Afro-brasileiros n. 19 (1996); “Escola Bamba” - *Cadernos Negros* Poemas Afro-brasileiros n. 19 (1996); “Rio das rãs” - *Cadernos Negros* Poemas Afro-brasileiros n. 23 (2000); “Escola bamba” - *Cadernos Negros* Poemas Afro-brasileiros n. 23; “O evangelho segundo Zezinho” - *Cadernos Negros* Poemas Afro-brasileiros n. 29 (2006); “João Saldanha” - *Cadernos Negros* Poemas Afro-brasileiros n. 29 (2006). A construção na infográfica nos faz perceber melhor essa trajetória, daí a elaboração do quadro abaixo.

O termo desassossego é uma expressão, por entre sombras intercambiantes, dessas vozes-poetas que se fundem, mas divergem e formam entre si esse espaço vazio em que se dá a sua literatura que, permanecendo dita na primeira ou na terceira pessoa, se sujeita enquanto palavra e ganha corpo literário.

A atuação profissiográfica do autor é vasta e contributiva, assim, o quadro abaixo foi elaborado com a intenção de tornar mais clara a leitura da sua imersão no trabalho militante da educação e da indignação das injustiças sociais em nosso país.

No bojo da pesquisa, buscamos no acervo de teses e dissertações, livros, revistas publicadas ou disponíveis em *sites* da CAPES e CNPq, periódicos, revistas e *sites* eletrônicos, a partir do ano calendário de 2024. Contudo, não constatamos nenhum registro, estudos e análises dos poemas de Jônatas Conceição citando a temática do “desassossego poético”. Sobre o autor e sua produção literária, registram-se os trabalhos mencionados adiante, compondo o Estado da Arte.

*Escravidão e invenção da liberdade: estudo sobre o negro no Brasil* (1988), obra organizada por João José Reis, tem um ensaio produzido por Jônatas C. da Silva com a intitulação “História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia”.

Moema Parente Augel publicou, através da Editora Diá, uma coletânea chamada *Schwarze poesie – poesia negra* (1988). A legitimidade de toda denúncia contra uma injustiça social não impede, no entanto, que o amador de poesia aborde uma “coletânea de poesia negra” com certa circunspeção. Dentre os selecionados, juntamente com outros militantes do Movimento Negro Unificado, haviam os renomados escritores Cuti, Oliveira Silveira, Jamu

Minka e, na página 150, o poeta Jônatas C. da Silva, com o seu poema “Zumbi é senhor dos caminhos”.

Florentina da Silva Souza publicou o artigo “Jônatas Conceição, um poeta afro-brasileiro”, na revista eletrônica da PUC-RS, intitulada: *Letras de Hoje* (2011). E, também, o artigo “Jônatas Conceição”, publicado na revista/periódico *Afro-Ásia* (2010), momentos em que a mesma se propôs prestar uma homenagem ao escritor baiano. Através de uma breve apresentação de suas atividades poéticas e intelectuais, a autora procura enfatizar as estratégias utilizadas pelo escritor e professor para divulgar aspectos da tradição afro-brasileira, não somente por meio da poesia, mas também em outras atividades intelectuais nas quais seu compromisso com a divulgação da cultura e da história afro-brasileiras ficaram latentes.

Marinilda Gomes dos Santos desenvolveu a dissertação *Cartobiografia poética de Jônatas Conceição da Silva* (2018), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, em que propôs construir traços de uma narrativa biográfica do poeta através da análise de um *corpus* composto por textos críticos e literários, fotografias e entrevistas, levantando ilações e interpretações entre essas distintas textualidades.

Luiz Henrique S. Oliveira, à época, mestrando em Teoria da Literatura pela UFMG, publicou o artigo “A poética (afro) de Jônatas Conceição”, disponível no *site* eletrônico *Liteafro*: o portal da literatura afro-brasileira, tendo como mantenedora, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em sua proposta discursiva, diz ter absoluta certeza que Jônatas Conceição será apreciado – muito devido à sua captação da realidade e do passado como matéria literária -, ressaltando que, com sua mensagem simples, o poeta vislumbra, encanta e torna-se encantado. Em observação ao legado deixado pelo professor Jônatas Conceição da Silva frente à relevância da perpetuação dessa discussão, é notória a importância em continuarmos analisando e discutindo os desassossegos e insurgências a partir do construto literário.

Desse modo, como objetivo norteador, este estudo busca arrazoar sobre a inquietação da identidade literária negro-brasileira, sobretudo dissertar a partir do desassossego dos fios narrativos poéticos tecidos por temas sociais, culturais e religiosos na obra do referido escritor. Especificamente, cotejar concepções do desassossego que fundamentam as vozes quilombolas e evidenciar a referencialidade do quilombismo e a construtividade em sua poética, explicitando as insurgências auferidas nos múltiplos olhares do artista.

Em sua célebre poética do desassossego, analisaremos, portanto, alguns textos pré-selecionados e que foram produzidos pelo autor, mostrando seu desassossego através das

manifestações negras relatadas nos textos, na sua arte e na sua atuação enquanto radialista, professor, escritor e poeta.

A partir dos próximos subtítulos, procuramos fazer uma profícua análise dos poemas pesquisados. Sua contribuição em vida é vasta, seja no gênero épico ou lírico e em alguns poucos momentos com um certo drama frente às injustiças encontradas, lutadas, afligidas. Outros quadros foram elaborados para elucidação, norteamo e temporalidade dos fatos narrados, épicos ou líricos, apresentados nos apêndices.

## 5.1 VOZ-MENSAGEM DOS INTERMUNDOS

Quando escrevo, poesia principalmente, eu não estou escrevendo para o povo negro. Eu faço literatura poética com o objetivo dela ser o mais universal possível (Silva, 1995, p. 946).

Considerado um neologismo, apresento aqui o termo “intermundos”, no entendimento de que a voz de Jônatas Conceição ecoa como um arauto. Neste subcapítulo, apresentarei evidências analíticas do desassossego contidas nos textos produzidos pelo autor pesquisado, mostrando sua vivacidade enquanto intelectual de uma mensagem estonteante em um desassossego poético.

Essa mensagem será extraída da escrita produzida pelo autor e faremos as possíveis análises em busca de uma esperança de que o futuro possa reservar frutos. Afinal de contas, toda a produção intelectual do autor será analisada cuidadosamente como sendo essa voz-mensagem que não se cala.

O “intermundos” é um espaço distante de uma explicação mensurável, ou seja, trata-se de um ambiente que está entre os mundos, que separa, por exemplo, corpos celestes, mas que vai nos aproximando de pensamentos mais profundos e intrínsecos. Por exemplo, os poemas a seguir foram extraídos dos livros *Miragem do engenho* (1984) e *Outras miragens: miragens do engenho* (1989), contextos que nos conduzirão a essas múltiplas leituras. De forma ficcional, os poemas fazem esse percurso entre os espaços, nos aproximando de outros mundos. Vejamos o exemplo abaixo.

### **Hai-kai prá L.B.**

Tenho ciúmes do destino.  
Ódio não posso, pois ao poeta não cabe medonho sentimento.  
A vida não é poesia.  
(Silva, 1989, p.20).

### Caosnaval

Infinita desordem cósmica  
Alegria poesia carne a valer  
O caos é o carnaval.  
(Silva, 1989, p.25).

Como disse o próprio Jônatas Conceição da Silva, em entrevista concedida ao Callaro, ele, de fato, produzia uma literatura poética objetivando ser o mais universal possível. Dentre os seus poemas publicados, encontramos dois característicos da cultura japonesa, mas que ganhou o gosto brasileiro. Para entendermos melhor a literatura haicaísta, segue uma breve explicação.

Haikai é um vocábulo composto por duas palavras da língua japonesa: *hai* = brincadeira, gracejo; e *kai* = harmonia, realização. É um tipo de poema bastante diferente daqueles que sugerem nossa memória, já que à primeira vista sua forma e disposição na página pouco lembram o modelo literário tradicional. São poemas pequenos, com métrica e moldes orientais e seus primeiros registros datam de um longínquo século XVI (Perez, 2024, p.1).

Encontramos de forma muito evidenciada o lirismo e a concisão da poesia haicaísta. Há um certo paralelismo entre os dois poemas: “Hai-kai prá L.B.” apresenta o seu lírico, onde diz: “tenho ciúmes do destino”, expressando um sentimento de desordem, enquanto que em “Caosnaval”, diz: “Infinita desordem cósmica”, abordando também a questão do descontrole.

São textos escritos com síntese, concisão e expressividade, em expressões que designam milenares formas poéticas originárias da China continental e que se aclimataram e desenvolveram no Japão insular.

O autor expressa certa leveza, utilizando uma pitada de crítica, quando apresenta gracejo e harmonia nos sentimentos, fazendo uma síntese ao expressar palavras como: “ciúmes”; “ódio”, e por outro lado, usa expressões como: “desordem cósmica”; “alegria”. Alia a concisão à reflexão sobre a passagem do tempo e a relação entre o ser humano e a natureza.

Composto por três versos, possui um gênero literário de forma fixa, e a temática é de certa forma bucólica. Contribui com a significativa diversidade de abordagens do haikai em solo brasileiro, tornando-se verdadeiramente universal, atento a todos os movimentos, sejam minoritários, étnicos, sociais e/ou quaisquer outras formas e jeitos.

### Verdejante

Quando eu morrer,  
Não me botem num caixão preto;  
Pecador não sou.

Quando eu morrer,  
 Não me botem num caixão branco;  
 Anjo não sou.

Quando eu morrer,  
 Me enterrem num caixão todo-verde  
 E nas manhãs de sol me molhem.  
 (Silva, 1984, p.44).

O sujeito poético apresentado no poema acima faz um certo drama ao falar de uma morte futura, fazendo uma repetição nas três estrofes: “quando eu morrer”. O eu lírico nos faz perceber essa forma de vida na natureza e, ao mesmo tempo, rústica, quando diz: “me enterrem num caixão todo-verde/nas manhãs de sol me molhem”. Essa voz poética nos faz refletir sobre o intermundos como sendo um espaço entre o mundo dos mortos e dos vivos, ou seja, daqueles que poder-se-ia ressurgir a partir de um plantio de sementes e que, ao molhar, renasce/ressignifica, nos provocando uma fotossíntese de pensamentos.

#### **Odôia!**

Quando eu morrer  
 Corpo carcomido  
 Não me deixem navegando  
 Qual barco sem prumo  
 Perdido num braço de mar qualquer.

Quando eu morrer  
 Me enrolem em tábuas putrefatas  
 De uma canoa qualquer  
 Perdida em um rio sem rumo.  
 E que as minhas cinzas  
 Voltem para a Mãe dos filhos peixes.  
 (Silva, 1989, p.23).

Ao usar o advérbio “quando”, nos dois poemas, vemos a circunstância de tempo, trazendo nos versos a relação do homem e a natureza, em um contexto bastante bucólico. O desassossego empregado no intermundos nos leva a fazer a seguinte pergunta: Como atender ao pedido de um homem-poeta ou sujeito poético que quer ora ser enterrado em um caixão todo-verde, ora ser enrolado em uma canoa?

Sempre apresentando certo paralelismo, ambos são de madeira. Mas há ainda um desassossego para esse momento quando expressa: “/e que as minhas cinzas/voltem para a Mãe dos filhos peixes/”. Seria, então, enterrado no chão, levado pelas águas ou consumido pelo fogo em um crematório? Circunstância de tempo que foge ao controle da arte poética e transcende os verdejantes pensamentos alheios.

### Acordantes

Todos os dias acordamos  
 Todos acordamos  
 Desacordados  
 Cabeçadas

Acordaremos  
 Atordoados  
 Com dados acordos  
 Sem dadas cabeças  
 (Silva, 1984, p.67).

Fazendo uma análise profícua, pode-se perceber uma relação poética entre os três poemas com uma mistura do gênero lírico e dramático. Observa-se que as ações expressas no 3º e 4º versos da 1ª estrofe trazem o sentido de “morte” utilizado nos dois poemas da análise anterior. Sendo a morte o lugar dos “/desacordados/cabeçadas/”. O bater a cabeça leva a morte. Já no 4ª verso da 2ª estrofe traz a expressão “sem dadas cabeças”, nos levando ao pensamento de uma pessoa degolada, morta. Óbvio, levando para o gênero dramático, outra leitura pode decorrer em dadas circunstâncias da análise. Essa inquietação estará sempre presente em cada bloquinho construído nos poemas.

O poema do desassossego estará no lugar do intermundos, imortal. Distante de uma explicação mensurável, isso parte dos escombros, reconstruindo conceitos, histórias. Com expressividade cada vez mais contundente, faz ouvir a voz entre dois mundos, um que destrói e o outro que reconstrói a partir do mesmo lugar. O importante não é saber como será enterrado, mas sim saber que não será morto, silenciado. Quer seja “num caixão de madeiras”, com “cores variadas”, ou em uma “canoa de tábuas putrefatas”, ou mesmo em “águas de rios/mar”, também no “ardente fogo”. Nada importa, somente a imortalidade da voz não silenciada.

## 5.2 UMA VOZ NOS ESCOMBROS

As obras em análise permitem-nos as inferências de que, na poética de Jônatas C. da Silva, a oralidade habita o universo da escrita, por meio de estruturas linguísticas da fala, interferindo na construção sintática dos textos, quer pela presentificação de ritos, mitos e da história local, quer pela representação estética de múltiplas práticas cotidianas.

### Na escola

A professora tinha sangue azul  
 Na palma e na alma.  
 Nós não sabíamos nada dos verbos  
 Mas também não obedecíamos ao seu sangue azul:

Cláudio mijava na sala  
 Ari espiava as coxas-meninas e  
 Eu ouvia a professora de sangue azul explicar  
 “que nós faz”  
 Nem perfeito.  
 (Silva, 1984, p.47).

Os escombros, dados pelo realce ao sangue azul, são percebidos como operadores teóricos e se fosforizam e perpassam as narrativas na ambiguidade que é própria da autoria: no limite entre voz e letra, entre ficção e realidade, rememora a cultura e a história do Brasil.

### **Meu primeiro calçamento**

As sandálias de couro de Seu Manuel  
 Não fediam  
 Mas apertavam a minha vida.  
 Sob os pés  
 As sandálias de Seu Manuel  
 Foram o meu primeiro calçamento.

Adeus  
 Chão, poeira, vermes,  
 A liberdade do pé na terra  
 Acabava com o calçamento da minha raiz.  
 (Silva, 1989, p.24).

Neste outro poema, o escombros está carregado da reminiscência da infância; é perceptível a exposição das experiências intimistas do poeta que são exteriorizadas com sua essência lírica. Constituídos por poemas de heróis, de fantasias, de trapos, de construções e demolições, das marcas do tempo, da memória e do transitório, “[...] o escombros é a criação de uma forma cuja ausência virtual levanta a questão do que dizer começar de novo, no mesmo lugar, como se fosse noutro lugar (Bhabha, 2002, p. 78-79).

### **Os meus oito anos**

Agora te reparas:  
 Tua testa larga  
 - puxa, como parece com o pai!  
 Tuas sobrancelhas cheias  
 Tuas grandes orelhas  
 (para bem ouvir)  
 Teus lábios finos  
 (para quase dizer)  
 Eras bonito...

Uma tarja no peito  
 Uma gravata borboleta  
 Uma camisa amarelada  
 Uma seriedade virtualíssima...

O retrato na parede.  
 Imagem do imemorável,  
 Daquilo que foi  
 Jônatas Conceição da Silva  
 (Uma traça se aproxima da minha face).  
 (Silva, 1984, p.41).

As fortes marcas fenotípicas descritas no texto demonstram uma narrativa articulada da ficção dos corpos discursivos aos brios iluminadores da percussão, elemento destruidor e ambíguo, talvez, por natureza. Há, portanto, certo desossosgo pessoal.

Na inquietação, há certo jogo associativo entre a semântica e os sons (semântico-sonoro), notando-se argumentos ingênuos, sugerindo as credices populares e seus autos de fé, bem como o questionamento da espiritualidade na projeção do mundo sub-real.

#### **Onde eu nasci passa um rego**

Onde eu nasci não passa um rio,  
 Passa um rego.  
 Refletindo toda miséria margeada.

O rio que gostaria que passasse onde nasci.  
 Não existe.  
 Uma esperança: quando chovia o rego demudava.  
 Era pior,  
 Desciam lata, pano, colher, trapo, caco.  
 O que nos sobrava.  
 (Silva, 1984, p.40).

Nesta análise, podemos compreender que existiu certa preocupação do autor em descrever cenários de uma vida favelada, periférica e que pode ser dita como miserável. Ao analisar o entendimento de periferia, Sales descreve:

Muitas vezes rechaçada ou estereotipada como o espaço da criminalidade, a periferia, na realidade, não é homogênea, são muitas e diversas e se multiplicam nas franjas das grandes cidades, constituídas por uma infraestrutura precária de simples habitações, barracos, malocas, cortadas por vielas, regadas por filetes de água ou córregos contaminados pelo esgoto nos lugares esquecidos da cidade; fora de um centro hegemônico, as periferias exalam duras vidas e as lutas diárias pela sobrevivência. Composta por tipos humanos marginalizados, excluídos da face abastada do país, a violência se faz constante por entre os espaços. Mesmo que se tome como parâmetro uma dada comunidade periférica, esta possuirá, em sua constituição, uma miríade de realidade e sujeitos com experiências as mais diversificadas, que não permitem apontar uma identidade (Sales, 2022, p. 13).

Percebe-se claramente que o temo desossosgo está construído a partir de alegorias incisivas sobre os signos e valores universais impressos na sua personalidade de homem e de

poeta: “[...] sítios adjacentes ao desastre histórico ou trauma pessoal. O resto da ruína que acaso sobreviver carrega a memória das torres caídas” (Bhabha, 2002, p.78-79).

Estes poemas constroem discursos e narrativas aguçando certos recursos visuais do ângulo humano, que ao mesmo tempo produzem o desassossego do debate contínuo entre forças sociais e enfocam, em diversos níveis, as respectivas consequências no “eu” individual e coletivo (Silva, 1984, p. 10).

Certamente é a partir desse ângulo que a temática anunciada neste trabalho se vislumbra. A poética também se insere nesse processo de denúncia de problemas políticos e sociais, construindo identidades e culturas baseadas na diferença coletiva.

### **O engenho**

Os primeiros homens  
eram todos fortes.  
Com pedras cantos e gritos  
Fizeram o engenho.

Depois dos primeiros homens  
Outros vieram  
Que mesmos carecendo de destemor  
Fizeram novo engenho  
Com pedras gritos e gritos.

Depois desses tudo fêz-se  
Pedra gemido e gemido  
E uma marca que fica:  
Engenho velho  
(Silva, 1984, p.39).

A literatura negra desenvolve esse papel de espírito reivindicatório, proposto neste poema, assim como projeto existente em outras tipologias textuais, a exemplo do texto jornalístico. Apresenta-se, principalmente, como forma de insatisfação em relação ao poder dominante que, por muitas passagens, se expressou ou se expressa numa espécie de opressão literária.

Percebe-se claramente que o poema “O engenho” traz à memória a vida dura dos primeiros homens e de como o poder econômico fora formado na colônia portuguesa sob à égide de chicotes de dores e gritos por liberdade. Neste entendimento, podemos dizer que:

O compromisso com o coletivo renasce com a nova ideia de liberdade, trazida pela independência das últimas colônias africanas, que tinham como baluartes de lutas poemas de conteúdos libertários, poetas engajados na construção de uma nova sociedade. Assim se manifestava Cadernos Negros. “Tempo de África, vida nova mais justa e mais livre”. [...]. Cadernos negros com seu texto documento pleiteava uma

transformação sociocultural de valores estéticos e éticos utilizando a literatura (Alves, 2002, p. 225).

A partir das ruínas sociais, pode-se reconstruir o engenho novo e a história é importante para se pensar o futuro e construir o presente. O poeta Jônatas C. da Silva assumiu esse papel de voz do escombros, a partir do seu lugar, do mesmo lugar.

Os novos engenhos foram construídos com pedras e gritos. Nota-se que, tanto na autoria quanto na temática, o afrodescendente assume aqui uma função antes a ele negada, silenciada, de interpor a sua própria voz, de expor suas reivindicações (Nascimento, 2022, p. 84). Neste segmento literário, lê-se também:

#### **Esses homens**

Daquela rua  
Uns sumiram  
Outros continuam  
Sem coragem  
Com caras membros  
Amuados.

Dessa rua  
Se parecem  
Todos parados  
Coçando barba  
Encostados  
Com bocas pés mãos  
Atoados.  
(Silva, 1984, p.42).

O poema acima revela uma obra de arte relacional orientada por processos flexíveis que regem a vida comum. Assim, a obra só é possível de análise no momento em que ela se torna mediadora ou propulsora de relações inter-humanas (Sales, 2022, p. 81). O que podemos analisar é que opera nesta obra de arte literária uma amostra comportamental do artista, aludindo a seu posicionamento ético em relação ao mundo vivido, bem como sua perspectiva observadora, desvendando esse desassossego incontido.

### **5.3 EMISSÁRIO QUILOMBISTA**

Imbuído de um espírito reivindicatório, os poemas escritos e publicados por Jônatas Conceição da Silva propõem uma literatura negra, mas sobretudo com um vértice apontado para a contraliteratura, tangido pelo caráter insubordinado, no questionamento de uma posição anterior de objeto, ou até mesmo de negação (Nascimento, 2022, p. 83).

Mouralis define processo de contraliteratura como aquele que se desenvolve “segundo uma linha que vai da percepção à manifestação da diferença, da manifestação à afirmação e à reivindicação desta última”. Em suma, não existe uma natureza única das contraliteraturas, mas apenas modalidades múltiplas de *subversão* do campo literário”. [...] A literatura negra brasileira que é negra porque exprime a experiência comum de opressão e de preconceitos sofridos por um grupo, situa-se neste mesmo espaço. A emergência de um sujeito enunciativo que assume sua condição negra no tecido poético revoga o uso tradicional onde o negro era o outro, era objeto (conteúdo, tema) e não sujeito (Bernd, 1992, p. 14 *apud* Nascimento, 2022, p. 83-84).

As ruínas construídas em nós são históricas, mas se uma voz pode reverberar, mesmo que através da arte literária, então queremos entender como dissipar essa voz, ainda que esteja entre os destroços. A proposta é analisar o texto poético com o entendimento que o autor exprime seu desassossego em cada estrofe, em cada poema, e que há uma voz latejante nas entrelinhas da sua escrita.

Ênfase à figura de Zumbi, o primeiro militante do pan-africanismo e da luta por liberdade em terras brasileiras. Zumbi, consolidador da luta palmarista selando, com sua morte em plena batalha, a determinação libertária do povo negro-africano escravizado, é o fundador, na prática, do conceito científico histórico-cultural do quilombismo (Nascimento, 2019, p. 311).

Essa história precisa ser eternizada, contada, relatada, pois trata-se daquele que ao seu tempo foi enviado para cumprir uma missão, sendo este um arauto, certamente um mensageiro. Inquietou-se com os desatinos próprios dessa vida passageira, temporal.

### **Zumbi é senhor dos caminhos**

Resgatar tua presença  
Sua firmeza de propósito  
De amor e liberdade  
Caminhar na tua ausência  
Fazendo dos passos  
De todos os pés  
A certeza de todos os encontros

Alcançar teu objetivo  
Por essa mesma terra  
Que de ti apoderaram  
Mas que a ti permanece fiel  
Nos objetos marcas caminhos  
De suas estranhas

Retomar toda história  
De todos os fatos  
Contar todas as verdades  
Para teu mito que  
Para sempre se refaz em  
Liberdade, liberdade, liberdade  
(Silva, 1984, p.64).

Zumbi buscou “liberdade” na escrita, na cor, na sociedade, na representatividade negra. A seu tempo, um intelectual.

O intelectual, tal qual se encontra nos melhores romances e memórias recentes, é aquele que, depois de saber o que sabe, deve saber o que seu saber recalca. A escrita é muitas vezes a ocasião para se articular uma lacuna no saber com o próprio saber, é a atenção dada à palavra do Outro (Santiago, 1989 *apud* Santos, 2018, p. 62).

No decorrer da história brasileira, podem ser identificadas diversas formas de resistência, a exemplo, como já citada, a literatura negra. No poema “Zumbi é senhor dos caminhos”, o autor ressalta a importância da continuidade das lutas, dos propósitos e valorização das lutas históricas por amor e liberdade de um povo silenciado por séculos neste país.

Atribuindo ao autor a nobilitação de “Emissário quilombista”, faço uma congratulação pelos feitos artísticos e literários, apontando assim as lutas contra o preconceito étnico na preservação identitária assumida pelos escritos da literatura negra, sobretudo no Brasil.

Literatura negra brasileira [...] onde emerge uma consciência negra, ou seja, um “eu” anunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da abolição da escravatura [...] A literatura negra, tomando a si a tarefa de protestar contra as complicadas e sutis formas de racismo que perduram até hoje na sociedade brasileira, que ainda vê nos descendentes de africanos as marcas de mais de trezentos anos de escravidão, tende a construir-se muito próxima destes referentes, perdendo, por vezes, sua força poética (Bernd, 2023, p. 114 *apud* Nascimento, 2022, p. 86).

Os poemas presentes na literatura negro-brasileira nos levam a reflexões que melhoram nosso entendimento e compreensão das propostas literárias de vários escritores negros, em que a poética, o trabalho de escrita, se assemelha a arte do ferreiro, que lentamente forja o ferro, buscando encontrar novas configurações e alcançar, com seu ofício, efeitos e sentidos que se produzem na interação do texto com diferentes leitores.

#### **Canto de amor ao homem do samba Batatinha**

Seu canto, nosso canto  
Vem da profundidade do coração  
Da dor.

Seu sofrer, nosso sofrer  
Nos foi legado como herança  
De vida que desvivida  
Sempre nos é, será dívida.

Sua vida, seu viver  
Sendo de dor, de sofrer

Só lhe deu fervor  
 Para compor um mundo com mãos negras nos tipos  
 Com mãos negras no couro  
 Com pés, coração, lá:  
 Aruandando.  
 (Silva, 1989, p.28).

Vozes, inquietações, músicas, cantos. A obra apresentada é sempre carregada de protestos e inquietações políticas e sociais, mas de uma poética desprendida de amarras. Esse poema “fala” ou “homenageia” os cantos e canções do samba, que traçadas por mãos negras, toma forma na preservação da própria cultura e na transmutação das palavras. Traz também o sentido de união, mãos dadas, seguras, onde diz: “Seu canto/nosso canto [...] Seu sofrer/nosso sofrer [...]”. Nessa obra, observa-se a associação do coletivo por um propósito, concretizado pela poesia, uma linguagem coletiva, portanto, nova.

#### 5.4 AVOZ DO AQUILOMBADO

##### **Rio de rãs**

Aquilombamento no meio do matão que só tinha  
 Onça antão,  
 Chegamos e até parecia que sempre lá estivemos.  
 Chico de Helena, em danças de jongos e maracatus,  
 Nos recebeu com alegre lenço na cabeça,  
 Seo Chico Tomé apareceu  
 Com seu cajado anunciador de autoridade imemorial.  
 (Muita gente chorou depois que ele falou)  
 Folgamos, rezamos e nos banhamos.  
 Tudo era paraíso utopia – a alegria da terra  
 Reconquistada.  
 Para sempre  
 No samba de terreiro, Mãe Val puxou da  
 Memória.  
 E, nessa hora, a até a havaiana dos pés de Valdina  
 Teve ares de nobreza.  
 Eta, festas boas, Zambi!  
 ESCOLA BAMBA  
 (Silva, 1996, p.93).

Na visão transmitida por Jônatas Conceição, neste poema, aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra hegemonias a partir de um corpo político.

O poema seguinte é uma escrita de si, onde o autor vai narrando desde o seu nascimento até o auge dos anos transcorridos. Consolidando seu processo de escrita, o autor insiste/persiste na plasticidade da língua portuguesa, tomando-a como um instrumento capaz de refletir também as perturbações da memória histórica da sua vida terrena.

**8 de dezembro**

Vinha ocupar teu leito.  
 - “Mais um menino!” –  
 Para tua grande prole  
 Dezembro, enfim fazia sentido.

Os lençóis eram sóbrios  
 E anunciavam tempestades  
 De amor e dor.  
 Lençóis empedrados.  
 Com marcas antigas de  
 Ouro, gozo, prata, diamante:  
 Preciosidades para alguns  
 Poucos.

Lençóis que deixam a descoberto  
 Minha nudez límpida  
 Que não me impedem  
 De correr, qual rio, para  
 O aconchego de águas marinhas.

Mar de saudade  
 Sal do teu corpo  
 Sal do teu mar  
 Vida e mel  
 Produzindo gozos profundos.

Grotas carnavais  
 Lançando-me a abismos sem destino.

O lençol era curto  
 Como a memória.  
 Minha nudez tacanha.  
 O corpo correndo rio abaixo  
 Lavras e mais lavras a trabalhar  
 Corpo e mais corpo a escavar.  
 Diamantes, riquezas  
 Gozos em teu ouro  
 Os lençóis vadios lançavam-me para outras eras.

Outrora houve lençol.  
 A alvura dos primeiros instantes.  
 - “Trinta e quatro anos!” –  
 Os lençóis permanecem martelando  
 Trazendo-me cheiros não mais da infância  
 Perdida.  
 O aconchego hoje é da mulher.  
 Mãe produziu riquezas como grande rio.  
 As riquezas foram lavradas, levadas.  
 As do rio o homem tragou  
 As da mãe a mulher sugou.

Lençóis de marcas profundas.  
 Anúncio de tempo sem memória.  
 A lembrança do azul,  
 Do branco  
 Da luz ardendo nos olhos,  
 Nas pedras da cidade morta  
 A memória dos pretos.

Do trabalho misturado ao folgar.  
 Banzo para quem nada fez  
 Castigo para quem mais reclamou.

Quero todos os Lençóis:  
 De ouro, lindo, diamante.  
 Europa, África, Bahia,  
 O rei não vai me chamar  
 Se ele teimar  
 Debaixo dos lençóis há de me encontrar.  
 (Silva, 1989, p.15).

Nesse poema, Jônatas C. da Silva sacode o tecido social brasileiro ao apresentar, assim como outros grandes autores, uma estrutura polissêmica da linguagem literária como um elemento de muita importância para lançar, sem dúvidas, luzes sobre a sombra que emerge de um cenário tocado pelo nascimento, dor, amor e pelo escombros.

## 5.5 UM PORTA-VOZ DO QUILOMBO

A pesquisa nos mostra que o autor em análise foi um verdadeiro ativista da causa quilombista no Brasil. Tornando-se um acadêmico, pesquisador e professor da UNEB – Universidade do Estado da Bahia, sendo esta uma das maiores universidades multicampi do Brasil, com 31 departamentos instalados em 27 campi: um sediado na capital do estado, onde se localiza a administração central da instituição, e os demais distribuídos em importantes municípios baianos, nos diversos territórios de identidade (UNEB, 2024). Como porta-voz, o autor pesquisado escreveu:

Como um quilombo não se constrói do nada, realizei um verdadeiro trabalho arqueológico, no sentido proposto por Michel Foucault, para chegar até o Ilê Aiyê, nos anos setenta, na Bahia. Fiz isso historiando como se dava a participação da população de origem africana nos carnavais de Salvador, mostrando como a maior festa popular do país sempre foi segregacionista e ressaltando as estratégias da população negra para superar a segregação exibindo sua cultura de origem africana nas ruas durante o carnaval (Silva, 2004, p. 12).

Contextualizando a citação acima, o trecho pertence à dissertação de mestrado do autor, onde ele fala da sua experiência com a construção do movimento quilombola Ilê Aiyê e o quanto esse construto foi e é importante para as comunidades da Bahia.

Importa, contudo, apresentar neste subcapítulo o percurso histórico e infográfico das obras produzidas, bem como suas análises e relevância para o estudo literário na Bahia e no Brasil.

Trazendo o autor como uma voz do quilombo, observamos que há um certo misticismo religioso. O sagrado católico e o animismo africano enlaçados revelam o forte sincretismo religioso presente nas antigas colônias portuguesas e que se mescla na voz e na escrita de escritores negros.

A exemplo do poema “Força de Orun”, que traz um conceito para a palavra inspiradora do poema, onde “Orun”, em iorubá, significa “céu” ou “mundo espiritual”. É um conceito da mitologia iorubá, em que Orun e Aiyê (mundo físico) são universos paralelos.

### **Força de Orun**

Ilê Aiyê deslumbra a avenida  
Com seus Angolas  
Comandados pela Rainha Ginga  
Vem convidar  
Malês, Minas, Benguelas  
Todo povo negro do Aiyê  
Para a festa a Liberdade.

Ilê Aiyê dez anos na frente  
Ilê Aiyê liberdade pra nossa gente.

Ginga lutou  
Sinal de vitória nos deu  
Congo, Matamba e Angola  
Reino Unido no Ilê do Curuzu  
A Liberdade virá com a força do Orun.  
(Silva, 1986, p.74).

Publicado nos *Cadernos Negros* de número 09, em 1986, o poema retrata a cultura negra a partir das matrizes africanas, festas, mitos e religiosidade. Nesse texto, o autor apresenta o Ilê Aiyê como sendo uma porta de libertação para todo o povo, e finaliza dizendo: “[...] A liberdade virá com a força do Orun”, evocando, assim, a força divinal vinda do céu.

Mostrar o Ilê Aiyê como um quilombo contemporâneo foi a tarefa a que me propus, levando-se em conta que o programa político do bloco, explícito em suas canções, denuncia o combate sistemático ao racismo e quer mostrar, à população, a cultura africana em todo o seu esplendor e grandeza (Silva, 2004, p. 12).

### **Corpo novo**

*Não sabeis que os vossos corpos são  
membros de Cristo?  
São Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios – 6:15.*

Quero outras mãos.  
Estas ficaram gastas  
E não aprenderam a conviver com o velho corpo  
Tornaram-se espinhentas.

Quero outras mãos

Que me ajudem a maciar a vida  
E a sentir a pele da mulher amada.

Quero outras mãos  
Que sejam instrumentos de gestos solidários  
E caminhem comigo na esperança  
De um corpo novo.  
(Silva, CN v. nº 19, p.90)

Ao ler os poemas, fica evidenciado como estão associadas as religiões de matrizes africanas e o catolicismo, a história e a política. Para a historiadora Maria da Conceição Neto:

É que as formas de relacionamento das igrejas com o estado e vice-versa nunca são espontâneas, mas sim resultantes da convergência ou divergência de interesses e do papel que cada um atribui ao outro e ao seu próprio relacionamento com os cidadãos, em contextos históricos concretos; trata-se, portanto, de relações essencialmente “políticas” (Neto, 1999, p. 378).

No poema “Corpo novo”, a referência ao messianismo é bem contextualizada, ao iniciar com uma epígrafe das escrituras sagradas, fazendo menção à igreja como corpo de Jesus Cristo. Notamos certa denúncia da religião, talvez como opressora do trabalho voluntário ou como auxiliadora do processo criacionista.

#### **O evangelho segundo Zezinho**

Ninguém era excluído,  
Na tela esfarrapada do seu cinema  
A Semana Santa durava um mês  
Eram muitos os santos e bichos

Lembro-me  
De um tal de Judas pulando corda  
De Pedro que se dizia pescador  
Mas vivia a comercializar com galináceos  
Romanos trajando saiotes se divertindo com leões  
Famintos  
Por cristãos.

E de Maria  
sempre clarinha  
a quase não-dizer  
mas sempre sonhar.  
(Silva, 2006, p.144).

O poema “O evangelho segundo Zezinho” revela a coexistência de diferentes registros ou momentos da religiosidade traçada pelo autor. Há aqui uma acentuada crítica aos personagens bíblicos, evidenciando atritos sociais, raciais e religiosos.

## 6 TOPÔNIMO DO DESTERRADO: PARA ALÉM DE UMA CONCLUSÃO

No percurso da pesquisa, percebi o quanto o autor dos textos valorizou o “lugar”, seja esse onde nasceu, onde visitou, onde escreveu ou onde viveu. Sendo assim, o título sujeita-se a essa observação, seguido do termo desterrado, visto que ao rememorar seus textos, intenções e trajetória, estaremos certamente desterrando algo que não pode ser enterrado com o passamento físico do intelectual, mas que devem ser reverberadas nas vozes das gerações futuras, prosseguindo assim com a cultura negro-brasileira.

### Estampas de Saubara

Meu São Domingos de Gusmão  
Perdoai nossas moças que estão a um fio do cio  
E dá o amor (urgente) às donzelas do Lavador.

Meu São Domingos de Gusmão  
Concedei uma morte em paz às nossas velhas carpideiras  
E acalmai as loucas (que são muitas) do Toboão

Meu São Domingos de Gusmão  
Devolvei nosso sossego tirado pelos banhistas de Cabuçu.  
Nossos peixes que se multiplicavam  
Nossos cajus que nos nodoavam.

Meus São Domingos de Gusmão  
Nossos filhos que foram pra Bahia se ausentar,  
Devolvei.  
Nossa areia branca da Rua Santa Fé,  
Devolvei.  
Aquela Saubara que a agente tanto amara  
(e que nós amaremos sempre)  
Devolvei.  
(Silva, 1984, p.55).

As obras publicadas entre os anos de 1978 a 2004 fazem parte, desde sua datação, de uma construção literária que nos chama atenção pela justeza com que funde tema e linguagem, fazendo um retrato com clareza do mundo perturbado dos preconceitos, injúrias e desassossegos. A questão espiritual e a valoração do lugar parece-nos ser uma preocupação constante nas lembranças de Jônatas C. da Silva. Basta lembrar dos poemas “Poema da maioria” (1989) e “Força de Orun” (CN, vol. n. 09, p. 74) cujas palavras personificam o topônimo e se desviam de um padrão de conduta tido como índice de normalidade do cristianismo e acentua a religiosidade africana.

No poema “Estampa de Saubara”, através de um processo em que interfere ironia e sátira, suas palavras assumem as funções que estão na ideia de uma fé redentora, o que permite ao autor pôr a descoberto os dois lados do problema: 1) a visão popular e seus preconceitos em

face da luta pelo reconhecimento racial, existindo certo misto de respeito e medo do sagrado; 2) a deformação da cultura que toma como verdade os pressupostos da hegemonia colonialista e comete em seu nome equívocos sucessivos, sem dar pelo absurdo de suas pretensões.

Antes de ir mais adiante, é preciso dizer que estas falas iniciais à guisa de uma conclusão parcial supõe a leitura do poema abaixo, pois revela uma posição entre outras, dentro de uma perspectiva que suponho válida, forma de aquilombamento, novas visões de si e formas de existir.

### **No Nordeste existem palmeiras**

Assim dizia um viajante antigo:  
—Palmeiras, símbolos de paz e sossego.

No Nordeste, palmeiras resistem.  
Brotam de concretos, casebres, barracos.  
A natureza mostra força e poesia.  
À noite, leves brisas amenizam passadas febres.  
As palmeiras abundavam no antigo quilombo.  
E não foram transplantadas para o Nordeste.  
Aqui, junto ao mar de Amaralina,  
Novos palmares também crescem,  
Arejando cabeças trançadas,  
Trazendo novas verdades.

Palmeiras são símbolos de paz e sossego.  
(Silva, CN v. nº 19, p.90).

Mais importante que o problema do preconceito racial, que existe em doses diferentes em toda a sociedade, é a visão do autor sobre a feição assumida pelo lugar, pelo quilombo, da condição social da população, seu modo de vida e a forma como construiu essa visão. “No Nordeste existem palmeiras” é um poema que converte o Nordeste em campo de experimentação, a partir de um flexível conceito de lugar, de vivências. Contrasta com as loucuras de uma sociedade opressora e compulsiva recebe ataques ou elogios.

A população negra sempre os recebe de modo indireto e por meio de instrumentos destituídos de eficiência: chavões de uma oratória vazia. Ou seja, através de componentes que refletem uma posição superficial de comportamentos, sem profundidade ou serenidade que demonstre tratamento adequado e eficiente.

O problema social perpassa o grito de dor sem soluções de momento, sendo atos amadurecidos. Neste sentido, quando o autor expressa: “/Novos palmares também crescem/”, apresenta a imagem dos que elogiam ou atacam os movimentos negros, visto que são elaboradas por meio de expressões desgastadas e já sem significado. Isto é, de frases vazias.

Outro fenômeno extraordinário e semelhante ocorre no poema “Para América”, quando se procura criar uma oposição à cultura, à atividade, ao homem do samba. O estímulo que desencadeia a ação precede de expressões igualmente esvaziadas de significação, como “há muito vivo na corda bamba”, que patenteia um gosto retórico maior que qualquer intenção de significar alguma coisa.

Importa-lhe antes o efeito do momento, da dor, como se expressa: “Acalmando as tripas”, há uma fome. Fome de quê? Assim, a expressão surge como prolongamento da qualidade e comportamento das pessoas que proferem cotidianamente. Sendo superficiais, agem superficialmente, sendo incapazes de perceber a falta de conteúdo nas palavras e nos atos. No entanto, trazidas dentro dos poemas, ganha notoriedade humana. Há uma preocupação com a condição do outro. Propõe-se a leitura:

#### **Escola Bamba**

Para América  
 Há muito vivo na corda bamba.  
 Acalmando as tripas  
 e fazendo do coração um mundo de amigos.  
 Deste, alguns viraram professores  
 universitários.  
 Outros também ficaram proletários.  
 Fingindo não me importar com o salário  
 virei homem de samba.  
 Sem acorde  
 Ritmo  
 Instrumento nenhum.  
 (Silva, 2000, p.76).

Está visto que a atitude de ironia reveste os versos, aparecendo, por exemplo, em “proletários/Fingindo não me importar com o salário/”, voltando-se contra o comportamento dos tipos humanos que as esposam, definindo-os como se definem as falas: vazios e superficiais. Mas é possível ir além. Com seu efeito poético, tem certo poder mágico que logra contaminar momentaneamente as pessoas, sendo também instrumento de ataque contra os vícios da época e do povo brasileiro, amante da retórica balofa e inchada, ainda hoje estimada de muitos.

Semelhantemente aos grandes clássicos, Jônatas Conceição da Silva possui uma capacidade de perceber certas peculiaridades do indivíduo, aliada à consciência de que a palavra que as expressa é veículo de várias faces, mostrando em seus versos poéticos uma clara atitude crítica diante da linguagem. Por isso, soube como ninguém, no Brasil e na Bahia do século passado e presente, valorizar a palavra, despojando-a de acessórios para adequá-la às necessidades de sua expressão de arte, capaz de resistir ao algoz e de se impor como modelo.

Em Jônatas C. da Silva, não há excessos, pois cada elemento linguístico tem uma função a desempenhar. Sugere-se a leitura:

**João Saldanha**

A sanha dos opressores de Platão  
 Não pôde calar o teu verbo.  
 Foste sempre o dono da bola  
 Desde que saíste de Pelotas  
 Para encher de fantasia  
 Tanto o torcedor da geral como o intelectual.

Este poema que queria redondo  
 Vai aqui com versos quebrados  
 Branco querido,  
 Que soube como ninguém  
 Traduzir a arte dos pés negros  
 E elevá-la ao Olimpo dos mais humildes.

Caro poeta da oralidade  
 Pelas ondas do rádio, o esporte bretão  
 Invadiu a área de nosso coração  
 Como o vigor e a sabedoria de sua arte de comentar  
 Homem e bola em apenas quatro linhas.  
 (Silva, 2006, p.145).

O universo da arte poética do autor, por exemplo, está dividido em porções distintas. De um lado temos os movimentos do povo negro que apresenta as características apontadas acima. São representantes típicos dessa feição de Jônatas. Por outro lado, sua sensibilidade ao homenagear João Saldanha, jogador de futebol que atuou profissionalmente por alguns anos no Botafogo, mas abandonou a carreira e se graduou em jornalismo, tendo se tornado um dos mais destacados da crônica esportiva brasileira. Como técnico de futebol, levou o Botafogo ao título carioca de 1957 e a Seleção Brasileira a classificar-se para a Copa do Mundo de 1970.

Vemos em nosso poeta a riqueza e profundidade em perceber as pessoas e o valor que elas. Procura sempre caracterizar os tipos comuns do povo, bem como os lugares comuns, inchados pela retórica banal, em que se manifesta a falta de espírito crítico. Os leitores se satisfazem com os versos de efeito epidérmicos, ficando bastante nítida a ruptura significado-significante, uma vez que os versos aparecem como elementos independentes, sem relação com o contexto.

Para melhor ilustrar o caminho profissiográfico do autor, elaborei quadros, como APÊNDICE A – Cronologia Literária de Jônatas C. da Silva (1952-2009); APÊNDICE B – Publicações Ontológicas de J. C. da Silva (1952-2009); APÊNDICE C – Profissiografia de J. C. da Silva (1952-2009); APÊNDICE D – Periódico: *Cadernos Negros*; APÊNDICE E – Quadro Analítico Ficcional: *Miragem de engenho* (1984); APÊNDICE F – Quadro Analítico

Ficcional: *Outras miragens*: miragem de engenho (1989). Segue uma breve explanação acerca das análises e construções investigativas da vida e obra do autor.

APÊNDICE A – Cronologia Literária de Jônatas C. da Silva (1952-2009): neste quadro apresento, dentro do tempo de produção, 2 (duas) obras individuais e ficcionais, sendo estas: *Miragem do engenho* (poemas), publicada pelo Instituto de Radiodifusão da Bahia no ano de 1984 e *Outras miragens*, publicada em 1989 pela editora Confraria do Livro. Além dessas, também produziu 4 (quatro) obras não ficcionais, a saber: *História de lutas negras: memórias do surgimento do Movimento Negro na Bahia - 1978-1988: 10 anos de luta contra o racismo – Movimento Negro Unificado*, publicado pela Editora Confraria do Livro, em 1988; *Reflexões para o ensino de Português para a escola comunitária*, publicado pelo Centro de Educação e Cultura Popular em 1991; *Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes*, publicado pela UFBA em 2000; *Vozes quilombolas: uma poética brasileira (dissertação de mestrado)*, publicada pela EDUFBA/Ilê Aiyê em 2004.

APÊNDICE B - Publicações Ontológicas de J. C. da Silva (1952-2009): com esse quadro busquei analisar todas as obras publicadas em antologias e que nos favorecesse importância literária para o garimpo dos estudos. O autor teve 14 (quatorze) publicações, ou seja: *Cadernos Negros 9* (Quilombhoje, 1986); *A razão da chama* (antologia de poetas negros brasileiros, 1986); *Cadernos Negros 10* (Quilombhoje, 1987); *O negro escrito* (Oswaldo de Camargo, 1987); *Schwarze poesie: poesia negra* (Moema Parente Augel, 1988); *Escravidão e invenção da liberdade* (Brasiliense, 1988); *Callaloo - Vol. 18 – Entrevista* (Charles H. Rowell); *Cadernos Negros 19: poemas afro-brasileiros* (Quilombhoje, 1996); *Cadernos Negros: os melhores poemas* (Quilombhoje, 1998); *Cadernos Negros 23: poemas afro-brasileiros* (Quilombhoje, 2000); *Cadernos Negros 29: poemas afro-brasileiros* (Quilombhoje, 2006); *Cadernos Negros - Três Décadas: ensaios, poemas, contos* (Quilombhoje, 2008); *Cadernos Negros 32: contos afro-brasileiros* (Quilombhoje, 2009).

APÊNDICE C – Profissiografia de J. C. da Silva (1952-2009): esse quadro está dividido em dois momentos, um no campo da produção acadêmica, enquanto universitário, e outro na atuação profissional, sendo: *A crase não foi feita para humilhar ninguém: o livro didático de português - UNICAMP, 1978-1979* (dissertação/monografia) e *Vozes quilombolas: uma poética brasileira – UFBA, 2002-2004* (dissertação de mestrado), publicado em formato de livro. Trazendo ao conhecimento uma profissiografia mais distante, temos como atuação: professor de Língua Portuguesa em escolas comunitárias e universidade - Escolas Comunitárias/UNEB; Radialista - Programas: Afro Bahia/Tambores da Liberdade - Rádio Educadora/Rádio Metrópole/Rádio Salvador; Escritor/Contista/Poeta - Vários periódicos: Revistas, Livros e

Jornais; Diretor e coordenador do Projeto de Extensão Pedagógica – Bloco Carnavalesco Afro Ilê Aiyê. Importante militante do movimento negro brasileiro, não foi omissor na missão do ensinar, comunicar e difundir.

APÊNDICE D – Periódico: *Cadernos Negros*, neste espaço busquei apresentar todos os temas dos poemas publicados nos periódicos, a exemplo de “A pequena ceia” (Poema - CN, Três décadas: Ensaios, Poemas, Contos, p. 140-141); “Tipos de vida” e “Força de Orun” (Poema - CN, Vol. n. 09, p.74); “Margens mortas” (Conto - CN, Vol. n.10, p.81-84); “Corpo novo” e “No Nordeste existem palmeiras” (Poemas - CN, Vol. n. 19, p. 90); “Rio de rãs” e “Escola bamba” (Poemas - CN, Vol. n. 23, p. 74;76); “O evangelho segundo Zezinho” e “João Saldanha” (Poemas - CN, Vol. n. 29, p. 144-145). O desassossego exprime a efervescência a partir dos nossos escombros. Ocupa-se da ressignificação cultural e retrata uma imagem viva da África no nosso continente (Conceição Evaristo, Carta Capital, 2017). Sua curta passagem deixou um grande legado de militância imortal. Publicar no periódico *Cadernos Negros* é ter o reconhecimento de lutas vencidas, de batalhas vividas e de um legado deixado para a posteridade.

APÊNDICE E – Quadro Analítico Ficcional: *Miragem de engenho* (1984), esta obra foi publicada em formato de livro, reunindo muitos poemas de grande relevância no sentido do apelo social, racial e crítico, com o eu lírico autoral sempre presente. Está dividido em 3 capítulos, a saber: I – Notícias do engenho; II - O sopro da vela; III - Domínio das pedras. [...] o escombro é a criação de uma forma cuja ausência virtual levanta a questão do que quer dizer começar de novo, no mesmo lugar, como se fosse noutro lugar (Bhabha, 2002, p. 78-79). O livro está organizado por capítulos, e em cada capítulo há um conjunto de poemas que exprime sua essência, vivências e experiências, transcrevendo uma escrita própria de si.

APÊNDICE F – Quadro Analítico Ficcional: Em *Outras miragens: miragem de engenho* (1989) há certo gosto de quero mais e, neste bojo, surge a obra, reunindo vinho novo em odre velho. Neste trabalho, o poeta trouxe à memória alguns poemas já publicados em *Miragem de engenho*, com outros poemas inusitados para salgar o apetitoso leitor, possuindo apenas um capítulo ou módulo com a mesma intitulação. O prefácio do livro conta com a brilhante participação do amigo e venerado Oliveira Silveira (1988), que faz uma análise de forma bastante profícua que nada pode se dizer após a fala. Sensivelmente tocante, diz:

Entre as Miragens e estas Outras alguns pontos de paralelismo a nível temático na base ou no centro de tudo, traços decisivos, o mês de dezembro, a presença afetiva do Engenho Velho, a máquina de escrever, num caso motivo para expressão de ideal ou desejo, noutro o dilema e a perplexidade (Silveira, 1988, p.11-12).

Abordando o dilema, como atender aos pedidos do poeta se ele expressa duas vontades diferentes para quando morrer: caixão verde (“Verdejante”) ou canoa (“Odôia!”). Sujeito poético cuidadoso no trato das palavras equalizando consciência e emoção. Coisa para a gente saudar com palmas e tambor (Silveira, 1988, p.11-12).

De todas as análises, talvez, essa seja a mais sensata a se fazer. Não nos resta outros dizeres e pareceres, apenas apreciações e louvor aos mestres do saber. Estes dois poemas publicados em *Outras miragens*: miragem do engenho, trazem esse enigma temporal de desejos futuros. Qual futuro? Aquele que se torna presente em 2009. Ora, ocorrera ali o passamento de um corpo mortal, mas perpassa um pensamento imortal.

No decorrer da nossa escrita, sempre voltando para as vozes quilombolas, analisamos que o autor é escritor de 43 (quarenta e três) poemas publicados em periódicos e livros. Destes, 25 (vinte e cinco) foram citados e comentados, totalizando 58,14% dos poemas. Isso nos deixa impulsionados a despertar em outros leitores e pesquisadores o desejo de continuar as análises, profundezas e epistemes de novos saberes.

Os quadros elaborados têm por objetivo fornecer um portfólio completo da obra desenvolvida e deixada por Jônatas Conceição da Silva, num repertório rico em sutilezas, bravura e denodo no enfrentamento das discussões calorosas em prol do minoritário. Seu trabalho, juntamente com um exército de outros intelectuais que se juntaram nesse sólido propósito, proporcionou o presente de conforto nos ambientes universitários, nas escolas e na sociedade, a partir das conquistas legislativas e políticas sociais.

Foi possível catalogar também em nossos anexos capas dos periódicos, livros e outras obras literárias desse baú de reminiscências. A conhecer: ANEXO A – Capa da coletânea *Obras reunidas*: breve apresentação; ANEXO B – Ilustração do livro: *Reflexões sobre o ensino de Português para a escola comunitária*; ANEXO C – Apresentação da capa do livro *Miragem de engenho*; ANEXO D – Apresentação da capa do livro *Outra miragens*: miragens de engenho; ANEXO E – Apresentação da capa do livro *Quilombo de palavras*: a literatura dos afro-descendentes; ANEXO F – Ilustração da capa do livro *Voices quilombolas*: uma poética brasileira; ANEXO G – Ilustração da capa do livro *A crase não foi feita para humilhar ninguém*: o livro de português; ANEXO H – Poemas publicados nos *Cadernos Negros*: Três Décadas – Ensaios, poemas, contos; ANEXO J – Publicação nos *Cadernos Negros* – Vol. 10: Contos; ANEXO K – Publicação nos *Cadernos Negros* – Vol. 23: Poemas afro-brasileiros; ANEXO L – Publicação nos *Cadernos Negros* – Vol. 29: Poemas afro-brasileiros; ANEXO M – Publicação na coletânea *Schwarze poesie* – poesia negra; ANEXO N- Carta de princípio do MNU.

A pesquisa contou com a catalogação de 19 imagens fotográficas, compondo os anexos, trazendo uma importância epistêmica ao produzir informações que servirão de aporte aos futuros pesquisadores. O que se cerne, então, é a importância da informação desta quando se erige em pesquisa, garimpo e não em verdade absoluta, pois se assim for, passa a cometer, em seu nome, distorções inaceitáveis. Deste modo, esperamos ter atingido os objetivos propostos. Ademais, vemos que se os estudos literários forem mal assentados, transforma seus adeptos em cegos aplicadores dos princípios que a enformam. Para colocar o problema em termos atuais, basta ver o que ocorre com certos defensores e aplicadores mal-informados e malformados da literatura negra, transformada em “*mi... mi...mi*”, forma de silenciamento. De todos os problemas humanos, esse não será o maior, mas o pugnaz.

Por fim, pode-se dizer que a identidade negra, componente mais destacado na obra de Jônatas C. da Silva, assim como de muitas outras obras da literatura negro brasileira, apresenta-se como um comportamento decolonial, que reluta as questões de subalternidade a ela delegada em função da própria história iniciada com o comércio de escravos (escravidão), e ao mesmo tempo, é reivindicatória. Trata-se de uma transculturação, no sentido de enobrecimento identitário.

A partir da grandeza das discussões aqui apresentadas, recomendamos aos futuros pesquisadores e à comunidade acadêmica possíveis vislumbrações de temas em torno do que a pesquisa possa propiciar, a exemplo da recepção da obra de Jônatas C. da Conceição e tantos outros autores negros.

A perspectiva é de que esse trabalho possa alcançar a opinião pública, popular, a partir de indagações, questionamentos, novos olhares, para que se consiga comprovar ou mesmo repelir a hipótese de que a vida e obra do autor em análise tenha provocado influência na mudança de opinião e comportamento de seus leitores, certamente confirmará, a exemplo próprio, dado é claro, pela forma como foi desdobrado o texto ficcional e seus reflexos na realidade das pessoas circunvizinhas e da sua própria realidade.

É almejado, a partir daqui, que seja possível fazer novas análises, por exemplo, do atingimento dos leitores que tiveram contato com os poemas, o reconhecimento das diferentes identidades ali expressas, principalmente no que se refere ao valor dado às minorias étnicas, por meio das palavras e narrativas que os textos apresentam.

Dessa maneira, mesmo sabedores do cenário ainda inóspito de exclusões e vexamentos enfrentados pela população negra, foi possível constatar que muitos aspectos da identidade negro-brasileira conseguiram se firmar, a exemplo da conquista por espaços na imprensa escrita

e midiática, espaços acadêmicos, legislativos etc., tudo com a força das ações de resistência, ressignificação e identidade.

Esta pesquisa, finalmente, defendeu a ideia de que os espaços devem ser observados, a partir de uma literatura aberta e que a poética do desassossego traz consigo as marcas de lutas dantes almeçadas por proletariados, pobres, pretos, mas que levanta um estandarte de vitórias bramadas. A reminiscência literária de Jônatas C. da Silva pode ser apresentada como um reflexo de lutas, braços e mãos apoiadas de estudantes, pesquisadores, professores e todas as gentes naquela, nessa e noutras atualidades. Esse é, portanto, o ponto em que a obra transmite como uma herança a ser preservada.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Eduardo Luis Biazzi de. Identidade cultural: comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia em questão. In: **Revista África e Africanidades**. Ano 2, n. 8, fev. 2010. ISSN 1983-2354. Disponível em: [www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com). Acesso em: 26 ago. 2021.
- ACCIOLY, Beatriz. **Qual a diferença entre quilombos urbanos e rurais?** 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/fonte/beatriz-accioly/>. Acesso em: 02 jun. 2024.
- ALEIXO, Ricardo. Diário da Encruza. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. Verbete da Enciclopédia. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra72418/diario-da-encruza>. Acesso em: 24 maio 2024. ISBN: 978-85-7979-060-7.
- ALEIXO, Ricardo. Não tem fim. **Festa! Festival de aprender 9-17 julho 2022**, São Paulo – SP, Vol. Nº 01, p. 77, jul/2022.
- ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta em fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas: Mazza Edições, 2002. P. 221-240.
- ALVES, Miriam. **Cadernos Negros 5**. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1982.
- ANICETO, Patrícia de Paula; NOGUEIRA, Nícea Helena. A presença de outras vozes nas poesias de Elisa Lucinda. In: **Revista Fernão**, jan./jun. 2020, Vitória, ano 2, n. 3.
- AUGEL, Moema Parente (1939). **O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 179-254.
- BARBOSA, Márcio. Questões sobre a literatura negra. In: **Quilombhoje** (Org.). Reflexões sobre a literatura afro-brasileira. São Paulo: Quilombhoje, 1982. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/304-marcio-barbosa>. Acesso em: 03 ago. 2024.
- BHABHA, Homi K. **Democracia des-realizada**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 148, p. 78-79, jan./mar. De 2002.
- \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BRANDINO, Luiza. **Literatura negra: reação à exclusão sumária do povo negro nos meios intelectuais, a literatura negra é uma afirmação identitária e uma reivindicação de cidadania**. Disponível em: <https://brasilesola.uol.com.br/literatura/literatura-negra.htm>. Acesso em: 01 maio 2024.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- CONCEIÇÃO, Jônatas. **Obras reunidas Jônatas Conceição**. Ana Célia da Silva (Organização e apresentação); Lande Onawale (prefácio). Salvador - BA: Ereginga Educação, 2021. 604 p. (E-book).

\_\_\_\_\_. *et al.* **Cadernos de Educação do Ilê**, 1995 a 2007.

\_\_\_\_\_. In: **IROHIN**, Brasília, a. XIII, n. 24, p. 35.

\_\_\_\_\_; BARBOSA, Lindinalva (Orgs.). **Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes**. 2. ed. ampl. Salvador: CEAQ/UFBA, 2000.

COELHO, Naiara Vieira da Silva. **Observando a palmitagem?** Percepções de relacionamentos inter-raciais entre membros de um grupo afrocentrado do Facebook. 2020, 54p. TCC (Graduanda em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Alagoas, 2020.

CRUZ E SOUSA, João da. PÉREZ, José (Org.). Missal, Evocações. In: **Cruz e Sousa: prosa**. 2 ed. São Paulo: Cultura, 1945. v. 2. p.5-126. (Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, Os mestres da língua, 14).

CUTI. In: SANTOS, Luiz Carlos dos (org.). **Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005. (Lendo e Relendo – Poesia).

CUTI, Luiz Silva. **Negroesia**. Antologia Poética. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **Literatura negro-brasileira**. Selo Negro, 2010.

\_\_\_\_\_. Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos. In: **QUILOMBHOJE** (Org.) **Reflexões sobre a literatura afro-brasileira**. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra Brasileira do Estado de São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.). **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

\_\_\_\_\_. Quem tem medo da palavra negro? **Revista Matriz: uma revista de arte negra**. Porto Alegre: Grupo Caixa Preta, 2010.

\_\_\_\_\_. **Por uma literatura negra**. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/cuti-luiz-silva-por-uma-literatura-negro-brasileira/>. Acesso em: 23 maio 2024.

\_\_\_\_\_. Persistência. In: **Negrhúmus líricos: Poemas**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2017, p. 22.).

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.

DOMINGUES, J. Ester. **Máscaras africanas**. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/mascaras-africanas-recortar-colorir/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues 18 de abril 2017. Acesso em 14 de dezembro de 2024. Acesso em 14 de dezembro de 2018.

DURANT, Will. **História da filosofia**. Vida e ideias dos grandes filósofos. Traduzido por Godofredo Ranguel e Monteiro Lobato. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1956.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Cuti. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 3, Contemporaneidade.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Certificação quilombola**. 2007. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em: 2 jun. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, c2009. lxxxiii, 1986 p. ISBN: 857302383.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: População quilombola é mais jovem do que população total do país**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Mundial Cultural E Natural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29#:~:text=O%20patrim%C3%B4nio%20cultural%20%C3%A9%20composto,e%20a%20riqueza%20das%20culturas>. Acesso em: 21 maio 2024.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. SESI-SP Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **Antologia pessoal**. (Organização José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. Edição Popular, 1963.

JESUS. Ilma Fátima de. **Os desafios da formação política da militância do Movimento Negro Unificado - MNU**, 02 de julho de 2009. Disponível em: <https://mnu.org.br/categoria/artigos/>. Acesso em: 09 ago. 2024.

LOSE, Alicia Duhá; MAGALHÃES, Livia Borges Souza. **Metodologia do trabalho científico**: elaboração de projeto. Salvador: UFBA, Faculdade de Educação; Superintendência de Educação a Distância, 2019. p. 14-27.

LUCINDA, Elisa. A herança da mulher-tribo. **Veja**, São Paulo, 26 mar. 2018. Disponível em: <https://complemento.veja.abril.com.br/pagina-aberta/mulher-tribo.html>. Acesso em: 31 maio. 2020.

\_\_\_\_\_. **Vozes guardadas**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MARQUES, Lorena de Lima. **Diáspora africana, você sabe o que é?** 20 de fevereiro 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e>. Acesso em: 31 maio 2024.

MOURA, Clóvis. História do Negro Brasileiro. São Paulo: Editora Ática S.A., 1992

MUNANGA, Kabengele. *Negritude – usos e sentidos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988. Série Princípios.

\_\_\_\_\_. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação – Penesb/RJ, em 5 de novembro de 2003.

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: um conceito científico histórico-social. In: **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002, p. 269-274. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/1444-abdias-nascimento-quilombismo-um-conceito-cientifico-historico-social>. Acesso em: 01 jun. 2024.

\_\_\_\_\_. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **O Quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. **Identidade e resistência afro-brasileiro na obra de Jorge Amado**. Feira de Santana - BA: UEFS Editora; Ilhéus, BA: Editus, 2022.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; ZITO, Josué Gabriel de Freitas Kahanza. Discurso emancipador e identidade em “Negritude – usos e sentidos”, de Kabengele Munanga. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/discurso-emancipador-e-identidade-em-negritude-r-usos-e-sentidos-de-kabengele-munanga-uma-proposta-de-resenha>

NOGUEIRA, Isabela Pretti. **Cadernos Negros**: a literatura nacional como difusão de consciência. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/cadernos-negros-a-literatura-nacional-como-difusao-de-consciencia/#:~:text=Os%20Cadernos%20Negros%20seguem%20vivos,de%20uma%20escrit%20viva%2C%20pulsante%2C>. Acesso em: 31 jul. 2024.

OLIVEIRA, Patricia Anunciada. Cadernos Negros e poesia afro-brasileira em evidência. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 11, dezembro 2020.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Haikai**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/haikai.htm>. Acessado em 18 de dezembro de 2024.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Organização de Leyla Perrone Moyses. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência da criança**. Rio de Janeiro; Zahar, 1977.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX**, 2014, 326f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas - SP, 2014.

PRADO, Camila. Por uma literatura negro-brasileira. In: **Entrevista – Luiz Silva Cuti**. Disponível em: <https://www.escrevendofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/cuti-luiz-silva-por-uma-literatura-negro-brasileira>. Acesso em: 29 maio 2024.

QUILOMBHOJE. **Cadernos Negros: Contos**. São Paulo: Quilombhoje Literatura, Volume 09, 1986.

QUIRINO, Matheus Lopes. Além do chão uma entrevista com o multiartista Ricardo Aleixo. In: **Uma entrevista**. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/alem-do-chao-uma-entrevista-com-o-multiartista-ricardo-aleixo>. Acesso em: 28 maio 2024.

RAMOS, Liliam. Descolonizando saberes: conceitos de literatura latino-americana de autoria negra. In: TETTAMANZY, Ana; SANTOS, Cristina (Orgs). **Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira**. Porto Alegre: Zouk, 2018.

RECH, Helena Teresinha. **As duas faces de uma única paixão: uma reflexão teológica sobre experiência cristã de Deus e suas conseqüências para a vida consagrada da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Esmeralda. Ressurgir das cinzas. In: BARBOSA, M. (org.). **Cadernos Negros 27**. São Paulo: Quilombhoje, 2004, p. 63.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. **Cadernos Negros**. São Paulo: Quilombhoje, 2006. v. 29.

SALES, Cristian Souza de. Intelectuais afrodiáspóricas e produção de conhecimento na América Latina e Caribe: Conceição Evaristo, Mayra Santos, Febres e Yolanda Arroyo Pizarro. In: **Passo Fundo**, v. 22, n. 4, out/dez 2022, p.118-147. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/14052/114116833>. Acesso em: 28 mai 2024.

SALES, Karina Lima. **Traços da periferia: políticas e performances em produções literárias marginais-periféricas contemporâneas**. Salvador: Eduneb, 2022a.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia**. Porto Alegre, 2014, 336 p.

SANTOS, Marinilda Gomes dos. **Cartobiografia poética de Jônatas Conceição da Silva**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANTOS, Nilton Filho Ferreira; SILVA, Sammia Castro. Culturas afrodiáspóricas e educação: percepção de docentes IFCE campus Canindé. In: **Ensino em perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>. Acesso em: 28 maio 2024.

SERPA, Verônica. **Nascimento de Aimé Césaire, inventor do conceito de ‘negritude’, completa 111 anos**. 26 de junho de 2024, Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/nascimento-de-aime-cesaire-inventor-do-conceito-de-negritude-completa-111-anos/>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

SILVA, Cidinha da. **Racismo no Brasil e afetos correlatos**. Porto Alegre: Conversê Edições, 2013. (Crônicas).

SILVA, Jônatas Conceição da. **Reflexões sobre o ensino de Português para a escola comunitária**. Caderno de educação popular. CECUP Centro de Educação e Cultura Popular. Salvador: Gráfica e Editora Santa Fe, 1991, 52 p.

\_\_\_\_\_. **Miragem de engenho**. Salvador: IRDEB, 1984, 38 p.

\_\_\_\_\_. **Outras miragens: miragem de engenho**. São Paulo: Confraria do Livro, 1989, 75 p.

\_\_\_\_\_. **Quilombo de palavras: a literatura dos afro-descendentes**. Orgs: Jônatas Conceição, Lindinalva Amaro Barbosa, 2 Ed. ampl. 136 p. Salvador: CEAO/UFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Vozes quilombolas: uma poética brasileira**. Salvador: EDUFBA/ Ilê Aiyê: Salvador. 2004.

\_\_\_\_\_. **A crase não foi feita para humilhar ninguém** (Dissertação de Mestrado em Linguística da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP). Salvador, 1986.

\_\_\_\_\_. Força do Orum. In: **Cadernos Negros - Poemas n. 9**. São Paulo: QuilombHoje, 1986, p. 74.

\_\_\_\_\_. Margens Mortas. In: **Cadernos Negros - Contos n. 10**. São Paulo: QuilombHoje, 1987, p. 81 a 85.

\_\_\_\_\_. Isael. In: **Cadernos Negros - Poemas Afro-brasileiros** n. 19. São Paulo: QuilombHoje, 1996, p. 92.

\_\_\_\_\_. 27 de setembro. In: **Cadernos Negros - Poemas Afro-brasileiros** n. 19. São Paulo: QuilombHoje, 1996, p. 93.

\_\_\_\_\_. Rio das Rãs. In: **Cadernos Negros - Poemas Afro-brasileiros** n. 23. São Paulo: QuilombHoje, 2000, p. 74.

\_\_\_\_\_. Escola Bamba. In: **Cadernos Negros - Poemas Afro-brasileiros** n. 23. São Paulo: QuilombHoje, 2000, p. 76.

\_\_\_\_\_. O evangelho segundo Zezinho. In: **Cadernos Negros - Poemas Afro-brasileiros** n. 29. São Paulo: QuilombHoje, 2006, p. 144.

\_\_\_\_\_. João Saldanha. In: **Cadernos Negros - Poemas Afro-brasileiros** n. 29. São Paulo: QuilombHoje, 2006, p. 145.

\_\_\_\_\_. Zumbi é o senhor dos caminhos. Zumbi ist herr der wege (alemão). In: **Schwarze poesie - poesia negra**. Moema Parente Augel (Org). Editora Diá, St. Gallen/ Köln, 1988, p. 150-151.

\_\_\_\_\_. Histórias de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia. In: **Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil**. João José Reis (Org). Co-edição CNPQ. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 275-288.

\_\_\_\_\_. **Afro-Ásia**, 2010, n. 42, p. 229-235. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21214/13799>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SOUZA, Florentina da Silva. Jônatas Conceição, um poeta afro-brasileiro. **Letras de Hoje**, 2011, 46(4). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/10204>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org.) **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Geovana Laura da Silva. **O respeito e a valorização da diversidade cultural: a importância da literatura indígena na sala de aula**. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO\\_EV174\\_MD1\\_ID7158\\_TB16\\_10032022202126.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID7158_TB16_10032022202126.pdf). Acesso em: 28 maio 2024.

SOUZA, Elizandra. **Escrita de mulheres negras em quarentena: autocuidado e sobre(vivência)**. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/escrita-de-mulheres-negras-em-quarentena-autocuidado-e-sobrevivencia/>. Acesso em: 28 maio 2024.  
TEODORO, Antonio; VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. (Org.). **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie; Cortez, 2005.

THOMPSON; Edward Palmer. **Costumes e comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Natanael. **A importância da literatura negra brasileira como representatividade de vozes que formaram o Brasil**. Editora Realize. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/6581deded0a5c\\_19122023152014.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/6581deded0a5c_19122023152014.pdf). Acesso em: 01 maio 2024.

### ELETRÔNICOS:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/>

<https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/>

<https://ims.com.br/convida/cadernos-negros-quilombhoje>

<https://www.quilombhoje.com.br>.

<https://www.tuasaude.com>

<https://www.guiadasemana.com.br>

<https://mnu.org.br>

<https://uneb.com.br>

<https://www.sescsp.org.br/festa>

Homenagem da família a Jônatas

Conceição: <https://plataformajonatas.wixsite.com/jonatasconceicao/biografia>. Disponível em 10.05.2021.

Artigo “Jônatas Conceição, um poeta afro-brasileiro“, por Florentina Souza, publicado na revista Letras de Hoje, v. 46, n. 4, p. 40-44, out./dez. 2011.

(<https://core.ac.uk/download/pdf/25529458.pdf>). Disponível em 19.04.2021

<https://www.geledes.org.br/perfis-femininos-luiza-bairros/>. Disponível em 19.04.2021

Sarau em homenagem a Jônatas Conceição. Publicado em 12/12/2010 por Bomfim Brown

<https://blogdobrown.wordpress.com/2010/12/12/sarau-em-homenagem-a-jonatas/>. Disponível em 19.04.2021

<https://conversadehistoriadoras.com/tag/movimentonegro/>. Disponível em 17.04.2021

SILVA, Jônatas Conceição da. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7591731165444816>. Disponível em: 22.04.2024

MOREIRA, Neuracy Maria de Azevedo. Silva, Jônatas Conceição (1952-2009). In:

Dicionário Biográfico-histórico da Bahia - Homenagem. Disponível em:

<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/2024/05/27/jonatas-conceicao>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024.

APÊNDICE 01 – CRONOLOGIA LITERÁRIA DE JÔNATAS C. DA SILVA (1952-2009)

<b>CRONOLOGIA LITERÁRIA</b>		
<b>Autor</b>	<b>Obras Individuais e Ficcionalis</b>	<b>Editora   Ano</b>
<b>JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA</b> 1952 – 2009	<i>Miragem de engenho</i> - poemas	Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, 1984
	<i>Outras miragens</i> - poemas	Confraria do Livro, 1989
	<b>Obras Não Ficcionalis</b>	<b>Editora   Ano</b>
	História de lutas negras: memórias do surgimento do Movimento Negro na Bahia. In: 1978-1988:10 anos de luta contra o racismo – Movimento Negro Unificado.	Confraria do Livro, 1988
	<i>Reflexões para o ensino de Português para a escola comunitária</i>	Centro de Educação e Cultura Popular, 1991
	<i>Quilombo de palavras</i> : a literatura dos afrodescendentes	UFBA, 2000
	<i>Vozes quilombolas</i> : uma poética brasileira	EDUFBA / ILÊ AIYÊ, 2004

Elaboração própria.  
Fonte: *Obras Reunidas*, 2021.

APÊNDICE 02 – PUBLICAÇÕES ANTOLÓGICAS DE J. C. DA SILVA (1952-2009)

PUBLICAÇÕES ANTOLÓGICAS		
Participante	Obra	Organização   Ano
JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA 1952 – 2009	<i>Cadernos Negros 9</i>	Quilombhoje, 1986
	<i>A razão da chama</i>	Antologia de poetas negros brasileiros, 1986
	<i>Cadernos Negros 10</i>	Quilombhoje, 1987
	<i>O negro escrito</i>	Oswaldo de Camargo, 1987
	<i>Schwarze poesie: poesia negra</i>	Moema Parente Augel, 1988
	<i>Escravidão e invenção da liberdade</i>	Brasiliense, 1988
	<i>Callaloo - vol. 18 – entrevista</i>	Charles H. Rowell
	<i>Cadernos negros 19: poemas afro-brasileiros</i>	Quilombhoje, 1996
	<i>Cadernos Negros: os melhores poemas</i>	Quilombhoje, 1998
	<i>Cadernos Negros 23: poemas afro-brasileiros</i>	Quilombhoje, 2000
	<i>Cadernos Negros 29: poemas afro-brasileiros</i>	Quilombhoje, 2006
	<i>Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos.</i>	Quilombhoje, 2008
	<i>Cadernos Negros 32: contos afro-brasileiros</i>	Quilombhoje, 2009
	<i>Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica - vol. 2</i>	Eduardo de Assis Duarte, 2010

Elaboração própria.

Fonte: *Obras Reunidas*, 2021.

**APÊNDICE 03 – PROFISSIOGRAFIA DE J. C. DA SILVA (1952-2009)**

<b>ATUAÇÕES ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS</b>		
<b>Autor</b>	<b>DISSERTAÇÕES</b>	<b>Instituição   Ano</b>
<b>JÔNATAS CONCEIÇÃO DA SILVA</b> 1952 - 2009	<i>A crase não foi feita para humilhar ninguém: o livro didático de português</i>	UNICAMP, 1978-1979
	<i>Vozes quilombolas: uma poética brasileira</i>	UFBA, 2002-2004
	<b>PROFISSIONAIS</b>	<b>Instituições</b>
	Professor de Língua Portuguesa	Escolas Comunitárias/Uneb
	Radialista - Programas: Afro Bahia/Tambores da Liberdade	Rádio Educadora/Rádio Metrópole/Rádio Salvador
	Escritor/Contista/Poeta	Vários periódicos: revistas, livros e jornais
	Diretor e coordenador de projeto de extensão pedagógica	Bloco Afro Ilê Aiyê

Elaboração própria.  
Fonte: *Obras Reunidas*, 2021.

**APÊNDICE 04 – PERIÓDICO *CADERNOS NEGROS***

<b>PERIÓDICO: CADERNOS NEGROS</b>		
<b>Poema/Conto:</b>	<b>Capítulo:</b>	<b>Características:</b>
A pequena ceia (poema)	CN, três décadas: ensaios, poemas, contos, p. 140-141	<b>Desassossego:</b> Exprime a <b>efervescência</b> a partir dos nossos escombros. Ocupa-se da ressignificação cultural e retrata uma imagem viva da África no nosso continente. A série <i>Cadernos Negros</i> caracteriza-se no formato de uma coletânea de divulgação da literatura negro-brasileira no país, promovendo a descoberta de talentos literários. Sua temática apresenta o <b>frenesim</b> do combate ao racismo, desigualdade social, fim da violência policial, entre outros. Há, portanto, um <b>aflingimento</b> político-social. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio (Conceição Evaristo, Carta Capital, 2017. In: Entrevista).
Tipos de vida (poema)	CN, vol. n. 09, p.74	
Força de Orun (poema)		
Margens mortas (conto)	CN, vol. n.10, p.81-84	
Corpo novo (poema) No Nordeste existem palmeiras	CN, vol. n. 19, p. 90	
Rio de rãs (poema)	CN, vol. n. 23, p. 74;76	
Escola bamba (poema)		
O evangelho segundo Zezinho (poema)	CN, vol. n. 29, p. 144-145	
João Saldanha (poema)		

Elaboração própria.  
Fonte: *Obras Reunidas*, 2021.

## APÊNDICE 05 – QUADRO ANALÍTICO FICCIONAL: MIRAGEM DE ENGENHO (1984)

MIRAGEM DE ENGENHO (1984)		
Poema:	Capítulo:	Características:
O engenho	I – Notícias do engenho	<b>Escombros:</b> Carregado da reminiscência da infância, é perceptível a exposição das experiências intimistas do poeta que são exteriorizadas com sua essência lírica. Constituídos por poemas de heróis, de fantasias, de <b>trapos</b> , de <b>construções</b> e <b>demolições</b> , das marcas do tempo, da memória e do transitório, [...] o escombros é a criação de uma forma cuja ausência virtual levanta a questão do que quer dizer começar de novo, no mesmo lugar, como se fosse noutro lugar (Bhabha, 2002, p. 78-79).
Onde eu nasci passa um rego		
Meus oito anos		
Esses homens		
Andaluzia		
Verdejante		
Visitação		
Na escola		
Amparo, o Mágico		
Porto sem mar		
Comunhão		
MIRAGEM DE ENGENHO (1984)		
Poema:	Capítulo:	Características:
Estampas de Saubara	II - O sopro da vela	<b>Inquietação:</b> Há certo jogo associativo entre a semântica e os sons (semântico-sonoro); nota-se argumentos ingênuos, sugerindo as <b>crendices populares</b> e seus autos de fé, bem como o questionamento da espiritualidade na projeção do <b>mundo sub-real</b>
Porque é dezembro		
Quando Jesus passar eu quero estar no meu lugar		
Imagem		
MIRAGEM DE ENGENHO (1984)		
Poema:	Capítulo:	Características:
Lapidação	III - Domínio das pedras	<b>Desassossego:</b> É construído a partir de alegorias incisivas sobre os signos e valores universais impressos na sua personalidade de homem e de poeta [...] em sítios adjacentes ao desastre histórico ou trauma pessoal. O resto da ruína que acaso sobreviver carrega a memória das torres caídas (Bhabha, 2002, p.78-79). Estes poemas mobilizam discursos e narrativas aguçando certos recursos visuais do âmago humano que, ao mesmo tempo, produzem o desassossego do debate contínuo entre <b>forças sociais</b> e enfocam, em diversos níveis, as respectivas consequências no “eu” <b>individual e coletivo</b> (Silva, 1984, p. 10).
Domínio das pedras		
Itapira revista		
Zumbi é senhor dos caminhos		
Todo nosso desamor		
Acordante		
Minha máquina de bater		

Elaboração própria.  
Fonte: *Obras Reunidas*, 2021.

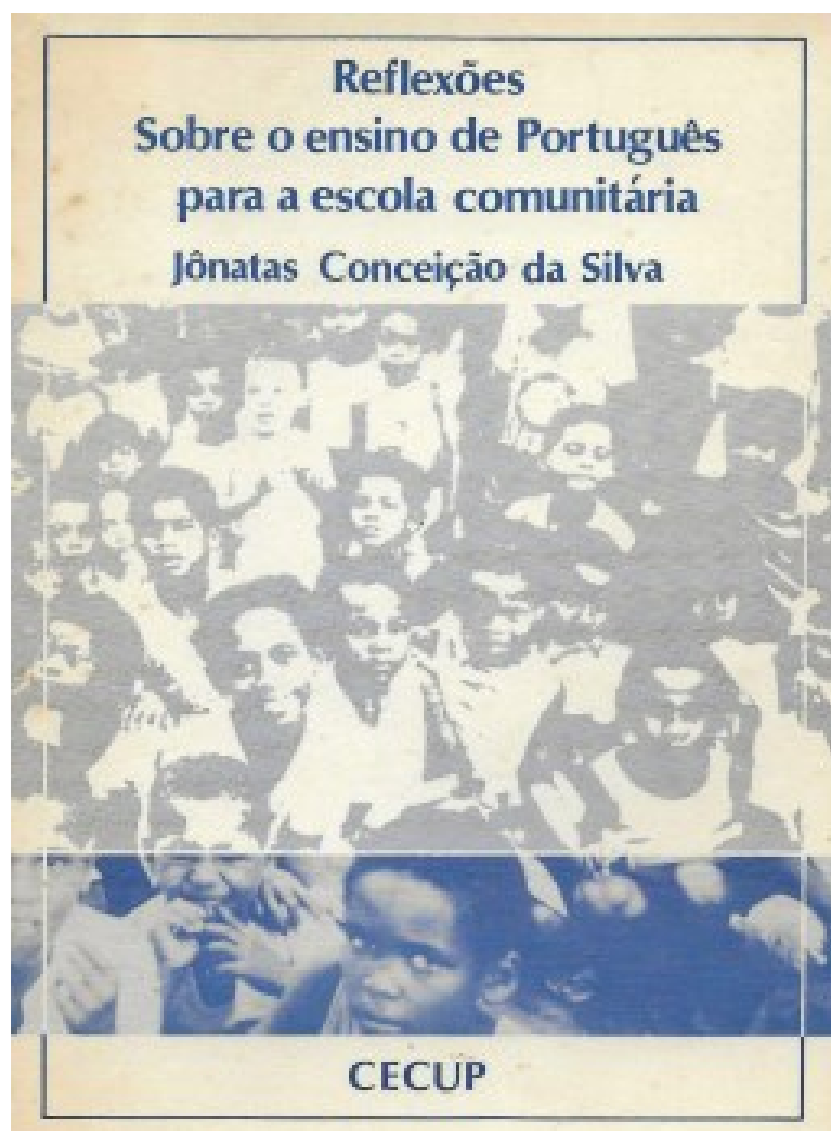
**APÊNDICE 06 – QUADRO ANALÍTICO FICCIONAL: OUTRAS MIRAGENS: MIRAGEM DE ENGENHO (1989)**

<b>OUTRAS MIRAGENS: Miragem de Engenho (1989)</b>		
<b>Poema:</b>	<b>Capítulo:</b>	<b>Características:</b>
8 de dezembro	<b>Outras miragens</b>	<p><b>Desassossego:</b> Entre as <b>miragens</b> e estas <b>outras</b> existem alguns pontos de paralelismo a nível temático na base ou no centro de tudo, ou seja, traços decisivos, o mês de dezembro, a presença afetiva do Engenho Velho, a máquina de escrever. Em um caso, motivo para a expressão de <b>ideal ou desejo</b>; noutro o <b>dilema e a perplexidade</b> (Oliveira Silveira, 1988, In: <i>Outras miragens</i>, p.11-12). Abordando o <b>dilema</b>, como atender aos pedidos do poeta se ele expressa duas <b>vontades diferentes</b> para quando morrer: caixão verde (“Verdejante”) ou canoa (“Odôia!”)? Sujeito poético cuidadoso no trato das palavras, equalizando consciência e emoção. Coisa para a gente saudar com palmas e tambor (Oliveira Silveira, 1988, In: <i>Outras miragens</i>, p.11-12).</p>
A pequena ceia		
Hai-kai prá L.B.		
Poema da Maioridade		
Odôia!		
Meu primeiro calçamento		
Caosnaval		
Tipos de vida		
Naquele tempo tinha bonde		
Canto de amor ao homem do samba batatinha		
Minha máquina de bater Again		

Elaboração própria.  
Fonte: *Obras Reunidas*, 2021.

ANEXO 01 – CAPA DA COLETÂNEA *OBRAS REUNIDAS*: BREVE APRESENTAÇÃO

**ANEXO 02 – CAPA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA A ESCOLA  
COMUNITÁRIA**



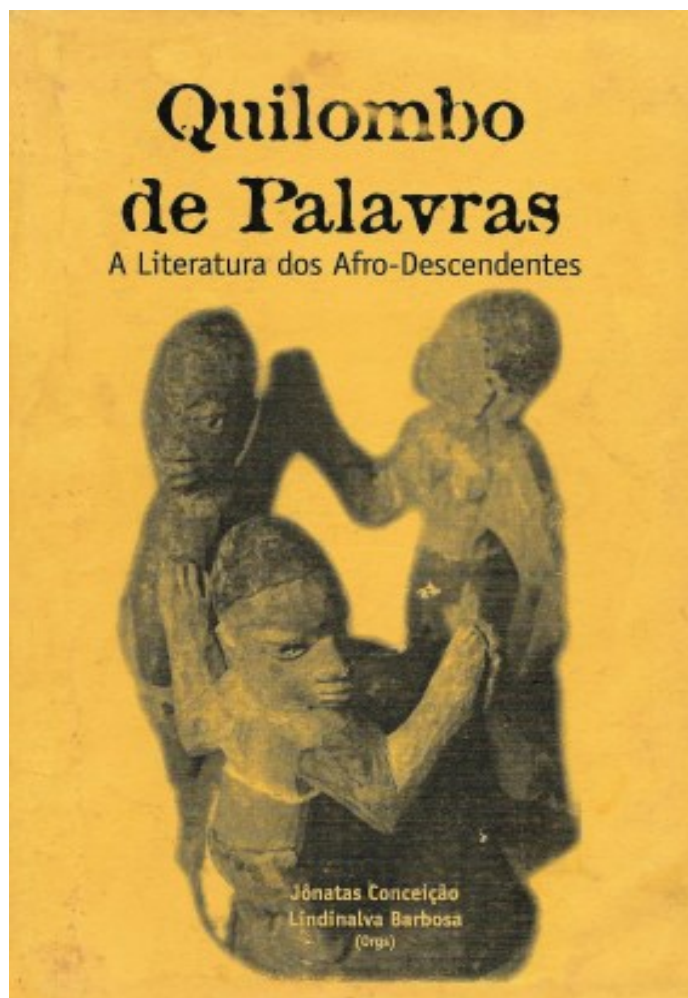
## ANEXO 03 – APRESENTAÇÃO DA CAPA DO LIVRO MIRAGEM DE ENGENHO



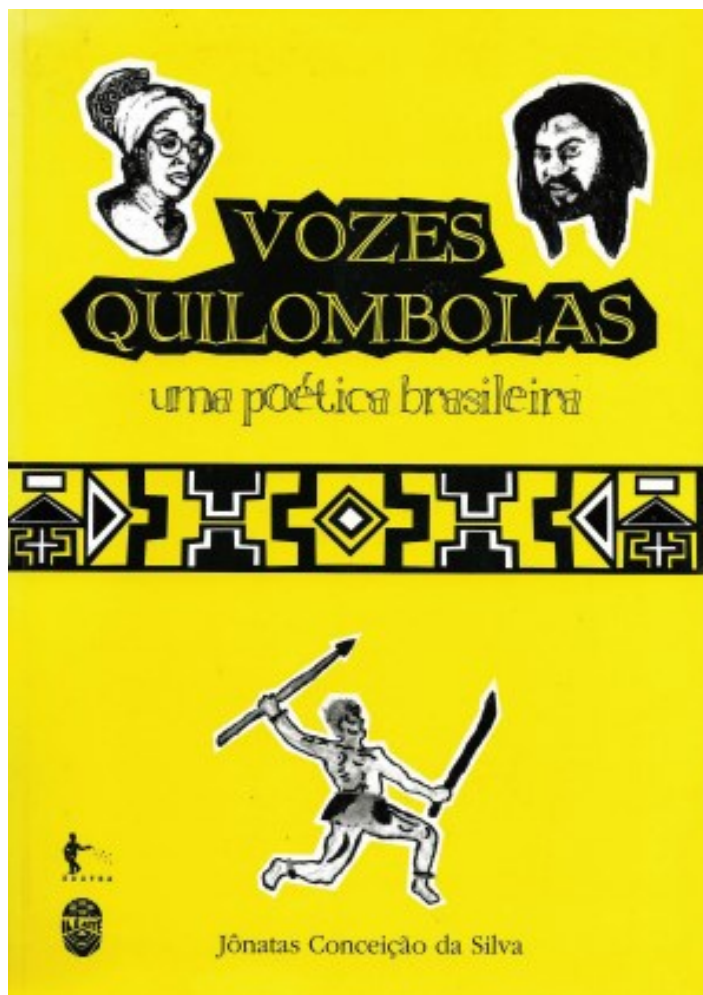
**ANEXO 04 – APRESENTAÇÃO DA CAPA DO LIVRO OUTRAS MIRAGENS: MIRAGENS DE  
ENGENHO**



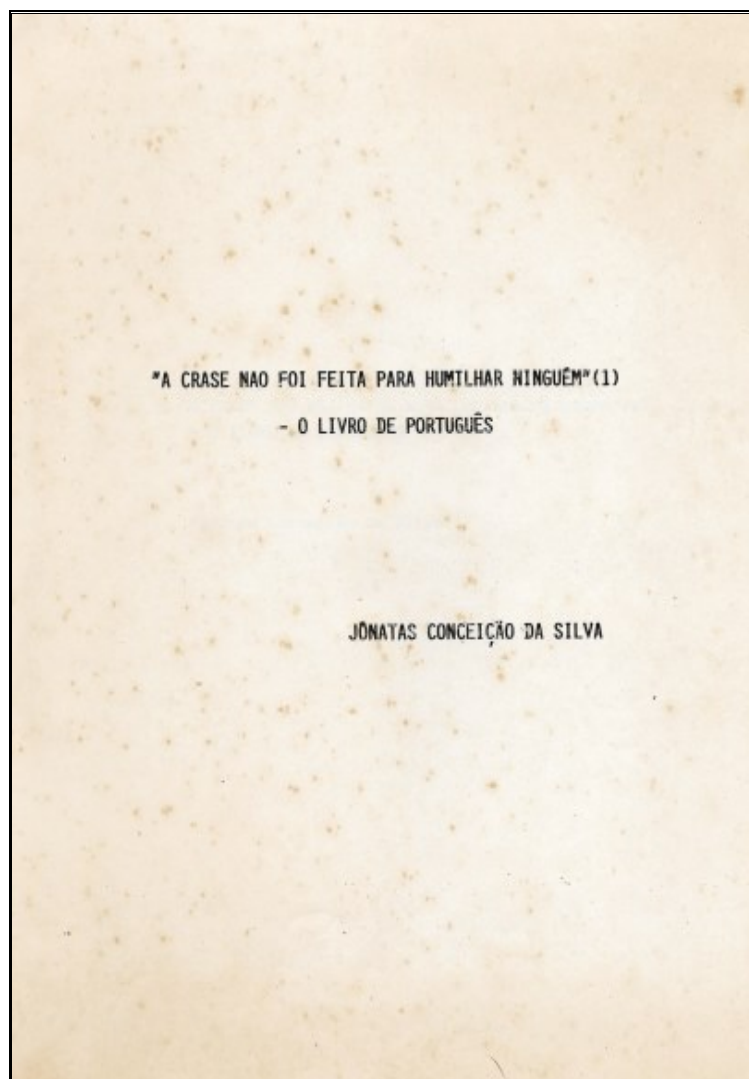
**ANEXO 05 – APRESENTAÇÃO DA CAPA DO LIVRO QUILOMBO DE PALAVRAS: A  
LITERATURA DOS AFRO-DESCENDENTES**



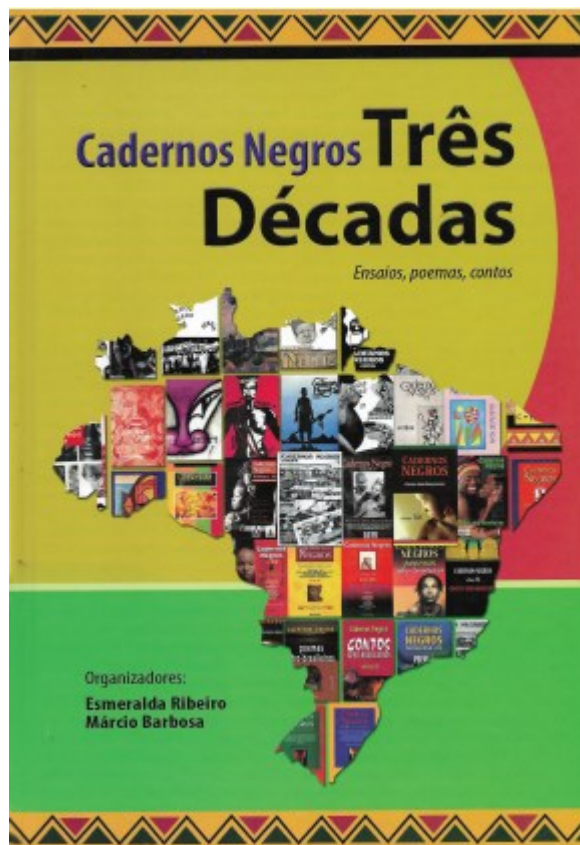
ANEXO 06 – ILUSTRAÇÃO DA CAPA DO LIVRO VOZES QUILOMBOLAS: UMA POÉTICA  
BRASILEIRA



**ANEXO 07 – ILUSTRAÇÃO DA CAPA DO LIVRO A CRISE NÃO FOI FEITA PARA HUMILHAR  
NINGUÉM: O LIVRO DE PORTUGUÊS**



**ANEXO 08 – POEMAS PUBLICADOS NOS CADERNOS NEGROS: TRÊS DÉCADAS – ENSAIOS,  
POEMAS, CONTOS**



## ANEXO 09 – PUBLICAÇÃO NOS CADERNOS NEGROS – VOL. 09: POEMAS

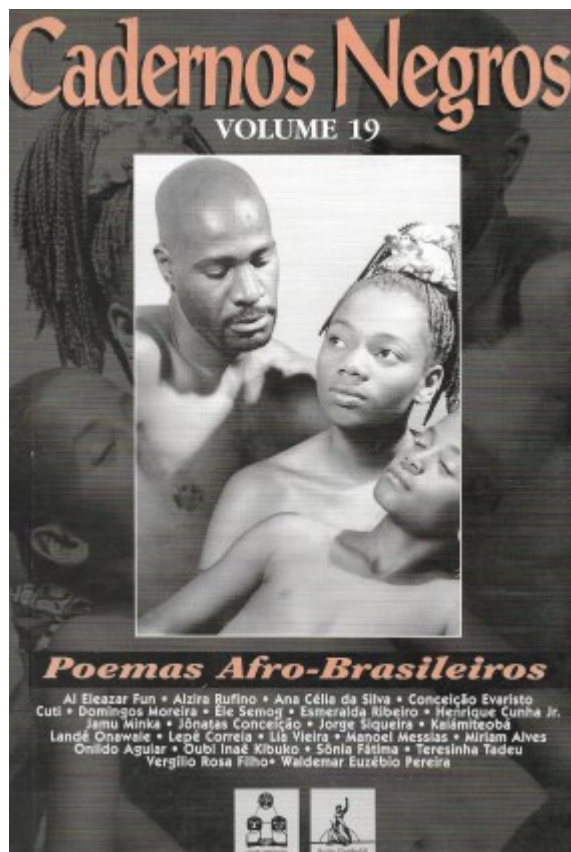


## ANEXO 10 – PUBLICAÇÃO NOS CADERNOS NEGROS – VOL. 10: CONTOS

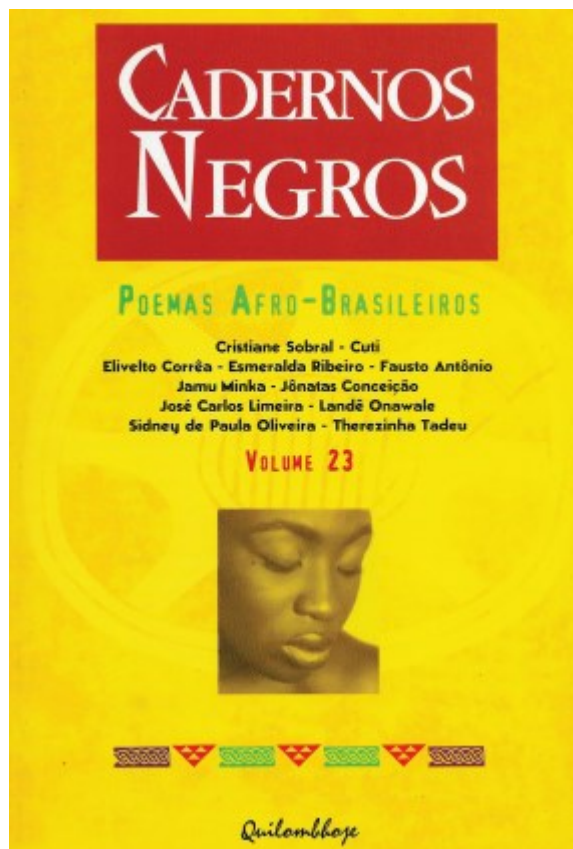
**MARGENS MORTAS**

Conta a história do personagem Sr. Lindoso Cardoso que vivia em amargores. Perjurando constantemente sua mulher e suas filhas, estas, que eram três, viviam em sombras. Agora, além de esconder as muitas misérias, tinham a esconder também falações do pai [...].

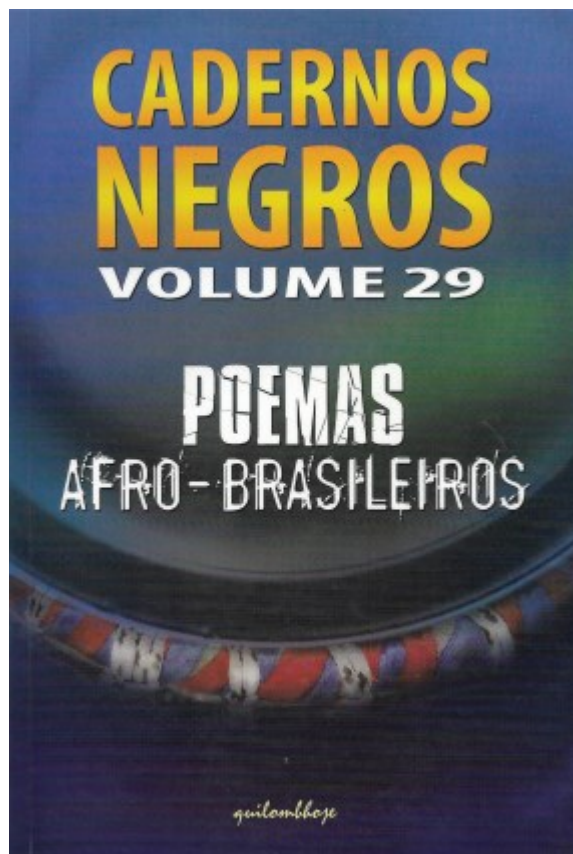
ANEXO 11 – PUBLICAÇÃO NOS CADERNOS NEGROS – VOL. 19: POEMAS AFRO-  
BRASILEIROS



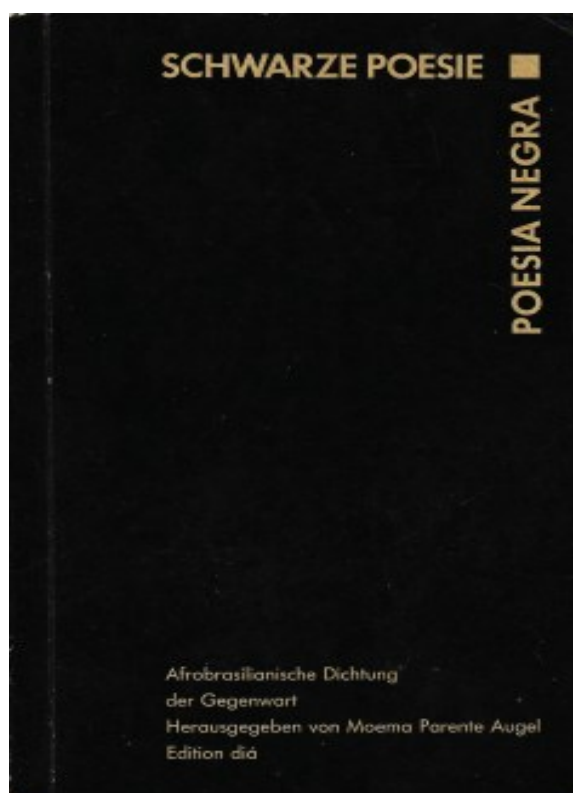
ANEXO 12 – PUBLICAÇÃO NOS CADERNOS NEGROS – VOL. 23: POEMAS AFRO-  
BRASILEIROS



**ANEXO 13 – PUBLICAÇÃO NOS CADERNOS NEGROS – VOL. 29: POEMAS AFRO-  
BRASILEIROS**



## ANEXO 14 – PUBLICAÇÃO NA COLETÂNEA SCHWARZE POESIE – POESIA NEGRA



## ANEXO 15 - CARTA DE PRINCÍPIOS DO MNU

Nós, membros da população negra brasileira – entendendo como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça -, reunidos em Assembleia Nacional, CONVENCIDOS da existência de:

- discriminação racial;
- marginalização racial, política, econômica, social e cultural do povo negro;
- péssimas condições de vida;
- desemprego;
- subemprego
- discriminação na admissão em emprego e perseguição racial no trabalho;
- condições subhumanas de vida dos presidiários;
- permanente repressão, perseguição e violência policial;
- exploração sexual, econômica e social da mulher negra;
- abandono e mal tratamento dos menores, negros em sua maioria;
- colonização, descaracterização, esmagamento e comercialização de nossa cultura;
- mito da democracia racial.

RESOLVEMOS juntar nossas forças e luta por:

- defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais através da conquista de:
- maiores oportunidades de emprego;
- melhor assistência à saúde, à educação e à habitação;
- reavaliação do papel do negro na história do Brasil;
- valorização da cultura negra e combate sistemático à sua comercialização, folclorização e distorção;
- extinção de todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência a que somos submetidos;
- liberdade de organização e de expressão do povo negro;

E, CONSIDERANDO ENFIM QUE:

- nossa luta de libertação deve ser somente dirigida por nós;
- queremos uma nova sociedade onde todos realmente participem;
- como não estamos isolados do restante da sociedade brasileira.

NOS SOLIDARIZAMOS:

- a) Com toda e qualquer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira que vise a real conquista de seus direitos políticos, econômicos e sociais;
- b) Coma luta internacional contra o racismo.

POR UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA RACIAL!  
PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO!

Jônatas Conceição da Silva

Praça da Capelinha, 14 – 40240 – Salvador – Bahia – Brasil

**Referencial:**

SILVA, Jônatas Conceição da. História de lutas negras: memórias do surgimento do movimento negro na Bahia. In: REIS, João José (org.). **Escravidão e invenção da liberdade**: Estudo sobre o negro no Brasil. Co-edição CNPQ. Editora Brasiliense S.A.: São Paulo, 1988, p. 275-288.